

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

AMANDA TIMMEN MELLO

DIACRONIA DO CONTATO ALEMÃO-PORTUGUÊS:
A APROPRIAÇÃO DO PORTUGUÊS EM CARTAS PRIVADAS DO CONTEXTO DE
IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL

PORTO ALEGRE

2024

AMANDA TIMMEN MELLO

DIACRONIA DO CONTATO ALEMÃO-PORTUGUÊS:
A APROPRIAÇÃO DO PORTUGUÊS EM CARTAS PRIVADAS DO CONTEXTO DE
IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, área de Estudos da Linguagem, linha de pesquisa: Sociolinguística.

Orientador: Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen

Porto Alegre

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Marcia Barbosa (Reitora)

Pedro Costa (Vice-Reitor)

INSTITUTO DE LETRAS

Carmem Luci da Costa Silva (Diretora)

Márcia Montenegro Velho (Vice-Diretora)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Elaine Barros Indrusiak (Coordenadora)

Marcos Goldnadel (Vice-Coordenador)

CIP – Catalogação na Publicação

Timmen Mello, Amanda

Diacronia do contato alemão-português: a
apropriação do português em cartas privadas do
contexto de imigração alemã no Brasil / Amanda Timmen
Mello. -- 2024.

143 f.

Orientador: Cléo Vilson Altenhofen.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, , Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. contatos linguísticos. 2. língua de imigração
alemã. 3. mudança linguística. 4. dominância
linguística. 5. estudo de cartas privadas. I.
Altenhofen, Cléo Vilson, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Amanda Timmen Mello

DIACRONIA DO CONTATO ALEMÃO-PORTUGUÊS:
A APROPRIAÇÃO DO PORTUGUÊS EM CARTAS PRIVADAS DO CONTEXTO DE
IMIGRAÇÃO ALEMÃ NO BRASIL

Porto Alegre, 19 de dezembro de 2024

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do
Título de Mestre e aprovada com louvor em sua forma final.

Orientador:

Prof. Dr. Cléo Vilson Altenhofen
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Gerson Roberto Neumann
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.^a Dr.^a Cristiane Horst
Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS)

Prof.^a Dr.^a Luciane Leipnitz
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de estudos concedida.

Agradeço ao querido professor Cléo, pela paciência, bondade, orientação e apoio, sem os quais este trabalho não teria sido realizado. Agradeço também ao Projeto ALMA, por ter despertado em mim o gosto pela pesquisa.

Agradeço ao Prof. Dr. Joachim Steffen, por me receber em minhas duas estadias como pesquisadora visitante na Universidade de Augsburg, bem como ao Centro de Estudos Europeus e Alemães (CDEA UFRGS-PUCRS) e ao Bayerisches Hochschulzentrum für Lateinamerika (BAYLAT), pelos auxílios financeiros concedidos.

Agradeço à colega de pesquisa Mônica Schreiner, pelo prazer de tantas descobertas e aventuras compartilhadas. Agradeço aos meus amigos e colegas de formação, que se alegraram com minhas conquistas e me fizeram ver o quanto sou querida por tantos.

Agradeço ao meu irmão Leonardo, por ser meu exemplo ao enfrentar qualquer situação com equilíbrio e sabedoria, e ao meu irmão Bernardo, por ser meu exemplo ao seguir pela vida sempre demonstrando empatia e brilhando por sua dedicação (como mano grande e ainda mais como pai).

Por fim, agradeço aos meus pais, Margot e Elton, pelo carinho, apoio e amor eternos; pelos ensinamentos que valem mais do que todo o conhecimento que o meio acadêmico pode me dar.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado analisa a presença e influência do português em cartas privadas de imigrantes de fala alemã e seus descendentes no Brasil, entre 1824 e 1991. Para isso, propôs-se os seguintes objetivos: 1) identificar macrotendências da presença do português na variedade do alemão em cartas manuscritas de diferentes períodos do contato alemão-português no Brasil; 2) analisar o avanço da apropriação do português no eixo do tempo, sinalizado no uso da língua alemã e relacionado tanto à história externa (fatores sociais e políticos) quanto à história interna (variação e constituição do sistema da língua local); e 3) analisar as vias de entrada do português na escrituralidade do alemão, na sua relação com o repertório dos falantes, a oralidade e as dinâmicas de contatos linguísticos. Foi adotada uma abordagem macroanalítica e diacrônica, que teve como ênfase a análise de tópicos previamente determinados, através dos quais se buscou compreender as motivações para a apropriação do português na escrita do alemão, considerando aspectos sociolinguísticos e variáveis linguísticas específicas. Entre as variáveis com maior produtividade, mereceram especial atenção a alternância de código (ao nível da frase), tendências na substituição da língua-teto, questões grafemáticas, toponímia, antroponímia (com enfoque nos prenomes), além de romanismos no sentido amplo. A análise envolveu tanto métodos qualitativos, para a interpretação inicial mais detalhada dos textos das cartas, quanto quantitativos, no sentido de evidenciar, por meio de contínuos de análise e gráficos gerados com base em dados coletados no *corpus*, tendências diacrônicas da apropriação do português e, desse modo, de uma romanização em curso na escrita em alemão ao longo dos três períodos históricos estabelecidos para a imigração alemã no Brasil – a saber, 1824-1889, 1890-1940 e pós-1940. Em complemento à análise dos dados de um *corpus* de 139 cartas retirado do banco de dados ALMA-Histórico, foram considerados aspectos relativos à contextualização histórica e teórica, para fundamentar a interpretação dos dados. Os resultados apontaram que a apropriação do português pelos imigrantes de fala alemã e seus descendentes, no meio escrito, reflete uma dinâmica marcante de transformação linguística, cultural e identitária, destacada pela entrada de elementos lexicais do português relacionados ao contexto geográfico, econômico e socioafetivo teuto-brasileiro, que se pode explicar, por um lado, pela necessidade de integração cultural e, por outro, por uma maior mobilidade social ao longo das décadas, pela influência da oralidade, por pressões históricas e políticas de assimilação. O estudo revelou-se produtivo ao viabilizar o uso das cartas privadas não apenas como objeto de estudo histórico, mas também linguístico. Esse enfoque permitiu demonstrar como ambas essas áreas podem atuar de forma complementar, enriquecendo o entendimento da história da imigração e da língua alemã no Brasil.

Palavras-chave: contatos linguísticos; língua de imigração alemã; mudança linguística; estudo de cartas privadas.

ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Masterarbeit untersucht die Präsenz und den Einfluss des Portugiesischen in privaten Briefen deutschsprachiger Einwanderer und ihrer Nachkommen in Brasilien zwischen 1824 und 1991. Zu diesem Zweck wurden die folgenden Ziele gesetzt: 1) die Identifizierung von Makrotrends in der Präsenz des Portugiesischen in der Varietät des Deutschen in handschriftlichen Briefen aus verschiedenen Perioden des deutsch-portugiesischen Kontakts in Brasilien; 2) die Analyse des Fortschritts der Aneignung des Portugiesischen auf der Zeitachse, die sich im Gebrauch der deutschen Sprache zeigt und sowohl mit der äußeren Geschichte (soziale und politische Faktoren) als auch mit der inneren Geschichte (Variation und Konstitution des lokalen Sprachsystems) zusammenhängt; und 3) die Analyse der Art und Weise, wie das Portugiesische in die Skripturalität des Deutschen eingegangen ist, in seiner Beziehung zum Repertoire der Sprecher, zur Oralität und zur Dynamik der Sprachkontakte. Es wurde ein makroanalytischer und diachroner Ansatz gewählt, bei dem der Schwerpunkt auf der Analyse zuvor festgelegter Themen lag, durch die wir versuchten, die Beweggründe für die Aneignung des Portugiesischen in der deutschen Sprache zu verstehen, wobei soziolinguistische Aspekte und spezifische linguistische Variablen berücksichtigt wurden. Unter den produktivsten Variablen wurde besonderes Augenmerk auf Code-Switching (auf Satzebene), Tendenzen zur Ersetzung der Zielsprache, graphematische Fragen, Toponymie, Anthroponymie (mit Schwerpunkt auf Pränomenen) sowie auf Romanismen im weiteren Sinne gelegt. Die Analyse umfasste sowohl qualitative Methoden für eine detailliertere Anfangsinterpretation der Texte in den Briefen als auch quantitative Methoden in dem Sinne, dass mittels Analysekontinua und Diagrammen, die auf der Grundlage der aus dem Korpus gesammelten Daten erstellt wurden, diachrone Trends in der Aneignung des Portugiesischen und damit eine fortlaufende Romanisierung in der deutschen Schrift in den drei historischen Perioden, die für die deutsche Einwanderung nach Brasilien festgelegt wurden – nämlich 1824-1889, 1890-1940 und nach 1940 – aufgezeigt wurden. Neben der Analyse der Daten eines Korpus von 139 Briefen aus der ALMA-Historical-Datenbank wurden auch Aspekte der historischen und theoretischen Kontextualisierung berücksichtigt, um die Interpretation der Daten zu unterstützen. Die Ergebnisse zeigen, dass die Aneignung des Portugiesischen durch deutschsprachige Einwanderer und ihre Nachkommen in schriftlicher Form eine ausgeprägte Dynamik des sprachlichen, kulturellen und identitätsstiftenden Wandels widerspiegelt, die durch die Aufnahme portugiesischer lexikalischer Elemente im Zusammenhang mit dem deutsch-brasilianischen geografischen, wirtschaftlichen und sozio-affektiven Kontext hervorgehoben wird, was sich einerseits durch die Notwendigkeit der kulturellen Integration und andererseits durch die größere soziale Mobilität im Laufe der Jahrzehnte, durch den Einfluss der Mündlichkeit sowie durch den historischen und politischen Assimilationsdruck erklären lässt. Die Studie erwies sich als produktiv, da sie es ermöglichte, Privatbriefe nicht nur als historisches, sondern auch als sprachliches Studienobjekt zu verwenden. Auf diese Weise konnte gezeigt werden, wie sich beide Bereiche gegenseitig ergänzen und das Verständnis für die Geschichte der Einwanderung und der deutschen Sprache in Brasilien bereichern.

Schlüsselwörter: Sprachkontakte; deutsche Einwanderungssprache; Sprachwandel; Untersuchung von Privatbriefen.

LISTA DE GRÁFICOS E QUADROS

Gráfico 1 – Porcentagem de cartas em cada período conforme língua de escrita	83
Gráfico 2 – Porcentagem de cartas em cada período conforme ocorrência de alternância de código (AC)	86
Gráfico 3 – Diacronia da romanização dos topônimos	93
Gráfico 4 – Porcentagem de cartas em cada período conforme o gênero dos escreventes	95
Gráfico 5 – Diacronia da romanização dos prenomes	100
Gráfico 6 – Frequência dos temas tratados nas cartas por período histórico da imigração	102
Gráfico 7 – Porcentagem de romanismos presentes nas cartas, conforme a classe gramatical	110
Gráfico 8 – Diacronia da romanização da grafia de “milho”	113
Gráfico 9 – Diacronia da romanização da grafia do ditongo nasal [ẽw̃]	115
Quadro 1 – Guia de interpretação das análises quantitativas conforme classificação, símbolo e apropriação do português	79
Quadro 2 – Frequência dos tipos de topônimos mencionados em cada período	89
Quadro 3 – Nomes masculinos e femininos com maior frequência em cada período	97
Quadro 4 – Marcas de romanização encontradas em frases e expressões de cada período ...	108
Quadro 5 – Verbos e adjetivos com marcas de romanização de cada período	112

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização da matriz de origem do Hunsrückisch na Alemanha	23
Figura 2 – O “leque renano” de Frings (1956)	24
Figura 3 – Localização da matriz de origem do Hunsrückisch e das demais variedades presentes no Brasil.....	27
Figura 4 – Formação das áreas <i>Deitsch</i> e <i>Deutsch</i> do Hunsrückisch Riograndense	28
Figura 5 – Topodinâmica das migrações do Hunsrückisch no Brasil e na Bacia do Prata	29
Figura 6 – Esquema global para a distinção do grau de imediatez ou distância (com destaque para <i>f</i> “carta privada”).....	65
Figura 7 – Exemplo de carta de Feliz (RS), 1856	70
Figura 8 – Exemplo de carta de Estrela (RS), 1919	71
Figura 9 – Recorte da tabela geral para coleta de dados do <i>corpus</i>	77
Figura 10 – Recorte da planilha de gráficos do mapa <i>matrix</i> para análise diacrônica	81
Figura 11 – Localização geográfica dos topônimos mencionados em cada período histórico.	92

APOIO DE FINANCIAMENTO CNPq

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) – Código 001.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	13
2.	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	20
2.1	A VARIEDADE DO ALEMÃO NO BRASIL	20
2.1.1	Da matriz de origem ao novo meio.....	20
2.1.2	Considerações sobre a região de partida e o letramento de alguns imigrantes.....	23
2.1.3	Dinâmicas do novo meio: o Hunsrückisch como “língua de mediação” entre as variedades regionais do alemão no Brasil	27
2.2	SOBRE UMA PRÉ-HISTÓRIA POSSÍVEL: ASPECTOS FACILITADORES DA ROMANIZAÇÃO	31
2.3	A HISTÓRIA DO CONTATO ALEMÃO-PORTUGUÊS NO BRASIL.....	34
2.3.1	1824-1889: velhas e novas colônias	35
2.3.2	1890-1940: da República ao Estado Novo	39
2.3.3	Pós-1940: pesquisas e políticas pela diversidade linguística.....	42
3.	EMBASAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO	46
3.1	A LÍNGUA COMO OBJETO DE ESTUDO	46
3.1.1	Variação e mudança da língua	47
3.1.2	A língua na dimensão diamésica	50
3.2	PLURILINGUISMO E CONTATOS LINGUÍSTICOS	51
3.2.1	Repertório plurilíngue e o conceito de “apropriação”	53
3.2.2	Processos de apropriação linguística	55
3.3	CARTAS PRIVADAS COMO OBJETO DE ESTUDO.....	63
3.3.1	A questão da oralidade vs. escrituralidade	64
3.3.2	Algumas implicações metodológicas	66

3.4	CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> E MÉTODO DE ANÁLISE.....	69
3.4.1	Caracterização do banco de dados do ALMA-Histórico.....	69
3.4.2	O <i>corpus</i> e os tópicos de análise selecionados	73
3.4.3	Métodos para a análise das cartas	77
4.	ANÁLISE DOS DADOS	83
4.1	ALTERNÂNCIA E SUBSTITUIÇÃO.....	83
4.2	TOPONÍMIA	88
4.2.1	De onde e para onde se escreve: localidades em destaque ao longo do tempo	88
4.2.2	Romanização dos nomes de lugares ao longo do tempo	93
4.3	ANTROPONÍMIA (PRENOMES)	95
4.3.1	Quem escreve: escreventes e seus interlocutores ao longo do tempo	95
4.3.2	Romanização dos prenomes ao longo do tempo.....	99
4.4	ROMANISMOS	101
4.4.1	Sobre o que se escreve: temáticas e repertório ao longo do tempo	101
4.4.1.1	<i>Frases e expressões</i>	107
4.4.2	Classes de palavras encontradas	110
4.4.3	Romanização da palavra “milho” e do ditongo nasal [ẽw̃] ao longo do tempo.....	113
4.5	SÍNTESE: DIACRONIA DA APROPRIAÇÃO DO PORTUGUÊS NO ALEMÃO	116
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
	REFERÊNCIAS	121
	ANEXO A – Contínuos de romanização dos topônimos por período histórico.....	133
	ANEXO B – Contínuos de romanização dos prenomes por período histórico	136
	ANEXO C – Quadro completo de romanismos	139

1. INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado insere-se no âmbito das pesquisas sobre contatos linguísticos, sobretudo da área entendida hoje como Sociolinguística de Contato, e dos estudos sobre a história da imigração alemã para o Brasil, tendo como tema a presença e influência do português em cartas privadas do contexto da imigração alemã brasileiro e mais amplo, por vezes atravessando fronteiras. O estudo desenvolveu-se na esfera do macroprojeto ALMA (“Atlas Linguístico Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata”),¹ mais especificamente como parte dos desdobramentos do ALMA-Histórico, cujo acervo de cartas privadas é aqui objeto de estudo. Propõe-se, nesta dissertação, além de uma revisão histórica e conceitual, uma análise diacrônica da apropriação do português a partir de um *corpus* de 139 cartas escritas por imigrantes e seus descendentes no Brasil, entre 1824 e 1991. Para tanto, parte-se da análise de fenômenos como a ocorrência de alternância de código ao nível da frase e indícios de substituição da língua-teto, ou seja, da substituição da norma *standard* do alemão pelo português, nas funções formais, incluindo sobretudo a escrita (v. Altenhofen, 2016; Kloss, 1976), como no caso das cartas analisadas. A análise engloba, além disso, a apropriação de formas lexicais, semânticas, grafemáticas, de topônimos, bem como de prenomes, portanto considerando aspectos da antroponímia.

Primeiramente, é preciso destacar que este estudo confronta-se com duas noções de história da língua, conforme acentua Faraco (2016): uma “história interna”, que aborda mudanças estruturais, observando o funcionamento de determinado sistema linguístico; e uma “história externa”, que analisa as mudanças na língua a partir de sua relação com fatores sociais, culturais, políticos, geográficos, entre outros fatores relacionados ao meio em que seus falantes estão inseridos. Quanto à essência da análise empreendida, que conjuga variação interna com fatores externos, pode-se dizer que o estudo compartilha aspectos relevantes com a pesquisa variacionista, que igualmente busca o preenchimento de algumas lacunas acadêmicas. Afinal, como aponta Lucchesi (2012, p. 793), a Teoria da Variação e da Mudança Linguística “não foi capaz de formular uma visão abrangente que capturasse satisfatoriamente a dimensão sócio-histórica da linguagem na análise dos processos particulares de variação e mudança”. Busca-se, dessa forma, trazer aqui elementos da história da imigração alemã no Brasil, em especial a partir de aspectos culturais e sociais da vida dos imigrantes, à exploração sociolinguística do

¹ O macroprojeto ALMA está vinculado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), no Brasil, e à Christian-Albrechts-Universität zu Kiel (CAU), na Alemanha, e atua sob coordenação dos pesquisadores Cléo Vilson Altenhofen (Porto Alegre) e Harald Thun (Kiel).

papel do português na configuração e nas mudanças sofridas pela variedade do alemão no Brasil.

Em segundo lugar, é preciso destacar a relevância da análise de *dados escritos* na descrição de mudanças linguísticas em tempo real resultantes de algum tipo de contato linguístico, como o que é abordado nesta dissertação. O alemão como língua de imigração em contato no Brasil já foi amplamente estudado no âmbito do macrojeto ALMA,² assim como, para citar apenas alguns exemplos, nas pesquisas de Habel (2022) – que enfoca o contato boêmio-pomerano-hunsriqueano –, de Habel (2017a) e Prediger (2019) – com foco específico no alemão boêmio –, Horst (2014) – abordando o contato westfaliano-português-hunsriqueano –, além de Dück (2011) – para o alemão de comunidades menonitas – e Machado (2016) – com foco no contínuo *standard-substandard* do alemão em contato com o português. O que se tem nesses estudos, contudo, parte da observação de dados de fala em tempo aparente, ou seja, análises sincrônicas de elementos da oralidade, algo que difere da contribuição que se procura prestar aqui. O relevante é que as observações focadas na análise de dados da oralidade evidenciam que a escrituralidade, no contexto da imigração alemã para o Brasil, foi por muitos anos um ideal a ser seguido na fala.

Ainda que não haja dados da quantidade de imigrantes que sabia ler e escrever, o que se sabe é que, quem escrevia, fazia-o em alemão *standard* – isso fica evidente, por exemplo, quando se analisam inscrições de cemitérios ou placas públicas (Altenhofen; Morello et al., 2018). Entre 1850 e 1930, o Hochdeutsch foi para os teuto-brasileiros a *Schriftsprache*, tendo a chegada de *Zuwanderer* (pt. “remigrantes”) e a predominância de aulas, jornais e ritos religiosos em língua alemã alimentado essa realidade (Dreher, 2008, 2014; Gertz, 2004). Na fala, esse ideal era reproduzido na forma mais próxima ao *standard* que se podia encontrar, representado por um tipo de *Hochdeutsch*, o Hunsrückisch, como se depreende das pesquisas. Esse nivelamento linguístico, expresso através do uso do hunsriqueano, portanto, na *oralidade*, como “língua de mediação” (Altenhofen, 2019) entre as diferentes variedades e o alemão *standard*, predominante na escrita, já é sabido, e é uma consequência inevitável do contato entre as diferenças regionais trazidas da matriz de origem pelos imigrantes.

Este estudo, por sua vez, busca contribuir com o preenchimento da lacuna no que se sabe sobre o papel da *escrituralidade* na manutenção e configuração de base contatual desse alemão. Para tanto, optou-se por aprofundar a questão sobre a presença do português no “alemão escrito”, buscando com isso elucidar, no eixo do tempo, como o português foi se

² Para conferir a bibliografia completa vinculada ao ALMA, acessar: www.ufrgs.br/projalma/.

inserindo no alemão (vitalidade interna), até o ponto de também enfraquecer, em certo sentido, sua vitalidade externa no contato alemão-português (v. Altenhofen; Mello, 2024).

Sabe-se que, ao mesmo tempo em que se incentivava a manutenção do alemão a partir do meio escrito e de instituições como a escola, a imprensa e a igreja, a história externa também atuava sobre a língua desses imigrantes. Já antes de 1850, à época da chegada dos primeiros alemães ao Brasil, o novo meio encontrado pelos recém chegados equivalia a um mundo bastante diferente da Alemanha de então. Sendo o português a língua legítima que dava conta das necessidades comunicativas desse meio social e cultural, foi inevitável sua entrada no repertório desses imigrantes, uma vez que apenas com o alemão não dariam conta da nova realidade, ou seja, o uso apenas do alemão não seria suficiente para uma devida adaptação e aceitação no novo meio.

Vale destacar ainda que a mudança da matriz de origem para o novo meio representou, via de regra, também uma perda do suporte institucional principalmente para a língua escrita, retomado apenas lenta- e paulatinamente ao longo dos anos. É na virada do século, principalmente com a década de 1930 e as medidas implementadas pelo Estado Novo, que se chega enfim a um ponto de ruptura para a língua escrita no contexto teuto-brasileiro. A Campanha da Nacionalização, que entre outras medidas proibiu o ensino e uso de línguas de imigração, constituiu o período que se tornou um marco, segundo Altenhofen (2016), da *Dachsprachenwechsel* (pt. “substituição da língua-teto”). Ou seja, o alemão *standard* passou a ser substituído pelo português em situações formais, em especial na escrita – a substituição iniciaria, de fato, pela escrita, como será melhor abordado adiante. Essa mudança é evidenciada pela diferença na competência escrita entre as gerações, ficando o uso do alemão restrito ao domínio da família e sobretudo à fala, com predomínio das marcas mais dialetais, isto é, identificadas com as práticas linguísticas de cunho local.

Com relação ao tipo de dado escrito que se analisa neste estudo, referente à língua escrita do gênero carta privada, não é de modo algum uma novidade no campo dos estudos históricos.³ Contudo, análises *linguísticas* de cartas privadas têm sido, no contexto brasileiro, um terreno ainda não tão desbravado. O que se tem como estudo linguístico parte de pesquisas que fazem uso do mesmo acervo de cartas do ALMA-Histórico, utilizado aqui e coletado entre os anos de 2011 e 2013.⁴ Na ausência de gravações da fala dos imigrantes do séc. XIX, as cartas privadas, ainda mais do que relatos de viagem e atas de associações, são entendidas aqui como as fontes

³ Cf. Stolz (1997), Alves (2003), Sant’Ana (2004) e Biehl e Mügge (2022).

⁴ Cf. Steffen (2013, 2016), Schreiner (2023) e Pavan (2023).

mais próximas da fala cotidiana dos períodos iniciais e basilares da história da imigração alemã no Brasil. Além disso, esse tipo de dado, representado pelas cartas, fornece um valioso elo de ligação entre a história/vitalidade externa e a história/vitalidade interna da língua, por se tratar da “fala escrita” de pessoas leigas. Estas, comparativamente com pouca instrução, possuíam um conhecimento muitas vezes apenas parcial da norma escrita, deixando assim emergir elementos da fala corrente e condições do contexto histórico em que escreviam. Em outras palavras, portanto, este estudo busca, por meio da escrita privada, jogar luz sobre aspectos da linguagem do dia a dia de tempos passados, logo, da “voz dos imigrantes” – a população autêntica que formava as comunidades, em contraste com a voz dos jornais, da imprensa, da política, de intelectuais renomados da época que constituía, antes, uma variedade à parte em meio à imigração.

Por fim, destaca-se a abordagem do tema dos contatos e mudanças linguísticas à luz do multi- e plurilinguismo, considerando o repertório amplo e complexo dos falantes/escreventes autores das cartas analisadas. Esse repertório, no caso dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil, começou a ser constituído ainda na matriz de origem e seguiu sendo complementado em solo brasileiro. Espera-se, nesta dissertação, que seu desenvolvimento e concretização possa ser melhor compreendido e elucidado por meio da língua escrita nas cartas privadas. A partir da expressão desse repertório no meio escrito, é possível encontrar pistas sobre a evolução da vitalidade interna da língua desses imigrantes, na forma de sua constituição e mudança, bem como da vitalidade externa, referente a sua manutenção como língua de imigração alemã falada no Brasil. Pretende-se analisar diferentes formas de apropriação linguística para esses dois aspectos da vitalidade, por um lado, tendo como parâmetro desde a simples apropriação de formas linguísticas até a ocorrência de *code-switching*, por outro, identificando padrões gerais relacionados à história da imigração e à evolução do uso social e escrito da variedade dos imigrantes.

É difícil, contudo, identificar padrões gerais de mudança linguística em contextos de multi- e plurilinguismo, devido às diversas dimensões que comunidades de falantes desse tipo apresentam. Logo, como identificar as principais tendências? No mínimo, a partir de dois eixos de análise do comportamento linguístico, conforme Altenhofen (2024): o eixo do *espaço* e o eixo do *tempo*. Em estudo recente, Mello (2022) e Altenhofen e Mello (2024) apontaram uma variação do grau de dominância do português no alemão falado (no caso, o Hunsrückisch) relacionada à configuração de determinados espaços de uso. No presente trabalho, intenta-se analisar a *apropriação* do português relacionada à *configuração* da variedade do alemão, no eixo do tempo, portanto diacronicamente, sendo para tanto essencial utilizar dados como os das

cartas privadas, que oferecem um eixo temporal de análise bastante único. Visto que essas cartas são cronologicamente identificadas – poder-se-ia dizer “datadas e localizadas” –, além de serem escritas por indivíduos comuns com diferentes níveis de letramento e com o objetivo de simplesmente comunicar, tem-se uma base bastante sólida para correlacionar a ocorrência e consequente integração do português no alemão com os diferentes períodos de contato e os fatores sócio-históricos que caracterizam e influenciam a língua de imigração em cada período.

Diante do que foi abordado até este ponto, pode-se afirmar que a presente dissertação tem como objetivo geral analisar a influência do português na configuração e mudança do alemão no eixo da diacronia (tempo real), no caso, desde a chegada dos imigrantes (a partir de 1824) até o período mais recente (anos 1990). Em termos de configuração da língua de imigração, observa-se a necessidade crescente do imigrante de se apropriar de elementos do novo meio para dar conta das necessidades comunicativas e de integração à sociedade local. Isso engloba, por exemplo, denominações de elementos específicos da natureza (como fauna e flora) e do sistema social vigente (sobretudo aspectos da Educação e da Economia). Em contrapartida, na medida em que o português como língua dominante ocupa um espaço crescente no sistema da língua, vão ruindo as marcas definidoras da variedade do alemão, enfraquecendo sua estrutura e tornando-o consequentemente mais suscetível à perda e substituição pelo português (Altenhofen; Mello, 2024).

Daí decorrem os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar macrotendências da presença do português na variedade do alemão em cartas manuscritas de diferentes períodos do contato alemão-português no Brasil;
- b) Analisar o avanço da apropriação do português no eixo do tempo, sinalizado no uso da língua alemã e relacionado tanto à história externa (fatores sociais e políticos) quanto à história interna (variação e constituição do sistema da língua local);
- c) Analisar as vias de entrada do português na escrituralidade do alemão, na sua relação com o repertório dos falantes, a oralidade e as dinâmicas de contatos linguísticos.

A partir dos objetivos apresentados, colocam-se algumas perguntas que este trabalho busca responder, respeitando suas limitações: Como o português influencia o alemão ao longo do tempo? Como ele contribui para auxiliar o alemão a “dar conta”, suprir com as necessidades impostas pelo novo meio? Quais são as motivações para a entrada do português no alemão? Como se dá a relação entre oralidade e escrituralidade no eixo do tempo? O que se transfere do português para o alemão, da oralidade para a escrita e vice-versa? Tudo isso apresenta relação com o período histórico? Apesar de perdas significativas, na segunda metade do século XIX,

há um *boom* de escolas, chegam novos imigrantes, surge a imprensa teuto-brasileira... como esse suporte vai ajudar também a manter a língua? Como a ruptura imposta à época do Estado Novo se faz visível nas cartas? Quais marcas do português podem ser encontradas e como se dá sua integração ao alemão?

Para poder responder a essas perguntas, algumas exigências devem ser seguidas, sendo elas a delimitação de uma metodologia específica e clara e a escolha de elementos passíveis de análise. São analisadas 139 cartas do acervo do ALMA-Histórico, sendo esse *corpus* composto por cartas que abrangem três períodos históricos: 34 cartas de 1824 a 1889, 87 de 1890 a 1940 e 18 do período pós-1940. Os tópicos de análise qualitativa e quantitativa refletem o contato linguístico alemão-português e sua evolução ao longo do tempo, abordando os seguintes temas:

- 1) alternância de código e substituição da língua-teto, isto é, observando casos de alternância do uso do alemão e do português ao nível da frase (intra- e inter-sentencial) e o aumento de cartas escritas integralmente em português, além de mudanças grafemáticas;
- 2) toponímia, onde os nomes de localidades revelam a gradual incorporação de elementos do português e os diversos fluxos migratórios ao longo dos períodos;
- 3) antroponímia (foco em prenomes), que pode indicar também a progressiva autoidentificação dos imigrantes com o Brasil; e
- 4) romanismos relacionados à incorporação de léxico e estruturas gramaticais do português (e potencialmente também do espanhol e italiano em determinadas áreas), com destaque para variáveis como a grafia do vocábulo *milho* e do ditongo *-ão*, ilustrando o processo de integração cultural e linguística dos imigrantes.

Para quantificar e comparar os dados, foi criado um sistema baseado na cartografia do ALMA-H, que classifica as variantes em um contínuo entre extremos de influência do alemão [+Dt] e do português [+Pt]. Esse sistema possibilitou a criação de gráficos de progressão diacrônica que buscam ilustrar como a apropriação do português se comporta ao longo do tempo, sendo úteis para mapear o aumento ou possível recuo do processo de romanização, considerando os tópicos de análise predeterminados.⁵

Esta dissertação está organizada em cinco capítulos, cuidadosamente delineados para proporcionar uma compreensão abrangente do tema estudado. Nesta Introdução, foram apresentados o tema, a problemática, a justificativa, os objetivos e as hipóteses do estudo,

⁵ A caracterização do *corpus* e dos tópicos de análise, bem como a metodologia deste trabalho são apresentadas em detalhe nas subseções 3.4.2 e 3.4.3.

estabelecendo os fundamentos para a realização da pesquisa. O capítulo seguinte, Contextualização Histórica, ocupa-se com a constituição da variedade do alemão falada no Brasil, além de buscar traçar um quadro da evolução histórica do contato entre o alemão e as línguas românicas em geral e, especificamente, do contato entre o alemão e o português em solo brasileiro. A faceta histórica do contato alemão-português no Brasil já foi apresentada em Altenhofen (1996, p. 63, quadro 8) e em Altenhofen, Steffen e Thun (2018), de forma que se procura aqui sintetizá-la e inseri-la no escopo desta dissertação. Em seguida, no terceiro capítulo, Embasamento Teórico e Metodológico, detalham-se os conceitos básicos que sustentam a pesquisa, bem como os procedimentos e técnicas empregados para a seleção e análise dos dados, garantindo a transparência e a replicabilidade do estudo. Por fim, o capítulo Análise dos Dados é dedicado à análise dos resultados da pesquisa, interpretados de forma crítica e em correlação com fatores sociais e históricos, assim como também de ordem teórica e linguística. Segue-se uma síntese das principais contribuições da pesquisa, nas Considerações Finais.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O presente capítulo é dedicado à contextualização da pesquisa, de forma a recapitular a história da imigração alemã no Brasil, especificar o recorte de variedades do alemão estudado, bem como elucidar o percurso do contato linguístico alemão-português em terras brasileiras. De onde vieram os primeiros imigrantes alemães que chegaram ao Brasil? Por que vieram? Como era linguisticamente a matriz de origem de onde partiram? Como é o alemão falado no sul do Brasil e como o Hunsrückisch prevalece como *língua de mediação* local (Altenhofen, 1996)? Houve contatos linguísticos ainda na Alemanha que podem ter facilitado a romanização do alemão falado no Brasil? Como se deu o contato alemão-português no novo meio e como a base histórico-contatual da imigração se reflete na língua e cultura dos imigrantes e seus descendentes? Enfim, quais avanços foram feitos quanto ao estudo e à manutenção das línguas minoritárias no Brasil? Uma sumarização histórica é proposta inicialmente, tendo como norte e buscando esclarecer essas questões.

2.1 A VARIEDADE DO ALEMÃO NO BRASIL

2.1.1 Da matriz de origem ao novo meio

O século XIX foi para a Europa e para o mundo ocidental um verdadeiro divisor de águas que desaguaram na sociedade moderna. Trata-se de um espaço de tempo que engloba, assim, eventos políticos, inovações científicas e ideológicas e revoluções que marcaram a história da humanidade, tudo isso em meio ao avanço da industrialização e à consolidação de uma sociedade permeada pela luta de classes (Kocka, 2001). É justamente na primeira metade desse século tão notável que tem início um longo processo emigratório para além do território da atual Alemanha, que na época ainda não constituía o estado nacional que conhecemos hoje. Um dos destinos dessas levas migratórias, que se estenderam por quase um século, foi o Brasil.

A partir da primeira metade de 1800, chegaram ao Brasil imigrantes de diferentes regiões da Alemanha, trazendo consigo variedades dialetais e bagagens culturais diversas que, em terras latino-americanas, passaram a compartilhar um novo espaço geográfico e social (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018). Quando se questiona o porquê de tantas famílias e cidadãos isolados terem deixado sua terra natal nesse momento da história, é frutífero trazer para a discussão o que se conhece hoje como *Push-and-Pull Migration Modell*, que Alheit (2020) empresta de Lee (1966) para sua análise das motivações da emigração. A partir desse modelo,

pode-se considerar que, quando se fala de migração, fala-se de um ato que envolve uma origem, um destino e uma série de obstáculos que intervêm no caminho entre os dois, distinguindo fatores que atraem os migrantes (fatores de atração, *Push-Motives*) de outros que tendem a repeli-los (fatores de pressão/expulsão, *Pull-Motives*) (Lee, 1966; Alheit, 2020).

Quanto à emigração alemã para o Brasil, sabe-se que uma das regiões de onde saíram boa parte dos migrantes no início do século XIX remete à região do Hunsrück e seu entorno na Renânia Central (Altenhofen, 1996). A região renana, especificamente, esteve sob ocupação francesa ao longo do Império Napoleônico (1794-1814), de forma que, por conta dos altos fornecimentos que tiveram de ser feitos às forças gaulesas, finda a ocupação, a pobreza e a miséria que já assombravam a Alemanha desde o final do século anterior foram intensificadas (Dreher, 2014). Condições precárias de manutenção de prédios e instituições públicas, somadas à escassez e fome decorrentes do *boom* populacional europeu na virada do século, fizeram da emigração uma medida de controle para as forças do Reino da Prússia e uma esperança para parte da população, em especial as camadas rurais (Dreher, 2014; Kocka, 2001). Como sintetiza Altenhofen (1966, p. 15, tradução nossa⁶), “entre os motivos que levaram os emigrantes ao exterior estavam as guerras, o serviço militar, a intolerância religiosa, a busca pela liberdade, mas principalmente as dificuldades econômicas e a fome como resultado das más colheitas dos anos em torno de 1816”. Dessa forma, a crise e as dificuldades na terra natal podem ser consideradas fatores de pressão/expulsão para a partida de alemães com destino ao Brasil – localidade que ganhava destaque na época devido a certos elementos mais convidativos.

Cartas datadas do período inicial da imigração alemã no Brasil, enviadas de recém imigrados aos seus familiares no antigo continente, não deixam de descrever a melhor qualidade de vida em solo brasileiro se comparada à realidade vivida na Europa. Nas cartas, evidencia-se como o clima favorável e o solo fértil do sul do país permitiriam fartas colheitas e meios de subsistência; o colono teria sua própria terra, possuiria seu próprio cavalo, não passaria fome e nem muitas outras necessidades no geral (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018; v. também os contos no *Koseritz' Deutscher Volkskalender*, descritos por Koch, 1964a, 1964b). Assim, as cartas, bem como as propagandas de agências de emigração e a necessidade de povoação e mão-de-obra por parte do império brasileiro funcionaram como uma forma de divulgação dos fatores de atração para novos imigrantes, tal qual uma propaganda do futuro cheio de esperança que o novo meio poderia oferecer (Altenhofen, 1996; Altenhofen, Steffen; Thun, 2018).

⁶ No original: „Zu den Gründen, welche die Auswanderungswilligen in die Ferne trieben, zählten Kriege, Militärdienst, religiöse Unduldsamkeit, Suche nach Freiheit, insbesondere aber wirtschaftliche Not und Hunger infolge der Miß-ernten der Jahre um 1816“.

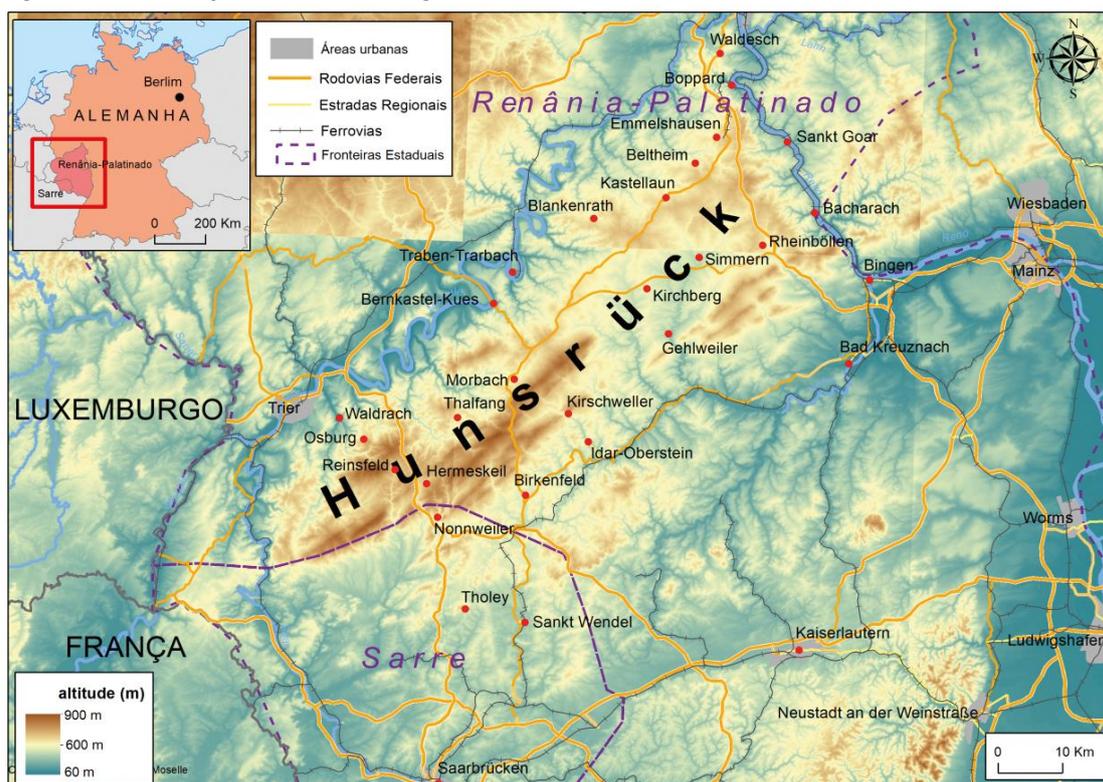
Emigrar em uma época em que as viagens duravam semanas e as condições sanitárias não eram nem de longe ideais, deixando para trás amigos e família, exigia, sem dúvida, um certo descontentamento com a sua realidade e um grande desejo de conquistar uma vida melhor. O fato é que, por atração, pressão, escolha pessoal ou mesmo falta de escolha, no dia 25 de julho de 1824 o Brasil recebeu uma primeira leva de alemães em território sul, então degredados (Dreher, 2010). Imigrantes provenientes de terras germânicas não eram uma novidade total na época: em 1818 e 1822 já haviam sido fundadas colônias privadas na Bahia, a saber, Leopoldina e Frankenthal. Essas contudo não duraram muito, especialmente em função do clima tropical da região não ser tão propício. Além disso, em 1819, Nova Friburgo (RJ), a colônia estatal alemã mais antiga do Brasil, foi criada (Schapelle, 1917; Rosenberg, 2018). Ainda assim, a partir de uma incumbência dada ao ajudante de ordens da Imperatriz Dona Maria Leopoldina de recrutar soldados e colonos em território de língua alemã, teve início, no começo da década de 1820, um extenso e promissor projeto de estabelecimento de colonos alemães no Rio Grande do Sul (RS) (Dreher, 2014). O propósito era habitar esse amplo território nacional, contribuindo para reforçar a independência de Portugal e a alegação de propriedade por parte do Estado Brasileiro sobre essa zona fronteira, que necessitava de proteção contra possíveis incursões dos países vizinhos (Dreher, 2014; Roche, 1969).

Segundo Dreher (2014, p. 116), “era necessário povoar. Esse povoamento, por seu turno, deveria ser intensivo”, o que fez das colônias no sul do Brasil um marco de grande relevância para a imigração alemã no país. O método de povoamento em picadas e o solo fértil, o clima adequado, contribuíram para o alastramento da população de alemães e seus descendentes. Esses tiveram como porta de entrada o RS e, ao longo das décadas seguintes, continuaram migrando e se estabelecendo em demais estados, tendo alcançado boa parte da Bacia do Prata e chegando até mesmo ao norte do país (Altenhofen; Morello et al., 2018).

2.1.2 Considerações sobre a região de partida e o nível de letramento dos imigrantes

Ainda que no início dos movimentos migratórios fossem predominantemente os alemães do norte (*Mecklenburgers*,⁷ *Holsteiners*, *Hamburgers* e *Lübeckers*) que migrassem para o Brasil, nos anos seguintes, populações do sudoeste da Alemanha, mais especificamente do atual estado da Renânia-Palatinado, como já mencionado, constituíram, de longe, o maior contingente (Altenhofen, 1996). Uma das áreas de onde chegou parte desses imigrantes pode ser delimitada como a zona de elevação do Hunsrück, que constitui a origem da variedade brasileira denominada Hunsrückisch (pt. “hunsriqueano”). A região situa-se na Renânia Central, no centro-oeste da Alemanha, e é cercada pelos rios Reno, Mosela, Nahe e Sarre. Na Figura 1, é possível visualizar a região e situá-la em território alemão.

Figura 1 – Localização da matriz de origem do Hunsrückisch na Alemanha

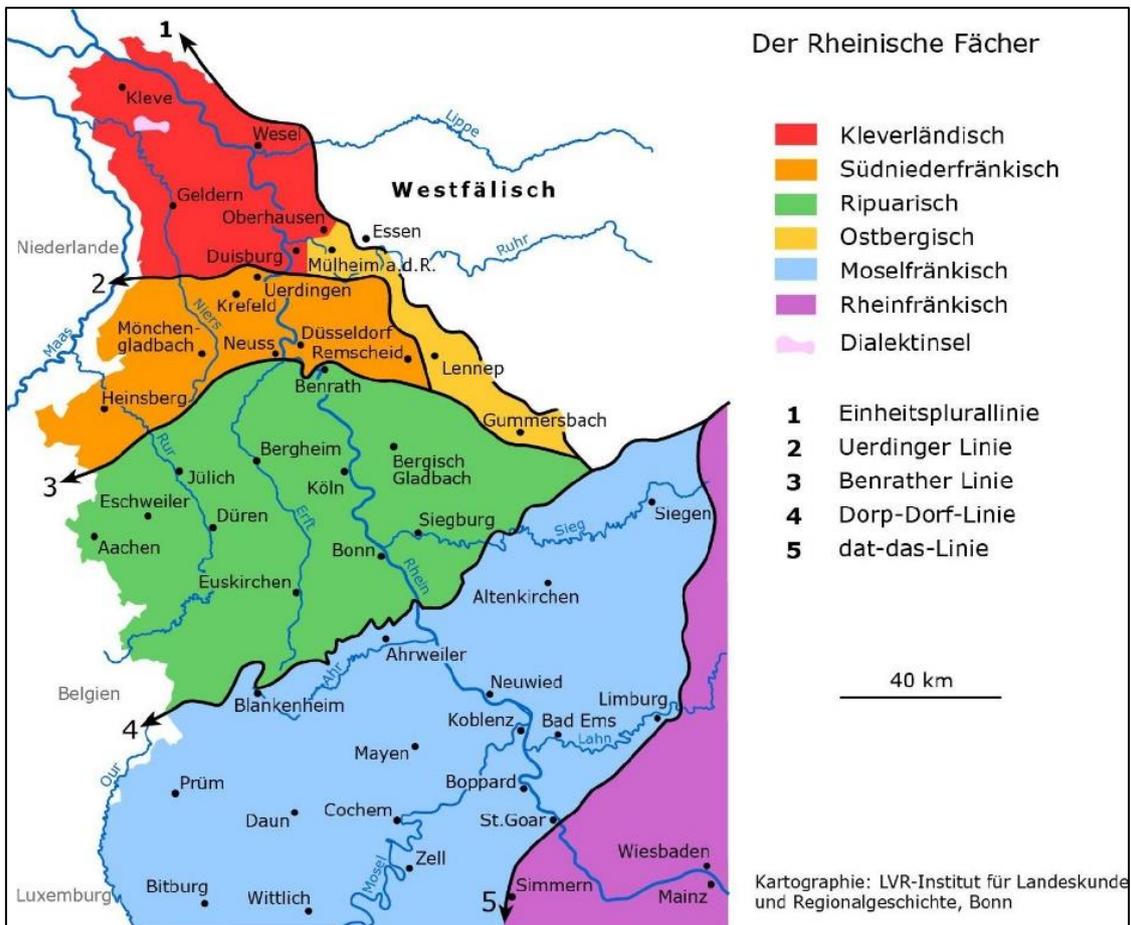


Fonte: Aldomar Rückert (Instituto de Geociências, UFRGS) apud Altenhofen, Morello et al. (2018, p. 27).

⁷ Dreher (2010) descreve a trajetória dos *Mecklenburgers* enviados ao Brasil como parte de um programa de colonização promovido pelo Grão-Ducado de Mecklenburg-Schwerin no início do século XIX. Esses indivíduos, em sua maioria condenados por pequenos delitos, foram deportados com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento de colônias no Brasil, enquanto se aliviava a pressão social e econômica no ducado.

Linguisticamente, o Hunsrück se caracteriza como uma matriz de base dialetal bastante diversa. Essa gradação dialetal, por sua vez, delimita-se dentro de um contínuo, cunhado por Frings (1956) como *Rheinischer Fächer* (pt. “leque renano”). Esse contínuo reflete a expansão em direção oeste das linhas que demarcam a progressão de variantes dialetais mais importantes do sul da região da Renânia, resultado de diferentes realizações da *II. Lautverschiebung*.⁸ O Hunsrück se encontra abaixo nesse contínuo e tem suas áreas linguísticas separadas por uma faixa de transição, conhecida na dialetologia alemã como *Hunsrückbarriere* ou *Hunsrücksschranke* (Frings, 1956). No mapa da Figura 2, a *Hunsrückbarriere* se uniria e mostraria curso semelhante à linha *dat-das*, delimitando assim as isoglossas características do francônio-renano [- dialetal] e do francônio-moselano [+ dialetal] (Altenhofen, 1996).

Figura 2 – O “leque renano” de Frings (1956)



Fonte: LVR-Institut für Landeskunde und Regionalgeschichte, CC BY 4.0 (2024).

⁸ Resumidamente, a “segunda mudança consonantal” do alto-alemão afetou as plosivas surdas [p], [t] e [k] (de forma que /p/→/pf/, /t/→/ts/ e /k/→/x/), assim como suas opostas sonoras [b], [d] e [g] (de forma que /b/→/p/, /d/→/t/ e /g/→/k/) (Baune; Reiffenstein, 2004). Wenker (1877) separa as regiões dialetais alemãs em que ocorreu a mudança daquelas em que não ocorreu, ou ocorreu apenas em parte, com a famosa *Benrather Linie*.

É relevante notar, contudo, que o repertório dos imigrantes que chegaram ao Brasil a partir de 1824 não se limitava a essa base dialetal, à bagagem *substandard*, mas muito provavelmente incluía também noções do *standard*, contatos com outras variedades do alemão e, em certos casos, uma possível bagagem, mesmo que precária, de conhecimentos de línguas românicas (v. 2.2). Sobre o *standard* presente no repertório dos imigrantes, não se tratava propriamente do alto-alemão padrão de hoje, mas sim de uma variedade que Herrgen e Schmidt (2011) identificam com o conceito de *landschaftliches Hochdeutsch*: um sistema de oralização regional em processo de “normalização”, muito influenciado pela linguagem escrita.

Como era esse “modo de falar”, ou melhor, como soava no ouvido das pessoas? Ao se orientar pela escrita, as marcas dialetais locais ou de pequenas áreas foram caindo. O que permaneceu foram as marcas fonéticas, comuns a todos os dialetos do entorno, ou seja, as marcas das grandes áreas linguísticas. [...] Se os dialetos do Palatinado e os dialetos do Hunsrück não conheciam a metafonia (*Umlaut*) na grafia de <ü>, <ö> e <eu, äu>, isso explicava por que, no Hochdeutsch do Palatinado e no Hochdeutsch do Hunsrück, “süß” se pronunciava como “siiss”; do mesmo jeito “böse” como “beese” e “Deutsch” como “Deitsch” (Schmidt, 2024, p. 78-79).

Schmidt (2024, p. 79) afirma que o *landschaftliches Hochdeutsch* trazia muita relação com o ensino, em especial as aulas de leitura. O autor propõe inclusive que, com a escolaridade obrigatória, introduzida pelo governo prussiano efetivamente por volta de 1800, “pode-se supor que muitos dos primeiros imigrantes ao Brasil (1824) já tenham trazido junto esse novo modo de falar”. Quanto a isso, e acrescentando ao debate sobre *Push and Pull-Motives* da seção 2.1, o cineasta Edgar Reitz⁹ vai além ao afirmar que, em “1815, o estado prussiano introduziu a obrigatoriedade do ensino, e o que as pessoas passaram a ler assim que puderam? Literatura de aventura e viagem. A alfabetização desencadeou o desejo de viajar, assim como a mídia também desempenha um papel nos movimentos migratórios atuais” (Peitz, 2013, tradução nossa).¹⁰

De fato, ainda que as primeiras regulamentações sobre a obrigatoriedade escolar na Prússia (*preußische Schulpflicht*) datem de 1763,¹¹ a reorganização do Estado após o Congresso de Viena, em 1815, teve impacto especial na política escolar e disseminação da alfabetização (Elspass, 2005). Isso fez com que os emigrantes prussianos se destacassem por seu alto nível de alfabetização ao longo do século XIX (von Polenz, 1999), contudo, como afirma Elspass

⁹ Edgar Reitz é um renomado cineasta alemão conhecido pelo, entre outras obras, pelo filme *Die andere Heimat*, que aborda a imigração do Hunsrück para o Brasil no século XIX.

¹⁰ No original: „1815 führte der preußische Staat die Schulpflicht ein, und was lasen die Leute, sobald sie es konnten? Abenteuer- und Reiseliteratur. Die Alphabetisierung löste das Fernweh aus, so wie die Medien auch bei den heutigen Migrationsbewegungen eine Rolle spielen“.

¹¹ Cf. DFG (1763).

(2005), ainda havia muitas pessoas analfabetas, especialmente entre as primeiras gerações de 1800. Assim, essa não deixa de ser uma questão que gera divergências, conforme contraposto em excerto de Dreher (2014, p. 95):

Durante a ocupação francesa, a população empobrecera a ponto de não mais conseguir juntar o necessário para pagar os professores e manter as salas de aula. Foi longo o caminho a ser perseguido pela administração prussiana até que o sistema escolar voltasse a uma situação de normalidade. Isso explica que, entre as crianças e os adolescentes imigrados, não poucos iriam ser analfabetos ou ter escolaridade deficiente, mesmo que já desde o século XVIII a Prússia tivesse estabelecido ensino escolar obrigatório e que outros estados alemães tivessem seguido seu exemplo.

A hipótese que se coloca é que, entre os primórdios da instauração da escolarização obrigatória na Prússia e meados da Era Napoleônica, a alfabetização na região da Renânia estava consideravelmente difundida. A fluência em cartas do período napoleônico, escritas por jovens recrutas alemães e analisadas por Thun e Wilkin (2018), parece ratificar isso (v. seção 2.2). A questão é justamente o declínio econômico e social no período logo após Napoleão, que parece ter dificultado a situação em especial na zona de elevação do Hunsrück – território, como já mencionado, até então ocupado pelos franceses –, apesar da disseminação crescente da alfabetização no restante do Império. As dívidas resultantes teriam estagnado o investimento no sistema escolar da região a partir de 1815, o que pode ter resultado no baixo nível de alfabetização entre as primeiras gerações de imigrantes no Brasil, sobretudo dos jovens. A escolarização só retornaria à normalidade na metade de 1800, impactando, dessa forma, as levas posteriores de imigrantes.

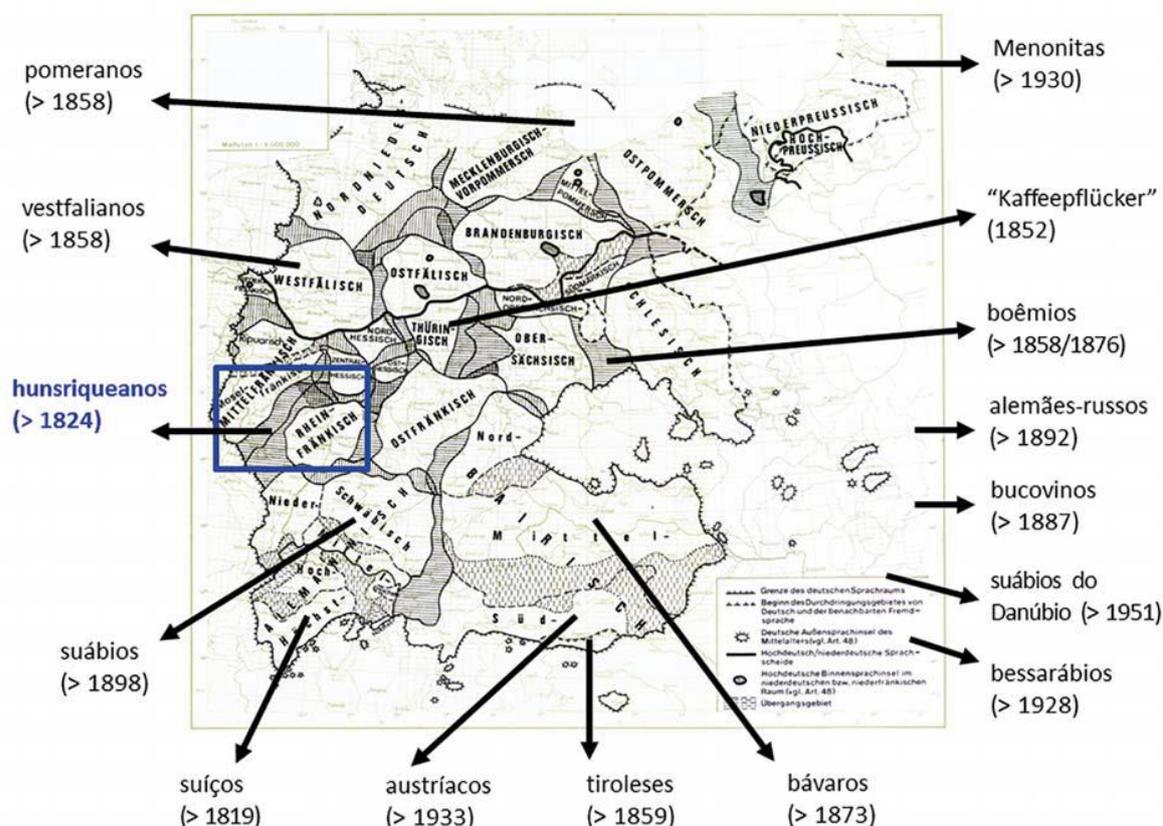
Ainda assim, a análise das cartas de diferentes períodos que compõem o acervo do ALMA-Histórico deixa evidente um conhecimento por vezes amplo, por vezes parcial, de um padrão bastante influenciado pela escrita e, conseqüentemente, pela leitura. Ou seja, parece que uma parcela da população adulta de imigrados era, sim, alfabetizada. Fica a questão do quão grande era essa parcela, e se quem escrevia as cartas do período inicial da imigração eram de fato aqueles que as assinavam ou se estes solicitavam a membros de um escasso grupo com mais domínio da escrita para que as redigissem (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018).¹² Feitas essas considerações, vale retornar então ao contexto brasileiro.

¹² Vale mencionar que esses questionamentos devem prevalecer na análise linguística em cartas de até meados de 1800, quando a paisagem muda. Somado aos anos de contato com o Hochdeutsch nas escolas estabelecidas nas colônias e à chegada das levas posteriores de imigrantes – estes já de fato mais contemplados pela *preußische Schulpflicht* –, a familiaridade geral dos colonos com o *standard* e a norma escrita é impulsionada também através do surgimento da imprensa teuto-brasileira, como será tratado na seção 2.3.

2.1.3 Dinâmicas do novo meio: o Hunsrückisch como “língua de mediação” entre as variedades regionais do alemão no Brasil

Até os anos 1980, o estudo da variedade da língua alemã no Brasil era em geral conduzido por meio de um viés homogeneizador. Não era costume trabalhar com a ideia de línguas, dialetos com suas características, histórias e sistemas próprios em contato, mas mais com uma espécie de “mistura”, havendo então classificações como *Brazilian German* (Schapelle, 1917), *Brasildeutsch* (Heye, 1981), *Deutschbrasilianisch* (Fausel, 1959) ou *deutsch-brasilianische Mischprache* (Bossmann, 1953). Essa visão já não é mais produtiva, uma vez que oculta a diversidade e as particularidades das variedades do alemão presentes no Brasil. Afinal, existem hoje no país, entre comunidades de falantes ou ilhas linguísticas, muitas vezes interligadas em arquipélagos,¹³ pelo menos 15 variedades, com suas origens identificadas conforme mapa da Figura 3.

Figura 3 – Localização da matriz de origem do Hunsrückisch e das demais variedades presentes no Brasil



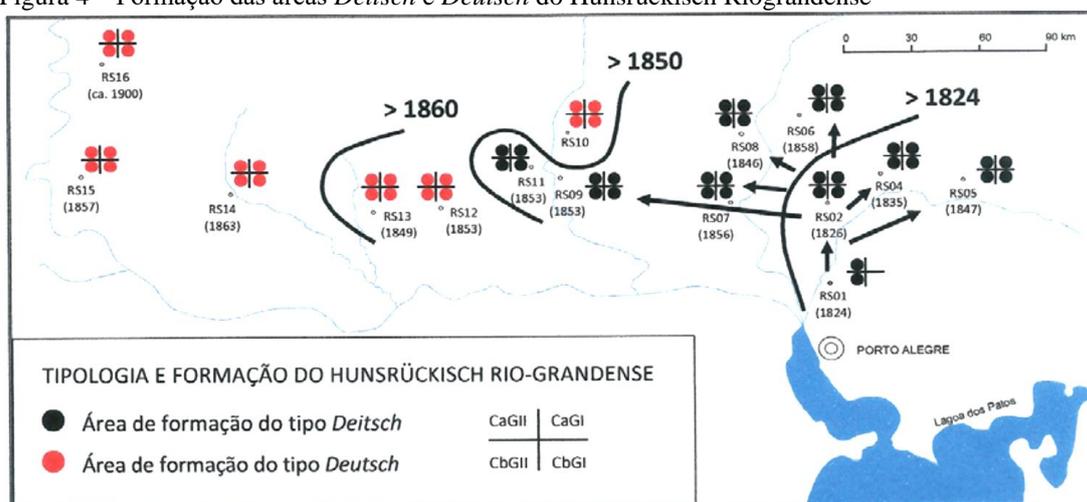
Fonte: Altenhofen, Morello et al. (2018, p. 29) a partir de mapa de fundo de Wiesinger (1983, p. 831).

¹³ Cf. Steffen e Altenhofen (2014, p. 39, tradução nossa): “As comunidades linguísticas têm antes o caráter de um arquipélago, ou seja, uma multiplicidade de ilhas interconectadas entre as quais ocorrem várias formas de comunicação” (No original: „Die Sprachgemeinschaften haben vielmehr den Charakter eines Archipels, also eines Vielzahl zusammenhängender Inseln, zwischen denen verschiedene Formen von Kommunikation stattfinden“).

Sabendo disso, tem-se contudo que o Hunsrückisch¹⁴ prevalece entre essas diferentes variedades no Brasil, em especial por conta de seu papel como “língua comum de interação ‘com os diferentes’ na comunidade” (Altenhofen; Morello et al., 2018, p. 33), e que Schmidt (2024) associa ao antigo *rheinisches Hochdeutsch*. É em consonância com essa percepção que Altenhofen (2019, p. 533, tradução nossa) coloca o hunsriqueano como “[...] uma *Mittelfeldsprache* [pt. ‘língua de mediação’] entre as diversas variedades de dialeto em contato e a norma padrão, que muitas vezes é alcançada apenas parcialmente”.¹⁵ Assim, poder-se-ia também imaginar que muitos falantes de outras comunidades de imigrantes alemães tenham, quem sabe, aprendido o Hunsrückisch, precisamente por este ocupar, por vezes, a função de língua comum (*Gemeinsprache*) na ausência do *standard*, o que o torna um representante bastante significativo de variedade do alemão falada no Brasil.

O hunsriqueano rio-grandense inicia sua difusão em solo latino-americano, como já mencionado, na região do atual município de São Leopoldo (RS), em 1824. Ainda que, em 1829 e 1846, as cidades de São Pedro de Alcântara (SC), Rio Negro (PR) e Domingos Martins (ES) tenham sido também porta de entrada para a variedade e formado (com exceção de Rio Negro) suas respectivas macroáreas do Hunsrückisch,¹⁶ é a matriz rio-grandense que seria reforçada com a chegada frequente de novos imigrantes (Altenhofen; Morello et al., 2018; Altenhofen; Thun, 2016). A formação das colônias iniciais no RS está esquematizada na Figura 4.

Figura 4 – Formação das áreas *Deitsch* e *Deutsch* do Hunsrückisch Riograndense



Base Cartográfica: ALMA-H / Cartografia: C. Altenhofen

© C.V. Altenhofen & H. Thun 2018

Fonte: Altenhofen, Morello et al. (2018, p. 70).

¹⁴ A variedade é considerada, desde 2002, parte do patrimônio histórico e cultural do estado do Rio Grande do Sul (Lei 14061/ 2012, no Diário Oficial do Estado) e, desde 2016, patrimônio cultural imaterial do estado de Santa Catarina (Lei 16987/2016, no Diário Oficial do Estado).

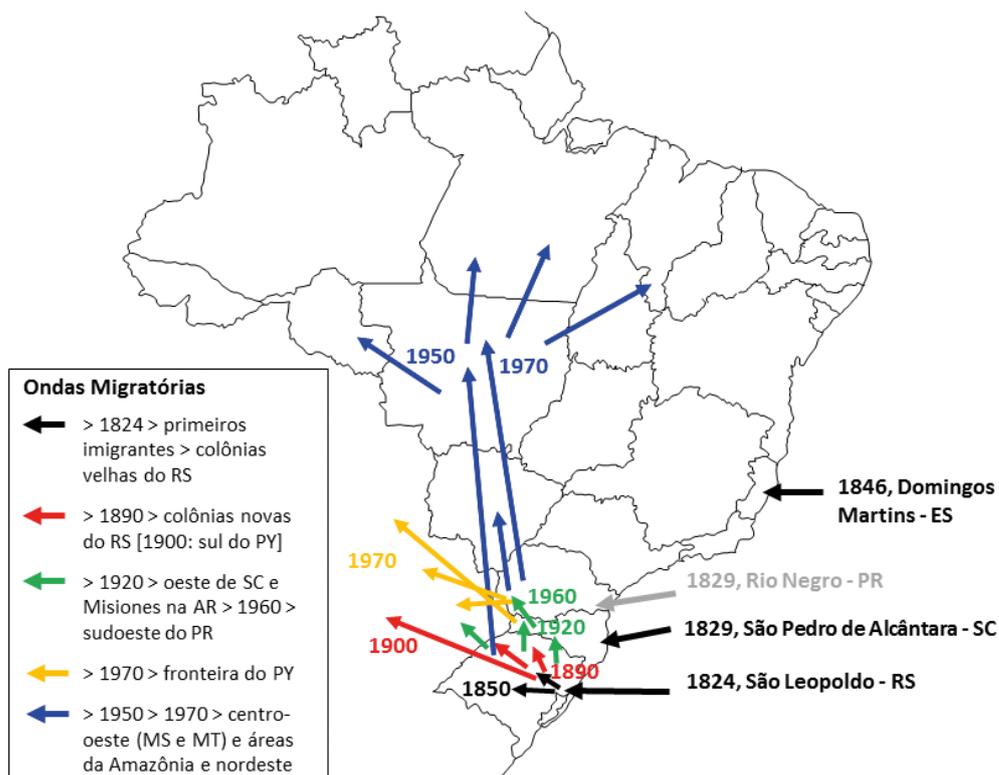
¹⁵ No original: „[...] eine ‚Mittelfeldsprache‘ zwischen den verschiedene Dialektvarietäten in Kontakt und der oft nur partiell zu erreichenden Standardnorm“.

¹⁶ A saber, Hunsrückisch Leste-Catarinense (Hsc.) e do Espírito Santo (Hes.).

A primeira leva de imigrantes no estado forma as chamadas “colônias velhas” (área *Deutsch*), que se originam no Vale do Sinos e se estendem ocupando os vales do Caí e do Taquari. Após alguns anos de interrupção da imigração além-mar, entre 1829 até o término da Revolução Farroupilha (1845), novas famílias ocupam as terras ao norte do rio Jacuí, concluindo a formação das primeiras colônias do Hunsrückisch Riograndense (Hrs.). Com a crescente pressão demográfica nas primeiras colônias, cujas famílias eram consideravelmente grandes, foi necessário que os excedentes populacionais se deslocassem em busca de novas terras (Altenhofen; Morello et al., 2018). Essas movimentações tiveram início por volta de 1890, com a virada para a República, quando são formadas as chamadas “colônias novas” (área *Deutsch*) no norte e noroeste do Rio Grande do Sul.

A partir das décadas de 1910 e 1920, o fluxo migratório alcança o oeste de Santa Catarina e Misiones, na Argentina, expandindo-se depois para o sudoeste do Paraná. Chegando nos anos 1950, inicia-se um levante migratório do sul do país para além das terras paranaenses, de forma que, na década de 1970, esses movimentos chegam às regiões fronteiriças do Paraguai e ao centro-oeste do Brasil, bem como a partes da Amazônia e do nordeste brasileiro (como na região de Balsas, sul do Maranhão – Meurer, 2022). Essas décadas posteriores de fluxos migratórios estão esquematizadas na Figura 5.

Figura 5 – Topodinâmica das migrações do Hunsrückisch no Brasil e na Bacia do Prata



Fonte: Altenhofen, Morello et al. (2018, p. 47).

Como afirmam Altenhofen e Margotti (2011, p. 290), os “contatos linguísticos surgem como resultado natural de um movimento de imigração ou de migrações internas, que, via de regra, implica uma *transposição* de um contexto sociocultural e político a outro e, conseqüentemente, uma mudança de *status* social e político”. Dessa forma, a riqueza do Hunsrückisch está diretamente relacionada aos contatos linguísticos nos quais seus falantes tomaram parte, desde sua origem e ao longo dos anos na América Latina. Altenhofen (1996) observa que o hunsriqueano é marcado pela variação “intralingual” ou “intervarietal”, decorrente de sua constituição no contínuo moselano-renano da matriz de origem (v. subseção 2.1.2.1) e de seu contato com o *standard* e com demais variedades do alemão na Alemanha e posteriormente no Brasil.¹⁷ Uma marca central desse alemão – outrora referida como “língua misturada” por pesquisadores como Fausel (1959) – é também o contato “interlingual”, ou seja, especialmente com o português e o espanhol, além de línguas indígenas (autóctones) e de origem africana. Soma-se ao viés interlingual o contato com outras línguas minoritárias de imigração (alóctones) no Brasil, como o Talian, e um percurso histórico que resultou em empréstimos de línguas como o latim e o francês, como será tratado na seção seguinte.

Assim, quando se aborda, nesta dissertação, a variedade do alemão em terras brasileiras, faz-se referência à *koiné* não homogênea que configura a variedade *substandard* do Hunsrückisch, em sua função de *Mittelfeldsprache* e que se fez presente como língua comum dominante na oralidade por muitos anos, somada ao alemão *standard*, predominante na escrita. Com isso em mente, vale ressaltar que é natural que, mais adiante, na análise dos dados, ganhe destaque o alemão *standard* ou tentativas de se aproximar a ele, uma vez que o objeto de estudo aqui são cartas, elementos do meio escrito.

Passa-se agora à seção específica que, voltando um pouco no tempo, trará elementos de uma “pré-história” da língua em questão. Partindo da hipótese de Thun e Wilkin (2018), serão analisados, brevemente, aspectos dos contatos linguísticos no continente Europeu que podem ser considerados facilitadores da romanização da variedade do alemão no Brasil.

¹⁷ Sobre isso, Altenhofen e Mello (2024, p. 28) afirmam que “[...] contribuíram no processo de nivelamento linguístico do Hrs. pelo menos outras oito variedades de línguas de imigração alemã. [...] Entretanto, é o contato com o Hochdeutsch local, que Altenhofen (2019, p. 534) considera uma ‘variedade onipresente’, que desempenhou o papel mais determinante, como se observa em cartas manuscritas, quando mesmo com domínio parcial os escreventes utilizam essa norma como ‘ideal ao qual tentam se aproximar’. Contatos interdialetais, ou intralinguais, como esses explicam a força de difusão do Hunsrückisch como variedade equivalente na oralidade, por essa razão eleita para a função de *Mittelfeldsprache* (pt. ‘língua de [mediação]’) entre as diversas variedades de dialetos em contato e a norma padrão (Altenhofen, 2019, p. 533). Os relatos de falantes de outras variedades referindo-se ao Hunsrückisch como ‘Hochdeutsch’ comprovam essa tendência”.

2.2 SOBRE UMA PRÉ-HISTÓRIA POSSÍVEL: ASPECTOS FACILITADORES DA ROMANIZAÇÃO

A língua alemã é historicamente caracterizada como língua germânica ocidental, ou seja, membro de um dos três ramos da família de línguas germânicas. Uma família distinta é a das línguas românicas, originárias do latim, entre as quais se encontra o português brasileiro. Essas duas genealogias se desenvolveram separada e paralelamente ao longo dos séculos até se encontrarem em situação bastante única no sul do Brasil; contudo, essa não foi nem de longe a primeira vez na história em que entram em contato.

Harald Thun e René Wilkin (2018, p. 41), a partir de sua análise de cartas escritas por jovens soldados alemães no período napoleônico e cedidas pelo Arquivo Estatal de Lüttich / Liège, identificam em seu *corpus* consequências do contato alemão-francês “em diferentes níveis: no nível da aprendizagem da língua, da substituição linguística, do code-switching, da adoção eventual ou permanente de palavras e expressões francesas, bem como da reescrita de nomes alemães sob influência do francês”. Os autores avaliam como essas cartas compõem uma pré-história da escrituralidade dos hunsriqueanos na América do Sul, uma vez que foram escritas, em grande parte, por pessoas de classe baixa de áreas de língua alemã na Bélgica e na fronteira com a Alemanha, mais especificamente no noroeste da região do Hunsrück.

Na época, entre 1805 e 1813, havia algumas oportunidades de aprender francês por alfabetização formal no exército, e o contexto militar e a vida de soldado permitiram a entrada de galicismos característicos dessa realidade no alemão falado pelos jovens recrutados. A análise aprofundada no texto de Thun e Wilkin (2018) permitiu aos autores o levantamento de uma hipótese bastante relevante para a presente dissertação. Trata-se da concepção de que, se

[...] pensarmos, em uma perspectiva temporal mais ampla, na relexicalização posterior por meio de palavras portuguesas e espanholas, fica claro, a partir do pressuposto provável de uma continuidade entre soldados e emigrantes, que a nova romanização do Hunsrückisch na América foi de certo modo facilitada, graças aos galicismos paralelos que já estavam presentes nessas línguas e também, naturalmente, devido à proximidade entre essas línguas românicas. Isso também tem motivos extralinguísticos paralelos. Por essa razão, o processo de re-romanização pôde iniciar rapidamente (Thun; Wilkin, 2018, p. 43).

A ideia de que o contato com o francês no período napoleônico, isto é, pouco antes da imigração, tenha facilitado a romanização do alemão no Brasil é bastante instigante e pode ser enriquecida quando consideramos a história dos contatos linguísticos na sua matriz de origem renana e no âmbito da língua alemã como um todo. Trata-se aqui de história que tem início com

a ocupação romana no sudoeste da Alemanha, já no século I A. E. C. (Besch; Wolf, 2009). Frings (1957) chega a identificar a região entre os rios Mosa e Mosela como uma das mais relevantes zonas de contato entre os romanos e as tribos germânicas, cujo âmago era a cidade de Trier, importante centro no final da Antiguidade e que foi inclusive capital do Império Romano por certo tempo.

A influência do latim no alto-alemão antigo é tratada por Schumann (2009) em dois períodos, sendo o primeiro chamado “secular”: a conquista e ocupação romana trouxe consigo tecnologias, materiais e trocas comerciais que até então não existiam para os germânicos. Resultados desses primeiros séculos de contato podem ser vistos hoje nos campos da construção de casas (p. ex. *Mauer, Fenster, Keller*), do comércio e da locomoção (p. ex. *Münze, Pfund, Korb, Straße*), dos nomes de frutos e seus derivados (p. ex. *Frucht, Birne, Kirsche, Wein*), sem falar até mesmo nos nomes dos dias da semana e dos meses (Munske, 2001; Besch; Wolf, 2009). Um segundo período, já posterior ao Império Romano e que se estendeu até o final da Idade Média, teria sido o “religioso”, em que a disseminação do cristianismo e o acesso à Bíblia e a outros textos do cristianismo fizeram com que a língua da igreja, o latim eclesiástico, exercesse uma imensa influência sobre o germânico ocidental (Schumann, 2009; Gärtner, 2018).

Atualmente, como destaca Munske (2001, p. 12, tradução nossa¹⁸), esse vocabulário inicial resultante de empréstimo

[...] é considerado integrado em todas as línguas germânicas, não é mais percebido como “estrangeiro” de forma alguma. Há três motivos para isso: (1) a falta de escrituralidade no contato linguístico da época, (2) a adaptação expressiva no decorrer de sua adoção como empréstimo e, por fim, e em especial, (3) a posterior incorporação das mudanças fonéticas do alemão.

Mais adiante, entre os séculos XIV e XVII, o Humanismo, com sua redescoberta da língua e cultura antigas, resgata o latim em duas direções: por um lado, alimentando uma “admiração pela linguagem e pela poética dos textos clássicos, combinada com um desejo ambicioso de imitar, evidentemente negligenciando a própria língua materna”; por outro, “dando origem, aos poucos, a esforços para comparar a própria língua com o padrão clássico e

¹⁸ No original: „[...] gilt heute in allen germanischen Sprachen als integriert, wird in keiner Weise mehr als ‚fremd‘ empfunden. Das hat dreierlei Gründe: (1) die mangelnde Schriftlichkeit im damaligen Sprachenkontakt, (2) die ausdrucksseitige Adaption im Zuge der Aufnahme als Lehnwort und schließlich insbesondere (3) der spätere Mitvollzug von Lautwandelerscheinungen des Deutschen“.

melhorá-la de forma análoga” (Besch; Wolf, 2009, p. 94, tradução nossa¹⁹). Concomitante à fundação das primeiras Universidades, a base para a linguagem científica popular é formada nesse período; a terminologia alemã acadêmica, jurídica, do sistema estatal, de áreas desde a Metamemática até a Música é então alimentada. A influência do latim alcança, nesse momento da história, além de empréstimos, também a morfologia flexional e até mesmo a sintaxe de textos em alemão (Post, 1982; Besch; Wolf, 2009).

Tendo contemplado a base românica proveniente do latim, pode-se retornar então ao francês como língua historicamente em contato com o alemão. A Renânia ganha destaque desde muito cedo como zona de contato linguístico francês-alemão, devido a suas fronteiras com os atuais territórios da Bélgica, de Luxemburgo e da França. Na Idade Média, a França predomina como centro da cultura da corte e da cavalaria, além de berço da lírica dos trovadores. Poemas e canções chegavam à Alemanha, sendo traduzidos livremente e adaptados, e rendiam diversos empréstimos que permeavam inclusive muito da literatura da época – p. ex. *turnieren*, *palais*, ou transferências semânticas como *ritterschaft tuon*, do francês antigo *faire chavalerie* (Besch; Wolf, 2009).

A partir do século XVII, o francês é mais uma vez a língua em moda. A Guerra dos Trinta Anos e a fuga de muitos huguenotes para a Prússia, a partir de 1685, contribuiu bastante para a difusão de galicismos na língua alemã, em especial verbos como *presentieren*, *discutieren*, *emittieren*, *confirmieren*, *agieren* e tantos outros (Munske, 2001; Besch; Wolf, 2009). A língua francesa segue em alta até o século XIX, quando abrange justamente o império de Napoleão e nos leva de volta ao gatilho desta seção, relativo à questão sobre a predisposição à romanização proposta por Thun e Wilkin (2018). Os autores identificam em seu *corpus* de cartas, com maior abrangência, exemplos do que chamam de “interferências do francês”, mas destacam que é difícil distinguir entre galicismos novos e antigos,

[...] isto é, entre aqueles galicismos que já haviam entrado no alemão *standard* e daí passaram para o Hunsrückisch, ou melhor, que já tinham sido incorporados diretamente ao dialeto antes da ocupação francesa, e aqueles que foram adotados pelos soldados hunsriqueanos através do contato direto com a linguagem de comando francesa, com os camaradas franceses e a população francesa.

Pode também haver ocorrido um empréstimo paralelo, com a consequência de que, através do alemão *standard*, galicismos que já tinham sido incorporados no contato direto foram reavivados (Thun; Wilkin, 2018, p. 43).

¹⁹ No original: „Bewunderung für Sprache und Poetik klassischer Texte, verbunden mit ehrgeizigem Nachahmungsdrang unter offensichtlicher Vernachlässigung der eigenen Muttersprache“; „erwachsen daraus auch langsam Bemühungen, die eigene Sprache in klassischen Muster zu messen und analog zu verbessern“.

Esse quadro traz à tona a relevância de considerar todo o panorama histórico do contato entre o alemão como língua histórica²⁰ e as línguas românicas: até que ponto todo esse repertório histórico de origem exógena não é reavivado no contato com português? Thun e Wilkin (2018) afirmam que os indícios para o empréstimo direto do francês no início do século XIX, registrados nas cartas que analisaram, poderiam se refletir na forte variação e nas marcas de transmissão oral. A maioria dos galicismos presentes no *corpus* se relacionavam à linguagem militar e à vida de soldado, alguns exemplos são *bartelgon*, *batellion*, *regement*, *Companei*, *kaemerath*, *soldate*, *Scharschand* (= *sergeant*). Somam-se a esses exemplos galicismos administrativos e “civis”, também presentes nessas cartas, como *zertificat*, *serti Viekat*, *atdress*, *ich Rekomendir mich in eurem Gebeth*, *arrieviert* (no sentido de “chegar”). Nomes próprios também chegam a partir do francês; além disso, há casos de *code-switching* mesmo que isolado, porém relativamente frequente. Esses são elementos, aliás, que se espera encontrar nos dados relativos ao português, a partir da análise do *corpus* de cartas para esta dissertação.

Tem-se, assim, excelentes pistas que dão uma noção do que possivelmente já havia de origem românica no repertório dos imigrantes que chegaram ao Brasil na primeira metade do século XIX, com a concepção de que esses elementos poderiam ter facilitado a entrada do português na variedade do alemão falada no país. Esse quadro complementa o que já foi abordado, nas seções anteriores, em relação à bagagem linguística de origem germânica trazida pelos imigrantes de sua matriz de origem e levada por essa população e seus descendentes com as migrações internas para novos destinos no Brasil e países vizinhos da Bacia do Prata. Como próximo passo, é prudente traçar um breve panorama do que é preciso observar, histórica e linguisticamente, no contato alemão-português no Brasil ao longo de mais de um século desde a chegada dos primeiros imigrantes.

2.3 A HISTÓRIA DO CONTATO ALEMÃO-PORTUGUÊS NO BRASIL

Propõe-se, nesta seção, uma visão geral da história do contato alemão-português no Brasil, desde a chegada dos primeiros imigrantes, em 1824, até o que há de mais atual em iniciativas de manutenção da variedade linguística e das línguas minoritárias de imigração no país, em especial referente ao Hunsrückisch. A estruturação da seção têm como base a periodização do contato alemão-português no Brasil conforme Steffen (2016) e Altenhofen, Steffen e Thun (2018), que identificam os seguintes períodos com sua respectiva caracterização

²⁰ Sobre o conceito de “língua histórica”, v. seção 3.1.

mais geral: de 1824 a 1889, “primeiras gerações no Brasil, novas gerações da Alemanha”; de 1890 a 1940, “pontes de papel em terras brasílicas”; e pós-1940, “entre perdas e reminiscências”. Sem dúvida, trata-se de um percurso bastante longo e rico em acontecimentos para tratar em detalhes em apenas uma seção; por isso, o foco recai aqui sobre um panorama geral do contexto histórico-cultural brasileiro de cada período, como um pano de fundo que colore e serve de mediador para o contato entre as variedades em questão.

2.3.1 1824-1889: velhas e novas colônias

As primeiras áreas de ocupação alemã no Rio Grande do Sul (RS) coincidem com as antigas regiões de mata nativa do estado, que, em 1824, em plena Guerra Cisplatina, era ainda pouco povoado e necessitava de proteção e garantia para um Brasil recém independente (Roche, 1969). Os imigrantes chegam ao RS e se estabelecem em regiões previamente designadas pelo Governo Imperial, adentrando a mata através do chamado sistema de picadas. Com os instrumentos disponíveis, abriam-se vias nas florestas subtropicais ao longo das quais iam sendo instaladas famílias.

Na demarcação dos lotes, obedeciam-se critérios de natureza topográfica. Numa das extremidades, o rio ou seu afluente servia de limite. O lote estendia-se encosta acima até encontrar-se com outro que subia de outro vale. Nos topos dos morros ficava localizada a linha, picada ou travessa. A geografia determinava, assim, o tamanho de cada uma das comunidades humanas que se estabelecia (Dreher, 2014, p. 138).

Sem o devido apoio governamental, os moradores das colônias que se formavam tiveram de construir e manter suas próprias igrejas (católicas ou luteranas), escolas e cemitérios, além das casas comerciais conhecidas como *Vende* (pt. “venda”), ponto de comunicação entre a picada e o exterior da região (Altenhofen, 1996, p. 70). Como afirma Alheit (2020, p. 88), no início,

[...] a necessidade de assimilação à nova sociedade se torna menor do que a necessidade de se manter unido e se diferenciar. Isso muitas vezes faz com que a cultura e a língua de origem sobrevivam por mais tempo e de forma mais sustentável do que em movimentos migratórios recentes.

Dessa forma, as picadas, já conectadas enquanto comunidade cultural, tornaram-se, com o passar do tempo, microcosmos autossuficientes e relativamente isolados da realidade brasileira, o que contribuiu em grande parte para a manutenção da variedade local do alemão como a língua do dia a dia, da escola e da vida eclesiástica (Dreher, 2014). O português, contudo, não ficou completamente de fora nesses primeiros anos.

Em um ambiente repleto de novidades, com fauna, flora e mesmo a demanda de ferramentas de trabalho inéditas para boa parte dos alemães, surge a necessidade da adoção de termos próprios a esse novo mundo. Havia “lacunas” linguísticas que precisavam ser preenchidas, e o contato mais direto com as figuras do indígena e do gaúcho foi o que, inicialmente, mais contribuiu para isso (Willems, 1944; Altenhofen, 1996). Ainda que de forma bastante seletiva, elementos da fala e cultura de indígenas e seus descendentes foram incorporados à realidade da colônia, principalmente quando se tratava de utensílios, fauna e flora (Willems, 1944). Quanto à cultura gaúcha, o nível de assimilação dos imigrantes foi consideravelmente maior. A começar pelo impacto que gerou o fato de montarem seus próprios cavalos, que Willems (1944) analisa a partir do “complexo do cavalo”,²¹ até a adoção de trajés típicos e outros elementos culturais dos tropeiros do sul, tantas foram as consequências desse contato. Dos luso-brasileiros, fazendeiros e gaúchos, tem-se como resultado assim diversos acréscimos linguísticos: empréstimos que dizem respeito a acidentes naturais, terminologia referente ao cavalo, ao gado e demais animais, medidas e pesos, palavras da administração e do trabalho agrícola; sem falar em neologismos, expressões idiomáticas e a adaptação de verbos do português para o alemão com o sufixo *-ieren* (Oberacker Jr., 1957; Bunse, 1969).

Em 1830, o Governo Imperial suspendeu verbas para qualquer imigração, de forma que, ao longo do período da Revolução Farroupilha (1835-1845), a chegada de novos imigrantes alemães é interrompida (Becker, 1968). Nesse intervalo, surgem as primeiras gerações de descendentes de imigrantes nascidas no Brasil (Altenhofen; Neumann, 2018).²² Um segundo fluxo de imigrantes segue forte até 1858, quando a Prússia, por meio do rescrito *von der Heydt'sch*, limita o contingente migratório ao proibir em seu território a propaganda e atividade de agentes ligados à imigração para o Brasil (Becker, 1968; Alves, 2003). As novas levas de

²¹ Sobre o *horse complex*, Willems (1944, p. 155, tradução nossa) escreve: “O cavalo de sela representou e ainda representa um dos traços culturais marcantes da aristocracia rural da Alemanha. [...] Não é de surpreender que, na tradição cultural dos colonos alemães, a posse de um cavalo de sela ainda carregue muito dessas conotações do velho mundo e pareça ser um dos valores mais desejáveis da cultura brasileira. Desde o início da imigração alemã, os colonos tenderam a transferir muito do prestígio que a posse de cavalos tinha em sua terra natal para os gaúchos e lageanos”. (No original: “The saddle horse represented and still represents one of the outstanding cultural traits of Germany’s rural aristocracy. [...] It is not surprising that in the cultural tradition of the German settlers the owning of a saddle horse still carries much of these old world connotations and appears to be one of the most desirable values of the Brazilian culture. Since the beginning of German immigration the settlers tended to transfer much of the prestige which horse owning had in their homeland, to the *gauchos* and *lageanos*”).

²² Mais tarde, ao chegarem os novos imigrantes vindos da Alemanha recém-unificada, os descendentes já terão desenvolvido o que Kuder (1936/37; ver também Altenhofen, 1996) chama de *Bodenständigkeitsegefühl* (pt. “sentimento de enraizamento”), para explicar a distinção feita entre os nascidos no país (hrs. *die Deutsche*), que já se sentiam arraigados ao novo meio brasileiro, e os novos imigrantes que chegam em massa nos períodos posteriores (hrs. *die Deutschlennen* ‘alemães da Alemanha’). Termo relacionado à distinção feita entre os nascidos no país (hrs. *die Deutsche*), que já se sentiam arraigados ao novo meio brasileiro, e os novos imigrantes que chegam em massa nos períodos posteriores (hrs. *die Deutschlennen*, “alemães da Alemanha”).

alemães que chegam após a Guerra dos Farrapos, como já mencionado, formam as colônias novas (v. 2.1.3), fundadas a partir do Vale do Taquari em diante, para as quais migra também um grande número de descendentes das primeiras gerações de imigrantes, com o português cada vez mais presente em seu cotidiano.

A presença crescente do português ao longo dos anos, no entanto, ainda não obscurece a relevância do uso da língua alemã em um meio relativamente homogêneo demograficamente, em virtude do sistema de ocupação do espaço por meio de picadas (Willems, 1946). Essa relevância é fortalecida com a chegada dos *Brummer* e o surgimento de uma imprensa teuto-brasileira. No final de 1852, finda a Guerra do Prata (1851-1852), mercenários alemães recrutados pelo império brasileiro para lutar se viram desamparados e buscaram abrigo nas colônias do RS, onde se estabeleceram e formaram família. Esses são os chamados *Brummer*, jovens, em sua maioria, que participaram das revoluções liberais de 1848 na Alemanha e, no Brasil, tornaram-se professores, jornalistas, escritores e políticos bastante relevantes (Dreher, 2008).²³ O principal meio de comunicação para as críticas dessa nova elite intelectual das colônias alemãs foi o *Deutsche Zeitung*, fundado em 1861 e um dos muitos jornais da imprensa teuto-brasileira em circulação na época.

Gertz (2004) contabiliza cerca de 140 jornais e revistas alemãs em circulação no Rio Grande do Sul entre 1852 e 1889, isso sem contar os diversos almanaques, de publicação anual e presentes na casa de toda família teuto-brasileira da época. Esse levante cultural e político, exposto em páginas da imprensa na forma de comentários críticos, textos literários e até mesmo poemas, fortaleceu, juntamente com a consolidação do ensino privado gaúcho – cuja origem Dreher (2008) localiza justamente nas colônias alemãs e italianas –, a disseminação do alemão *standard* como língua-teto dessa população de imigrantes e seus descendentes. Ou seja, tem-se a variedade local, no caso aqui o Hunsrückisch, como a língua do dia a dia, do meio familiar e das trocas interpessoais entre os colonos, e o Hochdeutsch como a língua de base para a escrita, a escola e a comunicação formal (Altenhofen, 2016). Quanto ao português, além de novas transferências decorrentes de migrações internas e do contato crescente com falantes nativos, fez-se presente também através de empréstimos mais antigos que se mantiveram como “vocabulário de segunda mão, que o novo imigrante não adquiriu diretamente do português,

²³ Pode-se citar, por exemplo, Karl von Koseritz (Dessau, 1830 – Porto Alegre, 1890), professor, folclorista, empresário, político, jornalista e escritor teuto-brasileiro.

mas por meio dos membros mais antigos da comunidade linguística” (Altenhofen, 1996, p. 73, tradução nossa).²⁴

Fato relevante que marca o final do primeiro período da imigração alemã no Rio Grande do Sul e, assim, da periodização do *corpus* de cartas que servem de base para a análise proposta nesta dissertação, é a Guerra do Paraguai (1864-1870). Fizeram parte dos “voluntários da pátria” muitos cidadãos teuto-brasileiros. Dos 8 ou 12.000 homens só da Guarda Nacional do município de São Leopoldo, por exemplo, “alguns milhares’ seriam brasileiros de origem alemã” (Koseritz, 1865 *apud* Becker, 1968, p. 13). Com o avanço da guerra, muitos dos convocados passaram a ser pessoas não aptas ao serviço militar, sendo recrutados à força “pais de família, filhos únicos de viúvas e viúvos com filhos menores” (Becker, 1968). Tratava-se de pessoas de camadas distantes da elite da época, mas que pareciam já ter sido afetadas pelas mudanças linguísticas com origem na oralidade.

Quanto a isso, Altenhofen e Neumann (2018, p. 398), em um estudo comparativo entre dois textos escritos por soldados teuto-brasileiros no âmbito da Guerra do Paraguai, destacam já a ocorrência de “marcas linguísticas (por exemplo, da presença de lusismos e de dialetismos que indiquem a influência da oralidade em Hunsrückisch [provavelmente a variedade dialetal falada pelos autores] e do contato com o português)”. Com base nos escritos de Jacob Dilly e Nicolau Engelmann analisados, os autores assinalam o emprego de empréstimos românicos como uma tendência de normatização, inclusive em topônimos, por vezes para o lado do alemão e outras para o do português. Muitos desses empréstimos, inclusive,

[...] podem ser vistos, como no exemplo de *retour*, como dialetismos, uma vez que na época em que deve ter surgido o texto de Dilly (por volta dos anos 1870) já estavam – pelo que o texto indica – plenamente integrados ao Hunsrückisch. É o caso de variantes como *Stanze*, *Charut*, *Talhenholz*, *Fogueten*, *Milhen*, *Schabal*, que Engelmann novamente ou evita, ou registra com a grafia da norma escrita em português, como no caso de *Milho* e *Xarque*. Em outros exemplos, opta por uma adaptação à ortografia do alemão, como em *embarkiert*, *traktiert*, *attakiert*, *rekognosziert* (‘reconhecido’), etc. (Altenhofen; Neumann, 2018, p. 420).

Conforme chega a virada do século XIX para o XX, a realidade dos imigrantes alemães e seus descendentes é impactada por mudanças significativas como a ascensão da República e, especialmente, o início da Era Vargas. As políticas de nacionalização implementadas no Estado Novo deixaram marcas profundas na cultura e variedade linguística teuto-brasileira. Essa fase representou, por essa razão, um período desafiador e de adaptações para os grupos minoritários

²⁴ No original: „[...] Wortschatz aus zweiter Hand, den der neu Eingewanderte nicht direkt vom Ptg. erwarb, sondern über die schon länger seßhaften Mitglieder der Sprachgemeinschaft.“

do Brasil, cuja identidade e estilo de vida foram profundamente influenciados pelas transformações políticas e sociais do país em desenvolvimento

2.3.2 1890-1940: da República ao Estado Novo

Com o crescimento das colônias velhas, o excedente populacional que levou à formação das colônias novas somado à chegada de novos imigrantes alemães, aos quais acrescentam-se italianos (a partir de 1875) e poloneses (1891), possibilitou ao governo brasileiro uma brecha para acelerar o processo de assimilação dessas populações (Altenhofen, 1996). Buscando evitar ao máximo o surgimento de comunidades minoritárias de estrangeiros, o modo de colonização adotado foi o das colônias “mistas”, que ocorreu paralelamente à instauração da República, em 1889, e refletiu a seguinte lógica: “como os grupos linguísticos em contato precisariam de uma língua franca comum para a comunicação mútua, o português seria mais facilmente aceito” (Altenhofen, 1996, p. 73-74, tradução nossa²⁵).

Como afirma Altenhofen (1996), os primeiros anos da República do Brasil representaram uma primeira experiência de intensa influência governamental na vida dos colonos, que impactou fortemente sua adaptação à nova estrutura social. O estabelecimento de pontos cruciais de comunicação, como cartórios e correios, desempenhou um papel significativo, elevando a importância do português. Além disso, a considerável mobilidade entre as novas e antigas colônias deixou marcas profundas nos aspectos linguísticos e geográficos das regiões. Contudo, seria a partir de 1930 que as circunstâncias tomariam um rumo mais drástico para a vida e, especialmente, para a situação linguística e cultural dos imigrantes de fala alemã e seus descendentes no Brasil.

A Revolução de 1930 marca o fim da República Velha no Brasil e encerra com ela o poder das oligarquias paulistas e a política do café com leite, sinalizando o início da chamada Era Vargas. Em outubro de 1930, Getúlio Vargas assume a chefia do novo Governo Provisório, após golpe de estado que depõe o então Presidente da República Washington Luís e impede a posse do eleito Júlio Prestes; segue-se o Governo Constitucional, de 1934 até 1937, ano em que tem início o Estado Novo, o qual perdura até o final da 2ª Guerra Mundial. Em 1938, tem início a Campanha de Nacionalização do Estado Novo, com o objetivo de assimilar forçadamente todos os “alienígenas” em prol de uma unidade nacional.

²⁵ No original: „Da die in Kontakt stehenden Sprachgruppen eine gemeinsame erkehrssprache für die gegenseitige Kommunikation benötigten würden, würde sich, wie man hoffte, das Ptg. leichter durchsetzen“.

A categoria “alienígena” — preponderante no jargão oficial — englobava imigrantes e descendentes de imigrantes classificados como “não-assimilados”, portadores de culturas incompatíveis com os princípios da brasilidade. A campanha foi concebida como “guerra” para erradicação de idéias alienígenas, com o objetivo de impor o “espírito nacional” aos patricios que formavam “quistos étnicos” erroneamente tolerados pelo liberalismo da República Velha. Seus idealizadores criticavam, sobretudo, a política de colonização com imigrantes mantida durante a Primeira República, argumentando que a elite não corrigiu os “erros” cometidos no Império, permitindo que estrangeiros formassem núcleos isolados, quase imunes ao processo assimilador característico da formação social brasileira (Seyferth, 1997, p. 95).

O discurso sobre um “perigo alemão” já existia no Brasil desde a fundação do Império Alemão, em 1871, e envolvia, principalmente, grande preocupação com as atividades pangermanistas no sul do país (Seyferth, 1997; Gertz, 1991). Temia-se a “formação de um Estado dentro de um Estado” (Brunn, 1971, p. 217), em especial pela expansão das populações teuto-brasileiras e sua resistência à assimilação, além de haver conjecturas sobre uma anexação alemã das regiões coloniais no Brasil (Schulze, 2016). Esse perigo imaginado foi potencializado pelo Estado Novo, tendo a ascensão do nazismo na Alemanha contribuído também fortemente para esse receio.²⁶ Inclusive, a “campanha [de nacionalização] é quase sempre referenciada como uma grande cruzada antinazista mas, na realidade, pretendia atingir a organização comunitária étnica de todos os imigrados” (Seyferth, 1997, p. 102).

A primeira escalada da campanha de nacionalização de Vargas foi direcionado ao sistema educacional, obrigando as escolas de comunidades de imigrantes a adaptarem seus currículos e dispensarem professores considerados “desnacionalizados”, ou seja, não eram mais permitidas aulas em língua que não fosse o português; aquelas escolas que não se conformaram à lei foram fechadas. A partir de 1939, a intervenção direta se intensificou, o que resultou no desaparecimento gradual das publicações em línguas estrangeiras, restrições ao uso dessas línguas em público e imposições de normas de civismo e uso exclusivo do português, além do recrutamento militar forçado. A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1942, exacerbou essas tensões, especialmente entre os imigrantes e seus descendentes de origem alemã, italiana e japonesa. (Seyferth, 1997; Altenhofen, 2004).

Para as comunidades teuto-brasileiras do período, que até então tinham o Hochdeutsch como *Schriftsprache* e língua-teto, a proibição do alemão em público e a obrigatoriedade do ensino apenas em português fizeram da década de 1930 ponto de ruptura linguística. Altenhofen (2016) aponta esse período como marco do que chama *Dachsprachenwechsel* (pt. “substituição

²⁶ Para uma análise das “verdades e dúvidas em relação a nazismo e neonazismo no Brasil”, tendo como foco populações teuto-brasileiras e abrangendo desde o período da 2ª Guerra até tempos atuais, cf. Gertz (2022).

da língua-teto”),²⁷ ou seja, a gradativa substituição do alemão *standard* pelo português como variedade de referência em situações formais. Essa mudança fica evidente, sobretudo, quando se analisa a diferença na competência escrita e de leitura entre gerações,²⁸ visto que, “enquanto a geração mais velha [...] aprendeu a ler e escrever com base na escrita do alemão *standard* antes de 1938, o conhecimento de alemão da geração seguinte ficou limitado à esfera doméstica da família” (Altenhofen, 1996, p. 75, tradução nossa²⁹). E é justamente no domínio da família que os falantes encontraram seu último refúgio de proteção das opressões linguísticas do Estado, mantendo ainda, em grande, parte o Hunsrückisch. A substituição da língua de referência, impulsionada por fatores políticos, sociais e econômicos, teria assim promovido uma “redialetalização” (Woycowicz, 2018).

Portanto, continuo acreditando que a nacionalização essencialmente refreou o acesso ao Hochdeutsch como língua-teto, mas não na mesma medida que ao (!) dialeto familiar, ou seja, no nosso caso, o Hunsrückisch, que continuou a ser usado principalmente em áreas rurais e formou uma espécie de refúgio linguístico (Altenhofen, 2016, p. 126, tradução nossa).³⁰

Esse processo dá-se fundamentalmente no meio oral. Na escrita, por outro lado, a substituição da língua-teto levou a uma mudança bastante sensível, com impacto sobre a escolha da língua para a escrita das cartas privadas a partir dessa época, ou mesmo antes, na virada do século. Um primeiro sinal dessa mudança pode ser visto no aumento de ocorrências de *code-switching* para o português ou mesmo de relatos escritos totalmente em língua portuguesa, no lugar do que antes seria a norma escrita do alemão. Além disso, contribuíram para uma maior presença e uso do português, no decorrer do século XX, os processos de urbanização e o declínio da consciência linguística sobre o papel do alemão, levando inclusive a um recuo lento e gradual do próprio Hunsrückisch, seja no plano diageracional, seja no plano da oralidade, também devido ao avanço da escolarização (Altenhofen, 2016). Essa marginalização e incerteza quanto ao espaço do hunsriqueano na sociedade, bem como das demais línguas minoritárias no Brasil, culminou no surgimento, a partir dos anos 1970-80, de estudos que lançam luz sobre a

²⁷ O conceito remonta ao modelo de *Ausbausprache* (pt. “línguas em virtude do desenvolvimento”) e *Abstandsprachen* (pt. “línguas em virtude da distância”) cunhado por Heinz Kloss, linguista e especialista em línguas minoritárias. Para saber mais sobre o assunto, cf. Kloss (1976).

²⁸ Cf. Gewehr-Borella (2010).

²⁹ No original: „Während die heute zum Teil noch lebende älteste Generation in der Zeit vor 1938 das Schreiben und Lesen in der hdt. Schriftsprache noch erlernte, beschränkten sich die Deutschkenntnisse der nächsten Generation auf den häuslichen Bereich der Familie“.

³⁰ No original: „Ich halte daher nach wie vor daran fest, dass die Nationalisierung im Wesentlichen den Zugang zur hochdeutschen Dachsprache verdrängt hat, nicht in gleichem Maße den (!) Familiendialekt, d. h. in unserem Fall das Hunsrückische, das weiterhin vor allem in ländlichen Gebieten gebraucht wurde, und eine Art sprachliches Refugium bildete“.

questão da variedade e dos contatos linguísticos no país, bem como na ascensão de políticas linguísticas em prol da diversidade (Altenhofen, 2004; Altenhofen; Margotti, 2011; Altenhofen; Oliveira, 2011). A próxima seção aborda esses desdobramentos.

2.3.3 Pós-1940: pesquisas e políticas pela diversidade linguística

A realidade linguística dos falantes de alemão do sul do Brasil pós-1940 se mostrou repleta de perdas e sobrevivências que transparecem, de um lado, pela substituição da língua-teto (Hochdeutsch pelo português) e, de outro, pela restrição ainda maior do uso da variedade (dialetal) local ao meio familiar – o qual, com o passar das gerações, vai também sofrer cada vez mais a influência da língua portuguesa. Nessa perspectiva, fatores externos aos falantes, como as políticas restritivas da Era Vargas, foram bastante decisivos para a mudança. Não se pode, contudo, perder de vista a influência de fatores próprios a eles, como a “perda de laços entre a matriz de origem e os teuto-brasileiros, bem como a autopercepção destes como uma comunidade com uma identidade independente e diferente dos alemães da Alemanha”, que tiveram igualmente grande influência (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 22). A isso, soma-se a situação da marginalização das línguas minoritárias no país que, embora tenha sempre existido, passou a ganhar maior evidência.

O resultado é um aumento dos fenômenos de alternância e mistura de códigos. As línguas se mesclam cada vez mais, levando a formas híbridas entre o alto alemão, o hunsriqueano e o português. O mesmo ocorre com relação às grafias, levando a cruzamentos das convenções ortográficas e a todo tipo de interferências. As soluções e escolhas dos escreventes, nessas circunstâncias pouco estáveis, levam a uma grande variabilidade interindividual, mesmo com relação a um único escrevente. Na oralidade, ainda predomina o hunsriqueano – cada vez com mais empréstimos do português –, mas as competências na escrita do alto alemão diminuem, tendo em vista a dificuldade crescente de acesso aos modelos linguísticos (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 22-23).

Boa parte do que se produzia sobre esses fenômenos, ou sobre o bilinguismo e línguas em contato em regiões de colonização italiana e alemã em geral, até os anos 1970, eram textos sem pretensão acadêmica. Como já mencionado em seção anterior (v. 2.1.3), até essa época, estudos sobre a relação entre línguas de imigração e o português tinham um viés bastante homogeneizador, partindo muitas vezes de outras áreas, como história, sociologia ou antropologia e, quando de autoria de gramáticos ou filólogos, tratavam do tema unicamente a partir do lado da romanística e sem dar grande enfoque à faceta contatual (Altenhofen; Margotti,

2011). A. W. Bunse³¹ e Paulino Vandresen³² dão um pontapé inicial nas pesquisas acadêmicas com enfoque linguístico e etnográfico no contato entre o português e línguas de imigração europeias. No entanto, como acentuam Altenhofen (1996) e Altenhofen e Margotti (2011), quem especificamente inaugura um viés de estudo mais germanístico das variedades do alemão no Rio Grande do Sul é Walter Koch (1974a, 1974b, 1974c). Esses estudos pioneiros desenrolam um novo panorama de pesquisa, o qual passa a destacar a importância de abordagens interdisciplinares e uma análise mais aprofundada das dinâmicas culturais em jogo, influenciando significativamente os campos da linguística e dos estudos culturais nas décadas seguintes e abrindo caminho para projetos de grande impacto e alcance.

Com destaque para estudos sobre o bilinguismo e os contatos linguísticos na região sul do Brasil, tem-se, entre os anos de 1985 e 1987, o desenvolvimento do projeto Bilinguismo no Rio Grande do Sul (BIRS).³³ Com uma metodologia baseada em levantamento de dados por correspondência, o BIRS teve como objetivo mapear as áreas bilíngues do RS (BILINGUISMO..., 2017). Essa experiência, por sua vez, subsidiou os levantamentos sobre a variação do português rural que seriam desenvolvidos no Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), projeto que perdurou de 1987 a 2007, tendo sua publicação sido concluída em 2011, em dois volumes.³⁴ Para o Atlas, foram conduzidas entrevistas com informantes bilíngues nos pontos em que estes constituíam a maioria dos falantes, de forma que os mapas foram elaborados considerando a variação diatópica (Altenhofen; Margotti, 2011). Em época bastante próxima, surge o projeto Variação Linguística Urbana no Sul do país (VARISUL) (Bisol; Menon; Tasca, 2008). Diferentemente do ALERS, o VARISUL lançou luz sobre a variação diastrática, abrangendo o português urbano de 12 pontos distribuídos nos três estados sulistas; tem igualmente, contudo, a variável “bilinguismo” como critério fundamental na definição de seus pontos.³⁵

No âmbito nacional, em especial no campo das políticas linguísticas, o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL), fundado em 1999, atua na

³¹ Cf. Bunse (1969).

³² Cf. Vandresen (1971, 1987).

³³ Projeto coordenado por Walter Koch, no âmbito do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

³⁴ Cf. Koch, Altenhofen e Klassmann (2011a; 2011b).

³⁵ Ainda considerando a região sul, pode-se citar, referente aos estudos dos contatos linguísticos, o grupo de pesquisa Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF), desenvolvido na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e coordenado pelos professores Marcelo Krug e Cristiane Horst. Já quanto aos estudos sobre políticas linguísticas, destaca-se o Grupo de Pesquisa em Políticas Linguísticas Críticas e Direitos Linguísticos (PoLiTicas), desenvolvido na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e coordenado pela professora Cristine Gorski Severo (Araújo; Almeida; Abreu, 2020).

promoção, pesquisa e desenvolvimento de políticas voltadas para o reconhecimento e valorização das línguas faladas no Brasil, especialmente aquelas de minorias linguísticas, visando à preservação do patrimônio linguístico e à inclusão sociocultural dos falantes. Também de grande relevância nacionalmente é o Decreto n.º 7.3987, de 9 de dezembro de 2010, que instituiu o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). Situado como política do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o INDL tem como objetivos “promover e valorizar a diversidade linguística brasileira”, “fomentar a produção de conhecimento e documentação sobre as línguas faladas no Brasil” e “contribuir para a garantia de direitos linguísticos” (INVENTÁRIO..., 2014).³⁶

Por ser um instrumento com a dupla finalidade de pesquisar as línguas e reconhecê-las como patrimônio cultural, o INDL visa ao mapeamento, a caracterização e o diagnóstico das diferentes situações relacionadas à pluralidade linguística brasileira. Ou seja, para que uma língua seja incluída no Inventário, é necessário, antes de tudo, produzir conhecimento sobre ela, documentar seus usos e realizar um diagnóstico sobre as suas condições de vitalidade. [...] Além de possibilitar a ampliação do mapa da diversidade linguística brasileira, os inventários também fomentam a mobilização das comunidades em torno dos temas relacionados à suas línguas maternas, contribuindo para o fortalecimento enquanto gestores do seu próprio patrimônio cultural (INVENTÁRIO..., 2014).

Atualmente, o INDL reconhece sete línguas como Referência Cultural Brasileira, são elas: Guarani Mbya, Asuriní do Tocantins (também conhecido como Asuriní do Trocará), Matipu, Nahukwa, Kuikuro e Kalapalo do Alto-Xingu e Talian. Inventários das línguas Hunsrückisch, Pomerano, LIBRAS e Ianomami também já foram finalizados.³⁷ Sobre o hunsriqueano, variedade de interesse aqui, o Inventário do Hunsrückisch como Língua Brasileira de Imigração (IHLBrI), com relatório publicado em 2018 (Altenhofen; Morello *et al.*, 2018), é resultado de um estudo exaustivo que continua em constante atualização, seja na elaboração de novos estudos, seja na ampliação do acervo de dados de natureza diversa (dados orais e escritos, iconográficos, documentais etc.). O IHLBrI foi alimentado com dados do projeto BIRS (dados de censo linguístico por correspondência), mas principalmente também com os resultados já obtidos a partir do ALMA-H (dados de fala) e do ALMA-Histórico (dados de língua escrita), revisitando pontos de pesquisa para a área de referência do Inventário e ampliando a rede de pontos do ALMA. A presente dissertação, inserida no âmbito do macroprojeto ALMA, é mais uma forma de contribuir para a divulgação e estudo do alemão como língua de imigração.

³⁶ Cf. também os guias de elaboração do Inventário, elaborados pelo IPHAN (2014a, 2014b).

³⁷ Cf. Altenhofen (2024).

O legado do contato entre o alemão e o português reflete-se na língua e cultura dos descendentes dos imigrantes de 1824 e das levas e das gerações seguintes. Atualmente, avanços significativos têm sido feitos em relação à inclusão das línguas minoritárias nos ambientes acadêmico e escolar do Brasil, promovendo o resgate e a manutenção dessas identidades. Neste capítulo, que teve por foco a contextualização histórica e delimitação do objeto de estudo, a língua de imigração alemã, buscou-se elucidar as complexidades envolvidas na imigração alemã e suas ramificações linguísticas e culturais no país, contribuindo desse modo para uma compreensão mais ampla dessa importante faceta da história e realidade brasileira. Com isso, abre-se o caminho para, a seguir, tratar com mais propriedade e conhecimento dos aspectos teóricos que embasam este estudo, bem como da metodologia utilizada para a realização da pesquisa.

3. EMBASAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO

Este capítulo é destinado à exposição dos conceitos e princípios metodológicos que orientam a presente pesquisa. Qual recorte de “língua” fundamenta o estudo? Como se insere no contexto sociolinguístico da variação e mudança, quais dimensões de análise merecem maior atenção (v. 3.1)? E mais: qual sua relação com o “plurilinguismo” e “multilinguismo” (v. 3.2)? Qual sua relevância para os estudos dos contatos linguísticos, considerando aspectos como a vitalidade, a diversidade das línguas e o repertório dos falantes, e como se delimita a noção de “apropriação linguística” a partir deles (v. 3.2)?

Em 3.2, tratar-se-á de processos de apropriação linguística resultantes da mudança, especificamente aqueles envolvidos no contato alemão-português. Ainda, em 3.3, são discutidas as motivações e vantagens do emprego de cartas privadas como fonte de pesquisa linguística, considerando o plano da diacronia e a dimensão diamésica de análise, bem como as relações de distância e imediatez, escrituralidade e oralidade conforme Koch e Österreicher (1985). Os procedimentos metodológicos adotados para a pesquisa são apresentados na última seção do capítulo (v. 3.4), quando se descreve a base de dados do ALMA-Histórico e se especifica o *corpus* de cartas selecionadas, bem como os procedimentos de análise adotados.

3.1 A LÍNGUA COMO OBJETO DE ESTUDO

Fundamentalmente, a língua alemã constitui, em sentido amplo, o objeto de estudo desta dissertação. Ela é analisada em textos escritos por imigrantes e seus descendentes em diferentes períodos e, portanto, condições de uso que dependem tanto do acesso à norma escrita quanto do repertório do escrevente das cartas, que pode incluir variedades regionais do alemão e do português. A compreensão do significado dessa língua e do que cabe em sua definição, nessa produção escrita, é crucial para identificar os diferentes fatores que atuam no contato linguístico. Coseriu (1980, p. 110) propõe, por isso, o conceito de “língua histórica”, para englobar a língua “constituída historicamente como unidade ideal e identificada como tal pelos próprios falantes e pelos falantes de outras línguas, habitualmente através de adjetivo ‘próprio’: língua *portuguesa*, língua *italiana*, língua *inglesa*, língua *francesa*, etc.” A variedade em pauta aqui é vista a partir dessa perspectiva e identificada como língua de imigração alemã falada no Rio Grande do Sul, isto é, como língua alóctone, com origem fora do país, e que compartilha com tantas outras o *status* social e político de língua minoritária (Altenhofen; Margotti, 2011).

Mais do que uma questão numérica, o atributo de língua “minoritária”, nesse contexto, tem relação com o prestígio atribuído a essas línguas. Em um país como o Brasil, equivocadamente idealizado como monolíngue, línguas de imigração europeias e asiáticas, línguas indígenas e de origem africana e mesmo línguas de sinais existem e resistem em um contexto de domínio do português. Socialmente, essas línguas sofrem um processo de marginalização, sendo com frequência associadas a grupos estigmatizados, o que leva à sua desvalorização e pode refletir inclusive em atitudes negativas dos falantes em relação a elas, muitas vezes ocasionando o abandono linguístico por parte das gerações mais jovens. Politicamente, a invisibilidade dessas línguas reflete-se no baixo número de políticas públicas eficazes que promovam e protejam a diversidade linguística no país, resultando em um ciclo de exclusão e possível perda cultural. (Fishman, 1991).

Soma-se a isso o fato de que nenhuma dessas línguas está isenta à variação e consequente mudança. Por um lado, por essas serem condições naturais ao desenvolvimento de qualquer variedade, de outro, pelas línguas minoritárias no Brasil se encontrarem em realidade repleta de inevitável contato com o português e entre si. Como já mencionado no capítulo anterior, a variedade do alemão em foco nesta dissertação, ou seja, a língua objeto de estudo aqui, equivale ao alemão *standard*, predominante na escrita, em consonância com a coine heterogênea denominada Hunsrückisch, de uso primordialmente oral. Mais do que isso, tem-se como objeto, aqui, a língua *em contato*, analisada diacronicamente e considerando ainda a dimensão diamésica, a da variação entre a fala e a escrita. É o contato alemão-português, ambientado histórica e socialmente, que constitui o tema desta dissertação. A seguir, serão explorados conceitos referentes às noções de variação e mudança linguística, tendo em mente a questão do contato linguístico e sua influência na configuração das línguas ao longo do tempo.

3.1.1 Variação e mudança da língua

Faz-se essencial lembrar que a variação é inerente às línguas e está diretamente ligada à noção de heterogeneidade, de que as línguas são sistemas heterogêneos (Weinreich; Labov; Herzog, 2006). Embora a variação possa parecer caótica, é possível sistematizá-la, revelando uma ordem subjacente. Os contatos linguísticos desempenham um papel fundamental no entendimento desse processo, pois são uma das principais fontes de variação. Quando falantes de diferentes línguas ou dialetos interagem, ocorrem trocas de elementos e interinfluências que podem resultar em novas formas e usos, como será visto mais adiante. Ao longo do tempo, essas variações podem se consolidar e levar à mudança linguística, modificando estruturas

gramaticais, vocabulário e pronúncias. Portanto, o contato linguístico é um dos motores da variação – passível de análise em *tempo aparente*, sincrônica –, que, por sua vez, é a base para a mudança – analisada com base no *tempo real*, diacronicamente (Labov, 1994).

Como afirma Faraco (2005, p. 196), “a difusão da mudança, tanto no interior da língua, quanto no espectro social e no espaço geográfico, não se dá uniformemente, mas em ritmos e direções diferenciados”. O foco desta dissertação é justamente essa não uniformidade da mudança em tempo real. Uma classificação geral dos tipos de mudança linguística é exposta nos relevantes trabalhos de Van Coetsem (1988) e Thomason e Kaufman (1988), que distinguem entre dois padrões principais, cuja maior diferença se encontra nos agentes da mudança: há a “agentividade da língua recipiente”, na qual os agentes seriam falantes nativos da língua que sofre a mudança e importariam elementos de outra língua para a sua; há casos também de “agentividade da língua fonte”, em que os agentes seriam falantes que estão aprendendo uma segunda língua e impõem sobre ela elementos de sua língua nativa. Labov (1994), por sua vez, a partir de teoria que considera a língua como fato social e vinculada ao contexto social, distingue entre mudanças vindas “de cima” e aquelas vindas “de baixo” do nível de consciência dos falantes, isto é, *mudanças de cima*

[...] são introduzidas pela classe social dominante, geralmente com consciência pública completa. Normalmente, elas representam empréstimos de outras comunidades de fala de maior prestígio sob os olhos da classe dominante. [...] *Mudanças de baixo* são mudanças sistemáticas que surgem primeiro no vernáculo, e representam a operação de fatores linguísticos internos. No início, e durante a maior parte de seu desenvolvimento, elas estão completamente abaixo do nível da consciência social. Ninguém percebe ou fala sobre elas, e mesmo observadores treinados foneticamente podem não ter consciência delas por muitos anos (Labov, 1994, p. 78, tradução nossa).³⁸

As motivações para a mudança linguística, contudo, complexificam tipologizações. Quando são considerados elementos como classe social e idade dos falantes, políticas de manutenção de línguas ou de assimilação linguística, *status* de cada língua, além do domínio não equilibrado que cada falante tem das línguas que fala, ou melhor, de seu repertório, um leque bastante amplo de possíveis consequências se abre – especialmente quando se leva em conta a coocorrência e interinfluência dessas motivações. Lucchesi (2012) chama a atenção,

³⁸ No original: “[...] are introduced by the dominant social class, often with full public awareness. Normally, they represent borrowings from other speech communities that have higher prestige in the view of the dominant class. [...] *Changes from below* are systematic changes that appear first in the vernacular, and represent the operation of internal, linguistic factors. At the outset, and through most of their development, they are completely below the level of social awareness. No one notices them or talks about them, and even phonetically trained observers may be quite unconscious about them for many years”.

além disso, para a relevância que deve ser dada a fatores sócio-históricos na análise de mudanças linguísticas, viés que parece fazer falta em muitos estudos variacionistas e que, no entanto, permeia o conjunto deste trabalho. O autor, amparado por resultados empíricos de estudos como os de Rodrigues e Bortoni-Ricardo,³⁹ afirma que achados relativos à realidade sociolinguística brasileira só podem ser assimilados “à luz da compreensão do processo social como um todo” (Lucchesi, 2012, p. 799).

E a compreensão de cada processo histórico particular em seu conjunto passa necessariamente pelo estabelecimento de uma relação dialética entre as partes e o todo, no sentido de que, se a compreensão do todo se baseia nos resultados quantitativos parciais, ela não é apenas a soma, ou seja, a justaposição desses resultados parciais. A interpretação qualitativa do conjunto do processo histórico global ilumina as suas partes, de modo que os resultados parciais são reinterpretados à luz dessa compreensão global (Lucchesi, 2012, p. 799).

Assim, a mudança linguística é desencadeada pelo conjunto de fatores intra- e extralinguísticos, bem como por uma contemplação diacrônica da mudança sem esquecer fatores sincrônicos da variação, que envolvem, para a análise aqui proposta, a interação entre falantes ou o contato entre comunidades de fala. Dessa forma, como a mudança pressupõe variação, tem-se aqui que a mudança pressupõe também contato.

Uma maneira de considerar as diferentes facetas envolvidas nesse processo, de aproximar-se da ordem no aparente caos do universo *langue-parole*, é apresentada em Radkte e Thun (1999) e Thun (1998), a partir do princípio da pluridimensionalidade da variação e mudança linguística. Esse princípio oferece ao pesquisador uma maior quantidade de dados e de possibilidades de cruzamento entre eles, por meio da análise de novas dimensões de variação. Com isso, possibilita-se unir os recortes horizontal/geográfico/histórico e vertical/sociológico/contatual, identificando tendências de variação e mudança da língua nas dimensões específicas selecionadas pelo pesquisador. Para este trabalho, pode-se dizer que foram selecionadas duas dimensões de análise: a diamésica – variação entre meios oral e escrito – e a diacrônica – variação no eixo do tempo.⁴⁰ Sobre esta última, já se abordou bastante no

³⁹ Ver RODRIGUES, Ângela. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. 1987. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987; bem como BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola, 2011. [1985].

⁴⁰ Exemplos de outras dimensões passíveis de análise são a diatópica – entre falantes de diferentes localidades –, a diassexual – entre a fala de homens e mulheres –, a diastrática – entre estratos sociais distintos –, a dialingual – entre falantes de uma ou mais línguas –, a diafásica – entre os estilos de fala empregados conforme cada situação –, etc.

capítulo 1; ela será novamente considerada nas seções posteriores. Sobre aquela, considerações serão feitas logo a seguir.

3.1.2 A língua na dimensão diamésica

Os meios escrito e falado podem ser entendidos dentro de um contínuo, como será visto de forma mais aprofundada em 3.3.1, com base na teoria de Koch e Oesterreicher (2013). Por ora, cabe observar que no meio escrito costuma-se adotar a variedade *standard*, enquanto o meio falado apresenta em geral maior variação. Historicamente, as pesquisas linguísticas oscilam entre o foco ou na variedade escrita ou na oral. Muitas vezes, inclusive, baseando-se apenas nesta última, simplesmente por haver casos em que não há registro escrito, como é a situação de muitas línguas indígenas.

Na história da configuração do alemão como língua de imigração no Brasil, a fala e a escrita se encontram em uma via de mão dupla. Por um lado, registros escritos são as únicas referências que existem do estado da língua em épocas passadas, e funcionaram por muitas décadas como ideal “padronizado” a ser seguido na fala,⁴¹ porém nunca plenamente alcançado (Altenhofen, 2019). De outro, a oralidade prevalece como meio que possibilita a preservação do dialeto familiar, ainda que haja, entre os falantes de Hunsrückish, por exemplo, uma forte percepção de que sua variedade oral se trata de um “alemão quebrado” ou “errado” (Habel, 2017b). O que se busca aqui é a necessária união entre esses dois meios, uma vez que é na oralidade que a variação ocorre em demasia, em que novas formas são adaptadas à língua de imigração justamente em decorrência do contato com o português e demais línguas no cotidiano dos imigrantes; essa variação inevitavelmente “escapa” para a escrita na medida em que novas variantes são apropriadas pelos falantes, atribuindo aos registros escritos destacado valor ao evidenciarem mudanças em curso que não seriam visíveis de outra forma.

Uma língua que se manifesta unicamente de forma oral tem seu legado, sua história fadada à transmissão de geração em geração, logicamente, através da fala. Sem falantes, torna-se uma língua sem passado. Uma língua que permanece somente documentada em meio escrito, por sua vez, é possível considerar uma língua sem futuro. É na oralidade que está a possibilidade da constante variação que mantém uma língua viva. Daí a importância tanto de investir na escrita de memórias, leis, literatura e toda forma de preservação da língua minoritária em sua

⁴¹ Cf. Schmidt (2017).

escrituralidade, como em dedicar esforços à manutenção de sua forma oral através do ensino em escolas e da promoção de políticas linguísticas que garantam seu lugar entre as muitas variedades do país. Inclusive, sobre essa riquíssima diversidade linguística que permeia o Brasil e os contatos advindos dela, tratar-se-á a seguir.

3.2 PLURILINGUISMO E CONTATOS LINGUÍSTICOS

O Brasil é uma nação multilíngue com cidadãos plurilíngues, ainda que oficialmente monolíngue. No artigo 13 da Constituição Federal (Brasil, 1988), o português consta como língua oficial do país, ou seja, todas as comunicações do Estado devem ser realizadas e todos os documentos oficiais devem ser redigidos em língua portuguesa (Freitag; Savedra, 2023). Evidentemente, trata-se da língua falada pela maior parte dos brasileiros; contudo, não é a única. Em escala mundial, sabe-se que há hoje por volta de 7 mil línguas distribuídas entre apenas cerca de 200 países independentes (Altenhofen, 2022). O monolingüismo, perpetuado ao longo da história a partir da ideologia romântica de “uma nação, uma língua” é a exceção no dia a dia de muitos brasileiros, tal qual no restante do globo. Só no Brasil, são faladas cerca de 330 línguas, entre elas 274 línguas indígenas⁴² e mais de 50 línguas de imigração, além de outras línguas sinalizadas e de origem africana (Freitag; Savedra, 2023; Altenhofen, 2013). É esse panorama linguístico tão rico que caracteriza o multilingüismo do país, termo definido pelo Quadro Comum Europeu como sendo

[...] a capacidade das sociedades, em instituições, grupos e indivíduos, de se envolverem, regularmente, com mais de uma língua em seu dia a dia. [...] Além disso, o termo multilingüismo é usado para se referir à coexistência de diferentes comunidades linguísticas em uma área geográfica ou geopolítica ou entidade política (Comission of the Eroupean Communities, 2007, p. 6, tradução nossa⁴³).

Ou seja, multilingüismo se refere à variedade de línguas presentes em contexto geográfica e politicamente amplo, considerando a realidade de nações ou sociedades específicas para além dos registros oficiais. Em um mapa das línguas do Brasil, enxergaríamos o

⁴² Como afirmam Freitag e Savedra (2023), não há consenso sobre o número exato de línguas indígenas faladas no Brasil. 274 é o número computado pelo censo do IBGE de 2010; o Atlas das Línguas Ameaçadas da Unesco do mesmo ano, contudo, afirma haver 190 línguas, enquanto a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) contabiliza 154, considerando que há ainda povos não contatados.

⁴³ No original: “[...] as the ability of societies, in institutions, groups and individuals to engage, on a regular basis, with more than one language in their day-to-day lives. [...] In addition, the term multilingualism is used for referring to the co-existence of different language communities in one geographical or geo-political area or political entity”.

multilinguismo na forma de diversos pontos coloridos espalhados pelo país, por vezes com alguns acúmulos monocromáticos em determinadas regiões, mas em um panorama geral bastante variado. Um *zoom* nessa carta, ademais, nos levaria a enxergar o arco-íris presente ainda dentro de cada um desses pontinhos coloridos: o plurilinguismo. Seria possível entender “plurilinguismo”, aqui, como o que Weinreich (1968) e demais teóricos denominam “bilinguismo”, ou seja, o uso alternado de duas (ou mais) línguas por um indivíduo. Melhor seria, contudo, conceituar o termo como a mobilização de todas as línguas que fazem parte do repertório linguístico de um falante, como será melhor compreendido na subseção seguinte (v. 3.2.1).

O plurilinguismo é o que possibilita o tema desta dissertação, uma vez que o que se encontrará nas cartas analisadas mais adiante é justamente um registro diacrônico desse repertório plural de seus autores. Este foi construído, no caso dos imigrantes pioneiros, já desde sua origem na Europa e, no caso de seus descendentes, somado ao que foi enraizado ao longo de gerações e a partir de suas vivências linguístico-contatuais em solo multilíngue latino-americano – como se viu no capítulo 1. O português, que constitui uma parte do repertório dos imigrantes e o foco de interesse aqui, pode-se supor que aumente sua presença nas cartas ao longo das décadas e que seja manejado na escrita, também como pista de oralidade (v. 3.3), conforme a temática, o remetente e o período histórico. Segundo Matras (2020, p. 4, tradução nossa⁴⁴),

[...] elementos do repertório (palavras, regras fonológicas, construções e assim em diante) gradualmente se tornam associados, por meio de um processo de socialização linguística, com uma série de atividades sociais, incluindo fatores como conjuntos de interlocutores, tópicos e ambientes institucionais. Falantes [plurilíngues] maduros enfrentam um desafio constante para manter o controle sobre seus complexos repertórios de formas e estruturas e selecionar aquelas formas que são apropriadas ao contexto.

Quando se levam em conta os contatos linguísticos nos quais os falantes plurilíngues, em contextos multilíngues, tomam parte, o cenário se torna, contudo, mais complexo – ou se poderia dizer ainda mais rico? Matras (2020) explica que a comunicação em um contexto de contatos linguísticos se dá a partir da relação entre dois fatores principais: a fidelidade a um conjunto de normas que regulam a utilização do repertório, conforme o contexto em que o

⁴⁴ No original: “[...]. elements of the repertoire (word-forms, phonological rules, constructions, and so on) gradually become associated, through a process of linguistic socialization, with a range of social activities, including factors such as sets of interlocutors, topics, and institutional settings. Mature multilingual speakers face a constant challenge to maintain control over their complex repertoire of forms and structures and to select those forms that are context-appropriate”.

falante se encontra, e o desejo do falante de explorar sua bagagem linguística por completo, independente do contexto. É a relação entre essas motivações *push-and-pull* intralinguísticas que explicita o plurilinguismo fluido e complexo de cada falante que, por um lado, busca se comunicar em conformidade a normas sociais e expectativas e, por outro, quer aproveitar sua criatividade e o rico potencial de sua bagagem linguística. Assim, o “equilíbrio entre esses dois fatores é determinado por uma necessidade de remover obstáculos que se colocam no caminho da comunicação eficiente” (Matras, 2020, p. 5, tradução nossa⁴⁵).

Contextos multilíngues, desde pequenos vilarejos até nações inteiras, possibilitam essas situações de comunicação e contatos linguísticos, e toda língua é fruto do contato entre línguas – ou melhor dizendo, do contato entre comunidades que falam essas línguas. Mais precisamente ainda, pode-se considerar que o contato (nível macrolinguístico) tem início na interação face à face (nível microlinguístico) entre pessoas que falam variedades de uma “língua histórica”. Assim, naturalmente, tratar do “contato alemão-português” é uma forma de se referir, mais precisamente, à relação – e suas consequências – entre comunidades de falantes de variedade do alemão e comunidades de falantes de variedade do português.

3.2.1 Repertório plurilíngue e o conceito de “apropriação”

Ao longo da vida, uma pessoa pode ter aprendido ou mesmo apenas tido contato com diversas línguas: um jovem gaúcho pode ter aprendido alemão em casa, com os pais; depois ter sido ensinado o português na escola; depois captado um amplo vocabulário de inglês ao assistir filmes e séries norte-americanas; pode até mesmo ter se mudado, quando mais velho, para uma região em que teve contato com falantes de guarani; passado alguns meses no Espírito Santo e adotado variantes do português capixaba; ou tido um melhor amigo muito fã de mangás que aprendeu japonês e o ensinou algumas expressões na língua. Toda essa complexa gama de variedades com que o sujeito teve contato em maior ou menor grau ao longo de sua vida compõe seu repertório linguístico e se coloca a seu dispor a cada interação comunicativa. “Repertório” como conceito é originário das áreas do Teatro e da Musicologia e refere-se à totalidade de peças executadas por uma orquestra, teatro ou conjunto, bem como a todas as partes ou papéis que um artista sabe representar. Com base nisso, Pütz (1996, p. 226, tradução nossa⁴⁶) define

⁴⁵ No original: “[...] the balance between these two factors is determined by a need to remove hurdles that stand in the way of efficient communication”.

⁴⁶ No original: “[...] Gesamtheit der sprachlichen Möglichkeiten, die einem Sprecher in spezifischen Situationskontexten zur Verfügung stehen”.

“repertório linguístico” como a “totalidade das possibilidades linguísticas disponíveis para um falante em contextos situacionais específicos”.

Considerar o plurilinguismo a partir da noção de repertório se mostra produtivo ao ir contra a antiga suposição de que um indivíduo bi-/plurilíngue seria o equivalente a dois ou mais monolíngues em um, com competências linguísticas perfeitamente isoladas (Grosjean, 1989). Ao invés disso, temos sujeitos plurais que fazem uso de um repertório fluido em seu cotidiano. A isso equipara-se o que García (2009) chama “bilinguismo dinâmico” ou *translanguaging* (pt. “translinguagem”) e o que Thun (2010) considera *variety complexes* (pt. “complexos de variedades”). A noção de translinguagem sugere que todos os falantes possuem um repertório linguístico singular, composto por elementos que são selecionados e utilizados em diferentes contextos; a teoria prioriza as práticas linguísticas dinâmicas dos falantes acima das línguas designadas por nações e estados, ao mesmo tempo em que reconhece os efeitos tangíveis das ideologias e categorias linguísticas socialmente construídas (Vogel; García, 2017). Sobre o segundo conceito, Thun (2010, p. 706) considera que nosso repertório, diferente do sistema homogêneo clássico de língua, é constituído por complexos de variedades, sendo “cada uma delas uma arquitetura de mais de um sistema mais ou menos homogêneo”.

Considera-se, aqui, essa fluidez linguística que constitui o repertório do falante, tendo-se ao mesmo tempo consciência de que, conforme o contexto em que este está inserido, determinada(s) língua(s) podem exercer maior influência do que outras sobre seu repertório, o que parece ser o caso do português em relação ao alemão no contexto de imigração no Brasil. Com isso em mente, faz-se adequado adotar como fenômeno norteador deste estudo e que optou-se chamar “apropriação linguística”, em oposição, por exemplo, a termos como “interferência” (Weinreich, 1968), “assimilação”, “aculturação” ou “integração” (Singer, 1998; Hofmann, 2014).⁴⁷ Entende-se aqui que a apropriação se dá quando uma comunidade ou grupo incorpora elementos de uma língua específica em seu repertório linguístico, adaptando-os às suas próprias necessidades e contextos culturais. Ela ocorreria por meio de processos de contato linguístico que vão além de simples empréstimos de palavras, envolvendo a incorporação de estruturas gramaticais, fonológicas e até pragmáticas de outra língua, moldando-as para que se integrem funcionalmente à língua nativa do grupo – podendo-se afirmar, inclusive, que fatores externos estejam por vezes envolvidos. A apropriação linguística refletiria uma dinâmica em

⁴⁷ Matras (2020) já defende o uso de “apropriação linguística” no lugar de “empréstimo linguístico”, por exemplo, uma vez que a ideia de empréstimo pressupõe a devolução do que foi tomado, algo que não acontece. Toma-se aqui o termo “apropriação” de forma mais ampla e, ao mesmo tempo, defende-se a ideia de Pavan (2023, p. 92) de que, ao se inserir em um novo contexto, o imigrante “tem de se *apropriar* do conhecimento de seu entorno para dar conta das mudanças com as quais entra em contato”.

que a língua receptora adapta, reformula e, em certos casos, reinterpreta os elementos exógenos de modo a satisfazer as convenções linguísticas e sociais locais, promovendo a coexistência e transformação de traços linguísticos no ambiente de contato.

A escolha pelo termo “apropriação” para descrever o processo pelo qual uma língua adota elementos de outra é fundamentada aqui em diversas considerações – apoiadas em parte pelo que já foi defendido na tese de Pavan (2023). Uma dessas considerações faz referência à conotação do termo, uma vez que “apropriação” sugere um processo ativo de seleção e adaptação, no qual os falantes não apenas assimilam passivamente elementos de uma língua estrangeira, mas também os adaptam às suas próprias práticas linguísticas e culturais. Esse termo implica, portanto, um grau de decisão e agentividade por parte da comunidade linguística. Outro fator seria o reconhecimento da identidade cultural dos falantes, já que, quando um grupo se apropria de elementos linguísticos, isso pode estar relacionado a questões de pertencimento ou reinterpretação de influências externas, evitando a sugestão de uma fusão linguística mais homogênea e menos crítica. Há, por fim, a questão dos aspectos de poder e hierarquia, frente aos quais o termo “apropriação” permite discutir como grupos minoritários ou marginalizados podem reivindicar e adaptar elementos de línguas dominantes, expressando resistência ou reivindicação de espaços sociais.

Assim, procura-se aqui identificar, com base nas cartas que compõem o *corpus* deste estudo, elementos que podem ser considerados para a identificação, em caráter diacrônico e bastante abrangente, da apropriação do português no alemão. Cabe, a seguir, oferecer um panorama dos processos de apropriação que se espera encontrar nas cartas analisadas e que servirão, posteriormente, como base para a definição dos critérios e tópicos de análise.⁴⁸

3.2.2 Processos de apropriação linguística

Savedra et al. (2021) sintetizam os principais temas de estudo relacionados às consequências dos contatos linguísticos, são eles: criação de novas línguas, como pidgins e línguas crioulas; mudanças linguísticas – abrangendo, entre outros fenômenos, empréstimos e alternâncias de código; substituição e morte de línguas – casos de “obsolescência linguística” e “glototanásia” (Couto, 2009) –; e, ainda, manutenção linguística, incluindo formas de “autoafirmação e defesa de identidade linguística e cultural, geralmente motivadas por ações

⁴⁸ Estes serão apresentados em detalhe, juntamente ao método de análise diacrônica utilizado, na seção 3.4 desta dissertação.

políticas e glotopolíticas *in vivo* para então se tornarem ações *in vitro*” (Savedra; Spinassé, 2009, p. 5). Quando o foco são processos de apropriação do português no alemão como língua de imigração no Brasil, cabe tratar dos últimos três temas, uma vez que eles se interrelacionam.

Dado que a substituição de uma língua ocorre de forma lenta e gradual, afetando inicialmente partes antes de impactar o todo, muito se fala em vitalidade linguística, especialmente na realidade cada vez mais “globalizada” em que nos encontramos. Como afirma Romaine (2013, p. 530-531, tradução nossa⁴⁹), há uma “contenda entre a crescente internacionalização, a homogeneização cultural e linguística [...] vs. a diversificação. Há um choque de valores inerente à luta entre o global e o local, entre a uniformidade e a diversidade”, não sendo à toa que há tantos anos se discute a perda do dialeto, a perda da “língua materna” – em toda a complexidade e polissemia que tal denominação contém⁵⁰ – de diversos povos e etnias vivendo em solo brasileiro.

Com isso em mente, cabe distinguir entre dois tipos de vitalidade (Altenhofen; Mello, 2024). A vitalidade linguística *externa* trata da força de manutenção ou suscetibilidade à perda de uma língua enquanto entidade social e instrumento de comunicação e expressão da identidade dos seus falantes – vinculado à história externa da língua. A vitalidade linguística *interna*, por sua vez, está relacionada à manutenção ou perda das características inerentes ao sistema da língua, ou seja, sua configuração interna, que tende a ser gradualmente influenciada por elementos exógenos oriundos das línguas e variedades em contato – vinculado à história *interna* da língua. No contexto do contato alemão-português no Brasil, um processo de substituição lenta e gradual do alemão como língua de imigração pelo português, que se reflete em sua vitalidade externa e interna, pode ser observado em pelo menos quatro estágios (de consequências) do contato linguístico, conforme Altenhofen e Mello (2024, p. 24):

- 1º) a apropriação de empréstimos linguísticos, ao nível da palavra;
- 2º) a realização de *code switching* (alternância de código), portanto de coocorrência das línguas/variedades, ao nível da frase;
- 3º) a substituição da língua-teto, ao nível das funções formais, como os usos escritos;
- 4º) a substituição linguística propriamente dita (*language shift* – Fishman, 2006), a qual, contudo, nem sempre resulta em um estado de língua totalmente isento de marcas do contato linguístico. Estas podem subsistir, por exemplo, em um “português de contato” (i.e., resultante do contato com outra língua), que se distingue do “português em contato”, tal como é falado por falantes nativos (Altenhofen; Margotti, 2011, p. 297).

⁴⁹ No original: “struggle between increasing international, cultural and linguistic homogenization [...] vs. diversification. There is a clash of values inherent in the struggle between the global and local, between uniformity and diversity”.

⁵⁰ Para reflexões sobre o conceito de “língua materna”, cf. Altenhofen (2002).

In vivo, essas etapas não ocorrem de forma tão isolada e cronológica como a listagem acima pode dar a entender. Ainda assim, faz-se importante aqui examinar cada fenômeno em detalhe para sua melhor compreensão.

a) Empréstimos

Empréstimo é um fenômeno de transferência linguística de nível lexical ou semântico, ou seja, do nível da palavra, que se manifesta por meio da integração ao e modificação do sistema de uma variedade (Thomason; Kaufman, 1988; Riehl, 2015). Cabe, primeiramente, levantar o questionamento a respeito da nomenclatura. Como bem coloca Haugen (1950, p. 211, tradução nossa⁵¹), “a metáfora implícita é certamente absurda, já que o empréstimo é feito sem o consentimento ou mesmo a consciência do doador, e o usuário não tem obrigação alguma de retorná-lo”. De fato, termos como “adoção”, “difusão” — como emprega a Antropologia — ou até mesmo “roubo” — ainda que o dono não perca nada e nem mesmo sinta a necessidade de tomar de volta o que emprestou — talvez fossem mais adequados. Ainda assim, a denominação se manteve a mesma de Weinreich (1953) em diante, e parece servir bem a seu propósito.

Em segundo lugar, é válido refletir sobre os motivos para os empréstimos estabelecidos em determinada língua, aos quais certas “lacunas” no sistema receptor e o “prestígio” do sistema fonte são frequentemente relacionados. Os empréstimos de nomenclaturas para novos artefatos, produtos e inovações culturais, bem como para conceitos sociais e ideológicos relacionam-se às “lacunas” (Matras, 2019). Quanto ao “prestígio”, considera-se que empréstimos podem ser compreendidos a partir de sua relação com papéis específicos das línguas em diferentes domínios de interação social. Essa diferenciação, contudo, como afirma Matras (2019, p. 153, tradução nossa⁵²) não justifica a substituição de “termos herdados ou a aparente natureza hierárquica de empréstimos em certos casos”,⁵³ além de restar em aberto a questão do “empréstimo de estruturas funcionais equivalentes (ou quase equivalentes) na gramática”. Quanto a isso, o mais certo talvez fosse considerar a “valoração” de determinados termos ou estruturas em detrimento do “prestígio”, inclusive porque o

⁵¹ No original: “The metaphor implied is certainly absurd, since borrowing takes place without the lender's consent or even awareness, and the borrower is under no obligation to repay the loan”.

⁵² No original: “inherited items or the apparent hierarchical nature of borrowing in some cases”; “borrowing of functionally equivalent (or near-equivalent) structures in grammar”.

⁵³ Muysken (1981) propõe a seguinte hierarquia: nomes > adjetivos > verbos > preposições > conjunções coordenadas > quantificadores > determinantes > pronomes > clíticos > conjunções subordinadas.

empréstimo não se dá apenas da língua socialmente dominante para a minorizada, mas também vice-versa.

Quanto à tipologização, Nübling et al. (2013), baseando-se na proposta de Betz (1949), usam o termo guarda-chuva “transferência” e distinguem entre transferência lexical (dt. *Wortentlehnung*) e transferência semântica (dt. *Lehnprägung*). A transferência lexical subdivide-se em estrangeirismo (dt. *Fremdwort*) e empréstimo (dt. *Lehnwort*), enquanto a transferência semântica abrange o empréstimo por tradução plena (dt. *Lehnübersetzung*), por tradução parcial (dt. *Lehnübertragung*), por criação (dt. *Lehnschöpfung*) e o empréstimo semântico *per se* (dt. *Lehnbedeutung*).

Sobre as transferências lexicais, estrangeirismo e empréstimo se diferenciam pelo fato de que, no primeiro, são mantidas as marcas formais da palavra na língua fonte (p. ex. *Cappuccino*, *Pizza*), enquanto no segundo as marcas formais são perdidas, assumindo aquelas da língua receptora (p. ex. dt. *Mauer* do lat. *mūrus*) (Nübling et al., 2013). Em relação às transferências semânticas, têm-se: empréstimo por tradução plena ocorre quando elementos de uma palavra ou expressão são traduzidos literalmente de uma língua para a outra (p. ex. pt. “arranha-céu” do ing. *skyscraper*); empréstimo por tradução parcial ocorre quando apenas parte da palavra ou expressão é traduzida literalmente para a língua receptora (p. ex. dt. *Halbinsel* do lat. *paeninsula*); empréstimo por criação, quando a língua receptora desenvolve um novo termo que transmite o mesmo significado do termo estrangeiro, mas com elementos linguísticos próprios (p. ex.: dt. *Weinbrand* como equivalente para o fr. *cognac*); por fim, empréstimo semântico *per se*⁵⁴ ocorre quando uma palavra já existente em uma língua adquire um novo significado sob a influência de uma língua estrangeira (p. ex.: hunsriqueano *bis* que, além de incorporar os sentidos espacial e temporal de “até”, também adota seu uso enfático – *bis der Wowwo is uff's Spiel gang* • “até o vovô foi ao jogo”) (Betz, 1949; Pavan, 2023, p. 84).

Por fim, e proveitosamente para o presente trabalho, vem ao caso tratar da proposta de Thomason (2001) de uma hierarquia de empréstimos linguísticos que varia conforme a intensidade do contato entre as línguas. No *contato casual*, apenas palavras lexicais são emprestadas, seguindo a ordem substantivos > verbos > adjetivos > advérbios, sem alterações estruturais, já que os falantes não dominam totalmente a língua-fonte. À medida que o contato se intensifica (*contato um pouco mais intenso*), surgem empréstimos de palavras instrumentais, mudanças na ordem dos constituintes e algumas adaptações fonológicas, associados a falantes

⁵⁴ Referida neste trabalho também como “apropriação semântica”, seguindo a lógica de Matras (2020) e considerando “apropriação” um termo abrangente.

com maior domínio. No *contato mais intenso*, falantes proficientes e atitudes positivas em relação à língua-fonte favorecem o aumento de empréstimos de palavras do inventário fechado,⁵⁵ afixos e estruturas mais complexas. Por fim, no *contato intenso*, há mudanças significativas, como alterações substanciais na morfossintaxe e perda de traços fonológicos, impulsionadas pela alta proficiência bi/plurilíngue, que viabiliza os empréstimos estruturais. (Almeida, 2022).

b) Alternância de código

A alternância de código (AC) envolve “o uso alternado de duas línguas (ou dialetos) dentro de uma mesma extensão de fala, com frequência dentro de uma mesma frase” (Winford, 2003, p. 14, tradução nossa⁵⁶). A origem dos estudos sobre o conceito pode ser traçada a partir das publicações de John Gumperz, que o considerava uma estratégia discursiva.⁵⁷ Não é à toa, inclusive, que a AC tenha sido tão fortemente vinculada à noção de diglossia e domínios linguísticos de Ferguson (1959) e, posteriormente, Fishman (1964), que identificaram contextos distintos para o uso de cada variedade em sociedades que usam duas ou mais línguas. Ferguson (1959) introduziu a noção de diglossia como a coexistência de duas variedades de uma língua em uma mesma comunidade, cada uma apropriada para domínios específicos, como a família, a religião ou a educação. Fishman (1964) expandiu essa ideia ao aplicar o conceito de domínios linguísticos a contextos mais amplos, nos quais a alternância de código se torna uma ferramenta estratégica para atender às exigências sociais e culturais de cada situação.

Sobre a AC intra-sentencial, uma grande questão é sua diferenciação de outros fenômenos resultantes do contato linguístico, em especial do empréstimo. Winford (2013), como já mencionado, destaca que esse tipo de alternância de código ocorre quando o falante mantém a forma morfossintática de sua língua dominante e importa morfemas individuais de

⁵⁵ Coseriu (1978) distingue entre elementos linguísticos de dois tipos: aqueles que constituem o “inventário aberto” e os que compõem o “inventário fechado”. O inventário aberto é composto por categorias que podem ser continuamente ampliadas, como substantivos, verbos, adjetivos e advérbios. Esses elementos são frequentemente sujeitos a mudanças devido a necessidades comunicativas e culturais. O inventário fechado, por sua vez, é composto por categorias com um número limitado e relativamente estável de elementos, como pronomes, conjunções, preposições e categorias gramaticais. Esses elementos estão intimamente ligados à estrutura da língua e são menos sujeitos a variações, pois desempenham funções estruturais essenciais.

⁵⁶ No original: “[...] the alternate use of two languages (or dialects) within the same stretch of speech, often within the same sentence”.

⁵⁷ Ver GUMPERZ, John J. Hindi-Punjabi code-switching in Delhi. In: Lunt, Horace G. (ed.). *Proceedings of the Ninth International Congress of Linguists, Boston, MA*. The Hague: Mouton, 1964. p. 1115–1124; bem como GUMPERZ, J. J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982. O termo *code-switching* foi cunhado, contudo, por Hans Vogt – v. VOGT, Hans. Language contacts. *Word*, [s. l.], v. 10, n. 2-3, p. 365-374, 1954.

uma outra língua. Em contrapartida, Poplack, Sankoff e Miller (1988) definem empréstimo como estruturas integradas na língua com uma maior frequência em seu *corpus*, ou seja, adotadas e de certa forma fixadas no sistema da língua receptora. Dessa forma, é possível entender a alternância de código como um fenômeno da sincronia e o empréstimo como um fenômeno da diacronia, de forma que, “em contextos bilíngues, onde os falantes em geral serão capazes de reconhecer de qual língua uma palavra específica se origina, esta pode *ser* um empréstimo estabelecido e, ao mesmo tempo, *funcionar* como uma alternância de código” (Backus, 2015, p. 27, tradução nossa, grifos do autor).⁵⁸

Sobre a AC ao nível da frase, de maior interesse para este trabalho, é possível abordá-la a partir de dois processos propostos por Muysken (2000) – que inclusive utiliza preferencialmente o termo “mistura de códigos” –; são eles: alternância (ing. *alternation*) e lexicalização congruente (ing. *congruent lexicalization*).⁵⁹ Quanto ao primeiro processo, há alternância entre estruturas gramaticais longas e complexas de línguas diferentes em uma mesma frase (p. ex.: “*Das passt*, não tem problema.”). Se há, por sua vez, a utilização de elementos lexicais de diferentes línguas em uma estrutura gramatical compartilhada, Muysken fala de lexicalização congruente (p. ex.: “Você sabe *what she is doing*.”). Esses dois processos permitem compreender a alternância de código ao nível da frase como uma prática complexa, na qual os falantes exploram as diferentes formas de interação entre sistemas linguísticos de forma a melhor se adaptar a determinados contextos sociais e pragmáticos. Sobre isso, Thomason e Kaufmann (1988) destacam que a AC é muitas vezes motivada por fatores como a identidade social, o tópico da conversa, ou o desejo de expressar nuances de significado que uma única língua pode não capturar completamente.

c) Substituição da língua-teto e substituição linguística

Nos capítulos 1 e 2 já foi feita uma breve explicação sobre o conceito de substituição da língua-teto (dt. *Dachsprachenwechsel*), analisado por Altenhofen (2016) a partir do conceito de Kloss (1976). Relembrando, trata-se de um processo linguístico em que uma comunidade substitui a sua língua de prestígio ou de referência, a “língua-teto”; é um fenômeno que marca uma ruptura especialmente na escrituralidade. No contexto das comunidades teuto-brasileiras,

⁵⁸ No original: “in bilingual contexts, where speakers will usually be able to recognize from which language a particular word originates, a word can *be* an established loanword and at the same time *function* as a codeswitch.”

⁵⁹ Muysken (2020) trata ainda do processo chamado inserção (ing. *insertion*), quando há material lexical de uma língua inserido na estrutura de outra – mais próximo do entendido aqui como empréstimo ou alternância de código ao nível da palavra.

essa substituição ocorre quando o alemão *standard* (localmente denominado como *Hochdeutsch*), que até certo ponto era usado como a língua de referência em situações formais, como a escrita, é substituído pelo português nessas mesmas situações. Como foi visto no capítulo 2, isso teria ocorrido, entre outras circunstâncias, devido a políticas governamentais que proibiram o uso público do alemão e impuseram o ensino exclusivamente em português, especialmente durante a década de 1930 no Brasil. O português passou a ocupar o papel de língua-teto, enquanto o uso do alemão teria se direcionado mais a contextos informais e domésticos, em geral na forma do dialeto – o que faz com que a presença do português nas cartas a partir desse período, provavelmente, passe a aumentar.

Sobre a substituição linguística (ing. *language shift*), Abtahian (2019, p. 442, tradução nossa⁶⁰) a descreve como “processo pelo qual um usuário da língua, ou (partes de) uma comunidade de fala, mudam para uma nova língua principal de comunicação em uma situação de contato linguístico”. Dois processos sociais são comumente trazidos à luz para tratar do tema, o da imigração e o da “conquista”. Como contextos de imigração entendem-se aqueles em que um grupo linguístico minoritário faz parte de um grupo linguístico maior da comunidade anfitriã; como contextos de “conquista”, aqueles em que uma minoria conquistadora impõe sua língua à maioria da população anfitriã. Ainda, muitos casos modernos de substituição envolvem uma mudança em direção às “línguas globais”, como o inglês, francês e espanhol, justamente as línguas de antigas potências colonialistas (Abtahian, 2019).

Considerando a marginalização de línguas minoritárias ao redor do mundo, estudos sobre substituição que enfatizam a importância de ideologias e atitudes linguísticas em repertórios de falantes plurilíngues parecem ter dado conta de elementos não contemplados por levantamentos simples e objetivos, como por exemplo coletas censitárias. Levar em conta, ainda, o papel da interação em determinar escolhas linguísticas dos falantes, bem como o fato de que as atitudes linguísticas impactam no aumento ou diminuição do uso da língua em diferentes domínios, é um mérito de abordagens etnográficas sobre a substituição linguística.

Em contraparte aos estudos sobre substituição, encontram-se aqueles sobre manutenção linguística. Coulmas (2013, p. 175, tradução nossa⁶¹) define *linguistic maintenance* como “uma situação em que a comunidade de fala, sob circunstâncias que pareceriam favoráveis à substituição linguística, mantém sua língua”. O termo, com origem na denominação de Kloss

⁶⁰ No original: “[...] process by which a language user, or (parts of) a speech community, shift to a new primary language of communication in a situation of language contact.

⁶¹ No original: “situation where a speech community, under circumstances that would seem to favour language shift, holds on to its language”.

(1927) de *Spracherhaltung*, ganhou espaço definitivo nos estudos linguísticos a partir das discussões trazidas por Fishman (1964). Brenzinger (2019), ao afirmar que a manutenção, em geral de línguas minoritárias em relação a uma língua socialmente dominante, requer redes sociais e comunidades linguísticas bem estabelecidas, distingue entre dois tipos de línguas a partir das quais discute o tema e suas motivações: *línguas de herança*, aquelas faladas por imigrantes e seus descendentes, e *língua indígenas*, aquelas não dominantes e ameaçadas em seus países ou regiões de origem.

Ambas as classificações se encontrariam, segundo o autor, sob a denominação de “línguas ancestrais”, e, através de um multilinguismo estável, resistiram à influência de pressões externas e da marginalização socioeconômica. Atualmente, apesar de fatores como a migração e uma maior mobilidade, principalmente de jovens, terem enfraquecido os laços comunitários, sabe-se que objetivos sentimentais, econômicos e espirituais prevalecem como motivações para manter línguas ancestrais como marcadores centrais de identidade (Brenzinger, 2019). Ainda assim, cabe aos falantes, aos não falantes, aos governos federais e estaduais, enfim, às mais amplas redes possíveis se preocupar e se responsabilizar pela preservação da diversidade linguística do mundo, presente, em especial, na forma de línguas minoritárias.

Uma vez analisado os fenômenos envolvidos no processo de apropriação do português no alemão como língua de imigração e minoritária no Brasil, cabe tratar de uma questão crucial para a presente dissertação, isto é, o fato de essas mudanças serem analisadas, aqui, diacronicamente, com base em *dados escritos*. A seguir, será discutido como as cartas privadas, enquanto objeto de estudo, oferecem uma janela única para observar essas mudanças linguísticas ao longo do tempo.

3.3 CARTAS PRIVADAS COMO OBJETO DE ESTUDO

Uma pesquisa sociolinguística que tem por objeto de estudo o dado escrito pressupõe uma correlação com o plano da temporalidade (dimensão diacrônica) e permite, antes de tudo, uma análise da mudança em tempo real. Essa, contudo, não é a única possibilidade exploratória desse tipo de material, especialmente considerando a forma como ele se apresenta aqui, em termos de *cartas de cunho privado*. Pensando em sua produtividade enquanto objeto de estudo, vale considerar os requisitos propostos por Schneider (2013, p. 59, tradução nossa⁶²) para que um texto seja útil em uma análise também variacionista; são eles:

1. Os textos devem estar tão próximos da fala, e especialmente de estilos vernaculares, quanto possível;
2. Para facilitar correlações com padrões extralinguísticos, os textos devem ter diferentes origens, isto é, partir de vários autores de classes sociais e possivelmente também grupos etários distintos, e de ambos os sexos, e devem representar níveis estilísticos variados;
3. Os textos devem mostrar variabilidade do fenômeno em investigação (ou seja, o uso de variantes funcionalmente equivalentes de uma variável linguística);
4. Como a quantificação é a metodologia básica do variacionismo, os textos devem atender a certos requisitos de tamanho.

Quanto ao primeiro item, será abordado com mais detalhes na subseção seguinte, mas já se pode afirmar que a carta do âmbito privado é entendida aqui como uma das fontes escritas com características mais próximas da oralidade devido ao seu caráter informal, em geral se tratando de correspondência entre amigos e familiares, e também quanto à liberdade com que os autores expressam seus pensamentos e sentimentos, muitas vezes utilizando estruturas linguísticas mais espontâneas e menos rígidas do que as encontradas em textos formais. Sobre a possibilidade de correlações com padrões extralinguísticos, as cartas que compõem o *corpus* desta dissertação, além de terem sido produzidas em diferentes momentos históricos ao longo de mais de um século, foram escritas por indivíduos de variadas idades, mulheres e homens, com distintos graus de escolaridade e residentes em diferentes localidades. A respeito, enfim, do terceiro e quarto requisitos apresentados por Schneider, foi possível selecionar, para a análise da apropriação do português, variáveis de boa produtividade em um conjunto de cartas que, ainda que não sejam todas de mesmo tamanho, pode se apresentar como uma amostra ampla o

⁶² No original: “1. Texts should be as close to speech, and especially vernacular styles, as possible; 2. To facilitate correlations with extralinguistic parameters, the texts should be of different origins, that is, stem from several authors from different social classes possibly also age groups, and both sexes, and should represent varying stylistic levels; 3. Texts must display variability of the phenomenon under investigation (i.e. the use of functionally equivalent variants of a linguistic variable); 4. With quantification being the staple methodology of variationism, texts must fulfill certain size requirements”.

suficiente para viabilizar uma análise não apenas qualitativa, mas também quantitativa (v. 3.4.2 e 3.4.3).

Algumas implicações metodológicas da pesquisa com base em cartas privadas serão abordadas em 3.3.2. Por ora, vem ao caso observar um elemento que costuma ser bastante relevante para estudos de cunho histórico: a veracidade, a fidedignidade à realidade apresentada nesses escritos. Os relatos enviados para familiares e amigos – em especial no início da imigração, quando a correspondência era destinada a remetentes fora do Brasil – podiam demonstrar positividade ou negatividade excessiva em relação à realidade que de fato era vivida; ainda, como observa Stolz (1997, p. 70), em cartas “é comum perceber que há de vez em quando uma falta de ordem cronológica dos acontecimentos, pois é de se imaginar que escreviam conforme iam lembrando. Faziam confusões com os nomes de localidades brasileiras por falta de conhecimento”. Esta dissertação, contudo, ainda que constituída de análises fortemente permeadas por fatores sociais e históricos, é antes de tudo um estudo de cunho linguístico. A datação das cartas, a referência a situações, eventos e hábitos específicos, o uso de determinado vocabulário, nos dão aporte suficiente para contextualizá-las – sendo os “deslizes” do escrevente pistas valiosas para a análise linguística, uma vez que sempre carregam determinado significado a partir das escolhas linguísticas feitas pelos escreventes.

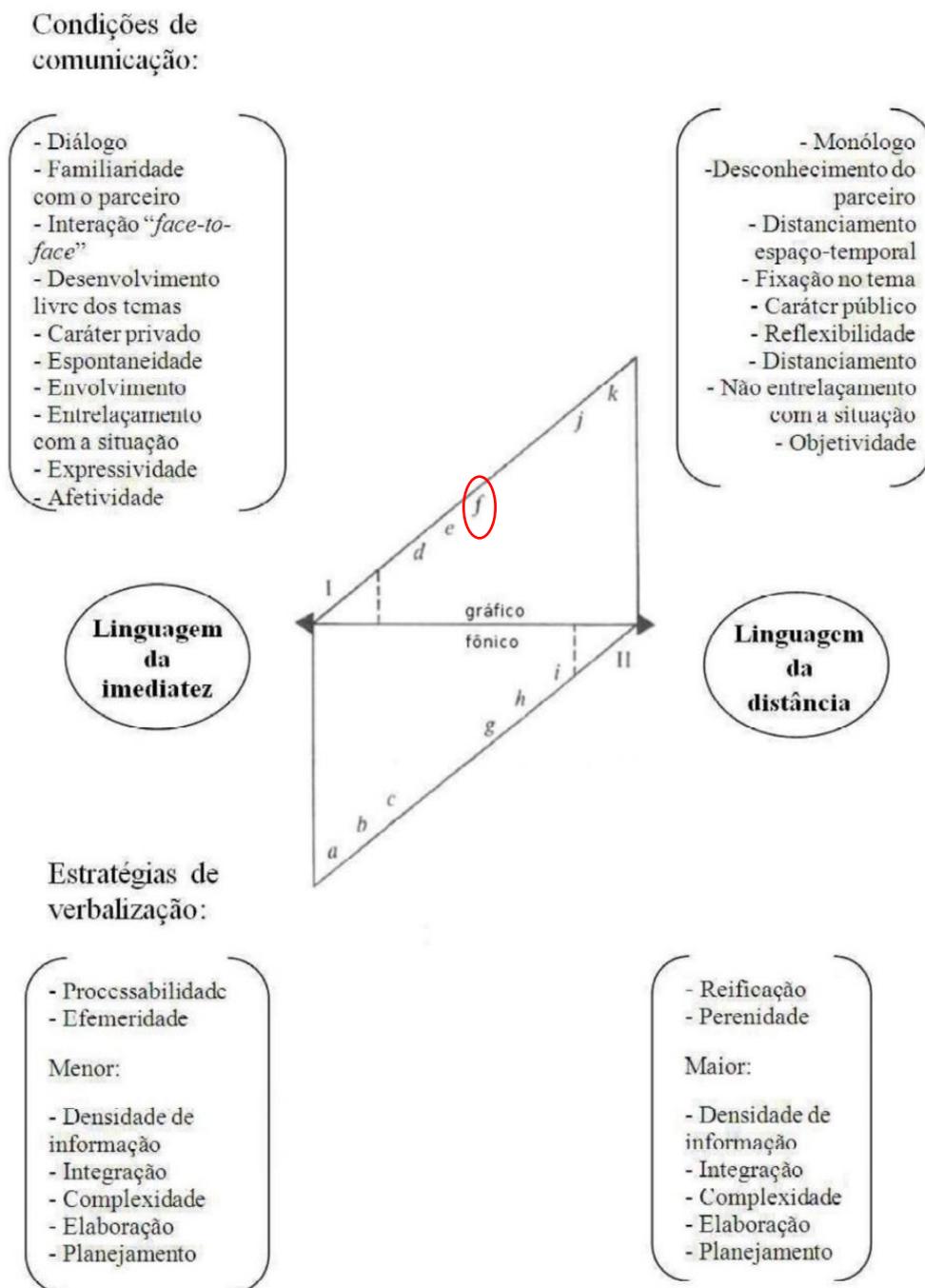
A escrita de uma carta, como prática cotidiana que conecta um escrevente com determinado repertório linguístico e com um interlocutor que condiciona a escolha de seu repertório, envolve os atos de registrar e de comunicar (Camargo, 2011). Poder-se-ia dizer, em relação ao escopo desta dissertação, que esse tipo de dado precisa levar em conta inclusive o ato de registrar determinada maneira de se comunicar – um estilo, uma grafia específica; determinadas escolhas de construções frasais, de léxico, de língua. Um elemento que perpassa, reflete e apresenta marcas na escrita de cartas privadas de imigrantes é a oralidade, essa relação será abordada a seguir, a partir da teoria da distância-imediatez de Koch e Oesterreicher (2013).

3.3.1 A questão da oralidade vs. escrituralidade

Peter Koch e Wulf Oesterreicher (2013) destacam como, para alcançar um panorama completo da variação de uma determinada língua, é necessário considerar o parâmetro oral/escrito. Essa variação diamesica é analisada pelos autores em um sentido “transversal”, composto por dois eixos independentes que se cruzam: de um lado, tem-se o âmbito do meio, com os códigos “fônico” e “gráfico” estruturados em uma dicotomia; de outro, tem-se o âmbito das expressões linguísticas, com a linguagem da “distância” (meio escrito) e da “imediatez”

(meio oral) estabelecidas em um contínuo gradativo. O esquema global exposto na Figura 6 ilustra a posição das seguintes formas de expressão em relação aos dois eixos: a) conversa casual entre amigos; b) conversação telefônica com um amigo; c) entrevista pública; d) entrevista publicada; e) depoimento em um diário pessoal; **f) carta privada**; g) apresentação pessoal (em uma entrevista de emprego); h) sermão (religioso); i) conferência universitária; j) artigo científico; k) ato jurídico (peças processuais, leis).

Figura 6 – Esquema global para a distinção do grau de imediatez ou distância (com destaque para *f* “carta privada”)



Conforme mencionado, o âmbito do meio equivale à representação fônica ou gráfica do que é comunicado, ou seja, representa a simples polarização do eixo. O âmbito das expressões linguísticas, como é possível perceber no esquema, envolve uma complexidade maior: além das formas de expressão serem caracterizadas de acordo com uma decrescente orientação para a oralidade e uma crescente orientação para a escrituralidade (sentido transversal), envolvem condições de comunicação que resultam em determinadas estratégias de verbalização. Para Koch e Oesterreicher (2013), a **carta privada**, naturalmente no lado “gráfico” do eixo horizontal, ocupa uma posição intermediária no contínuo distância/immediatez, isso se deve justamente por apresentar condições de comunicação tanto de um como de outro polo do contínuo, preservando, contudo, as estratégias de verbalização características da linguagem da distância. Ou seja, ainda que a carta privada equivalha, *a priori*, a um monólogo e seja produzida em um contexto de distanciamento espaço-temporal do parceiro da comunicação, em geral nutre com este grande familiaridade. No caso das cartas que compõem o *corpus* deste estudo, trata-se, em geral, de familiares ou amigos. A carta privada também é fortemente “mediada”, como qualquer tipo de linguagem escrita, não havendo a imediatez da fala; apesar disso, a afetividade, ao menos nas cartas em foco aqui, como será observado, faz-se bastante presente.

Na realização de uma pesquisa sobre variação e mudança linguística diacrônica, não temos acesso direto à fala de períodos históricos mais distantes devido à ausência de registros de áudio, à falta de tecnologias de gravação de som nos primeiros tempos da imigração. Portanto, é crucial identificar as fontes que podem fornecer elementos e marcas da oralidade dessa época, sendo para tanto as cartas pessoais ou privadas particularmente valiosas. Embora a comparabilidade entre cartas e gravações de fala seja limitada, esses documentos escritos são os que apresentam melhor recurso para alcançar o objetivo desta pesquisa, que busca aprofundar a mudança diacrônica do alemão e de seu uso em contato com o português no Brasil, melhor dizendo, da crescente presença de marcas do português no alemão, suas motivações e consequências. Como é de se esperar, contudo, o trabalho com dados escritos apresenta alguns obstáculos, implicações que devem ser consideradas no tratamento metodológico. Sobre esses aspectos se debruçará a subseção seguinte.

3.3.2 Algumas implicações metodológicas

A carta privada do contexto de imigração alemã no Brasil, como dado para a pesquisa linguística diacrônica, apresenta algumas características que podem implicar na metodologia

proposta para seu tratamento e em sua posterior análise. Como conclusão desta seção, pretende-se a seguir apontar algumas questões que devem preceder a análise propriamente dita do material, de forma que o estudo seja conduzido com precisão e respeito às suas particularidades.⁶³

- a) **Sobre a questão das fontes de dados:** embora haja uma abundância de fontes disponíveis, o pesquisador enfrenta desafios significativos, desde a identificação e obtenção das cartas até garantir que estejam em condições adequadas para a pesquisa linguística. O material muitas vezes está disperso em acervos familiares, difíceis de localizar, ou em arquivos ou bibliotecas de determinadas instituições, onde o acesso pode ser mais fácil, mas ainda assim há por vezes a exigência de identificação e digitalização. Existem, claro, as cartas publicadas em coletâneas, como é o caso do livro *Cartas de Imigrantes*, de Stolz (1997); estas, contudo, geralmente priorizam o conteúdo histórico, reproduzindo o material sem preservar a forma original da escrita e grafia, ou mesmo de forma traduzida, o que limita seu uso como objeto de pesquisa linguística.
- b) **Sobre a língua, a grafia e a transliteração das cartas:** A identificação da língua em que a carta foi escrita é geralmente fácil, mas determinar a variedade específica utilizada, o que do repertório do escrevente está presente no manuscrito, requer uma análise detalhada de marcas linguísticas, entre as quais se incluem transferências, variantes da oralidade e usos gramaticais específicos. No caso das cartas que compõem o *corpus* deste trabalho, é possível inferir a língua dominante e as demais línguas que compõem o repertório do escrevente, variando desde um domínio do Hochdeutsch, passando por marcas da oralidade do Hunsrückisch, até influências significativas do português.⁶⁴ Ainda assim, a língua não é o único empecilho. Quando o pesquisador tem

⁶³ Os tópicos trazidos aqui têm como base o exame do tratamento das cartas privadas para fins de estudos diacrônicos feito por Schreiner (2023).

⁶⁴ Vem ao caso reiterar que, especificamente quanto à variedade do alemão empregada nas cartas utilizadas aqui, “não podemos afirmar, categoricamente, que todos os autores [...] são originários do Hunsrück ou que falavam Hunsrückisch na comunicação diária, senão que as cartas de algum modo nos fornecem subsídios para uma reconstituição da história do Hunsrückisch, porque foram escritas nesse contexto. Como a língua-teto (*Dachsprache*) do alemão, que os autores identificam como Hochdeutsch, sempre funcionou, nesse contexto, como língua comum (*Gemeinsprache*) – nem sempre alcançada na oralidade – e sobretudo língua da escrita (*Schriftsprache*) – nem sempre alcançada na escrituralidade –, todas essas pontes tendem, em algum lugar, e de algum modo, a se cruzarem. Fala-se a variedade “de casa”, usual na comunidade, mas se busca escrever na norma *standard*, até onde se consegue. Enquanto as cartas refletem o máximo que o escrevente consegue alcançar da escrita do alemão, pode-se dizer que o Hunsrückisch falado reflete o máximo que a comunidade convencionou para ser a norma local usada na interação do dia a dia. Por sua proximidade maior com o Hochdeutsch, sempre houve, portanto, uma correlação estreita entre a oralidade e a escrituralidade dos hunsriqueanos, tanto na relação com a norma escrita do alemão, quanto do português” (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 9).

acesso à carta original, ele se depara com um objeto físico, histórico, que pode ter sido danificado pelo tempo ou por condições inadequadas de armazenamento, sendo que muitas vezes o acesso a ele se dá apenas por meio de fotografias ou cópias digitalizadas que podem apresentar problemas de qualidade. Um desafio particular é também a grafia usada nas cartas mais antigas, em geral *Kurrentschrift* e *Sütterlinschrift*,⁶⁵ o que, combinado com a variabilidade da legibilidade das letras manuscritas, a presença de manchas de tinta, rasuras e danos no papel, torna a leitura e a transcrição dessas cartas especialmente difícil.⁶⁶ Além disso, diferenças lexicais e o apagamento de partes do texto devido a danos no papel contribuem para a complexidade do trabalho do pesquisador.

- c) **Sobre a autoria, os destinatários e o domínio da escrita e leitura das cartas:** É característico do gênero carta que o autor inicie informando local e data, seguido de fórmulas que indicam sua relação com o destinatário, que pode ser individual ou coletivo. Quando o envelope do manuscrito está disponível para o pesquisador, ele pode fornecer informações sobre o endereço e destino, que pode ser fixo ou momentâneo. As cartas muitas vezes circulavam entre várias pessoas ou famílias e eram lidas em voz alta, em geral, para grupos, configurando um evento de fala coletivo. Nesse contexto, bem como no contexto da escrita da carta, cuja assinatura nem sempre corresponde a quem a redigiu, não é claro se todos os envolvidos sabiam ler e escrever, ou se havia apenas um alfabetizado/letrado que mediava a prática de escrita e leitura – para mais detalhes, retornar à subseção 2.1.2.

⁶⁵ A *Deutsche Kurrentschrift* (pt. “escrita corrente alemã”) foi a forma de escrita majoritariamente usada no mundo de língua alemã entre o início do século XVI até meados do século XX. Vale mencionar que, a partir de 1911, ocorreram mudanças e uma normalização da escrita corrente encabeçada pelo gráfico Ludwig Sütterlin, levando à adoção do nome *Sütterlinschrift* em detrimento de *Kurrentschrift*. Como as cartas analisadas aqui foram grafadas na escrita alemã antiga de antes do século XX, os coordenadores do ALMA-Histórico optaram pelo uso do termo *Kurrent* para se referir à caligrafia empregada.

⁶⁶ Nesse particular, cabe reconhecer e agradecer o projeto ALMA-Histórico, coordenado por meu orientador Cléo Altenhofen, juntamente com Harald Thun e Joachim Steffen, que viabilizaram e disponibilizaram as cartas para este estudo.

3.4 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E MÉTODO DE ANÁLISE

Esta seção destina-se a detalhar os procedimentos adotados para a constituição do *corpus* e definir a metodologia empregada na análise das cartas privadas, objeto de estudo da pesquisa. Inicialmente, será feita uma caracterização da base de dados do ALMA-Histórico, fonte para a constituição do *corpus* do presente estudo. Em seguida, será descrito o processo de seleção e tratamento dos dados em foco para esta dissertação, bem como os métodos empregados para a análise das marcas de apropriação do português nas cartas.

3.4.1 Caracterização do banco de dados do ALMA-Histórico

O *corpus* selecionado para análise nesta dissertação representa apenas uma pequena parcela do grande acervo de dados do ALMA-Histórico, constituído de cerca de 1.000 cartas do âmbito privado escritas no contexto da imigração alemã para o Brasil. A coleta desse material iniciou com os levantamentos de dados para o ALMA-H, entre 2007 e 2010, e recebeu um grande impulso nos anos seguintes de 2011 a 2013, graças às pesquisas de Joachim Steffen como Bolsista Feodor Lynen, da Fundação Alexander von Humboldt (AvH), no projeto Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H/UFRGS). As cartas foram coletadas e fotografadas não apenas em arquivos históricos e acervos de pesquisadores que gentilmente cederam cópia de cartas para a pesquisa, mas também à domicílio, em acervos de famílias de imigrantes no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, respeitando a manutenção do original e contando com a devida autorização para uso nas pesquisas do ALMA.

O acervo assim reunido engloba tanto correspondências enviadas entre imigrantes no Brasil e seus parentes na Alemanha como também, e principalmente, cartas trocadas entre parentes e amigos nas colônias alemãs no novo meio – daí a alusão às chamadas “pontes de papel em terras brasílicas”, como se intitula o primeiro volume de cartas publicado (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018). As figuras 7 e 8 a seguir ilustram exemplos dessas cartas em *fac símile*, a partir dos quais o grupo de pesquisa em torno do projeto ALMA-Histórico realizou as transliterações. Como se pode constatar, a transliteração dessas cartas envolve um trabalho altamente especializado, para o qual se contou com apoio do Centro de Estudos Europeus e Alemães (CDEA) para auxílio à contratação de especialista para uma primeira versão, que subsidiou significativamente a revisão e versão final pelo grupo de pesquisa do projeto.

Figura 8 – Exemplo de carta de Estrela (RS), 1919

Estrela 8 de Agosto de 1919

Liebe Elvira!!

Wir sind noch alle munter u froh,
 denn wir hoffen doch allem, dass du
 kommst auf dein Geburtstag es ist den
 auch gerade die N-kerb. Wenn du kommst
 so schreibe mir so fort, aber nicht vergessen
 denn die Olga K. oder E. läst bitten ob du so gut
 wollst sein u sie 1 oder 2 m Grüner Seidm
 mit bringen wollst E um vavoe,
 von den wo du dein Küssengestisch hast,
 der L. H. namoriert die R. Petri!! und die
 andert ~~ist~~ Elvira du hebst die Briefe
 alle auf oder vennisthestens der voni E. ~~haben~~
 denn der L. Bube hat mich belogen sich
 sage dir alles wenn du kommst denn
 deine Freundinen sagten schon wenn du
 kämme denn stäten dich nicht mehr fort
 lassen, den wir aber alle sehr verlangen
 nach dir! Elvira aber nicht ^{voll} angegrize
 wegen mir!! viele grüße an meine Purnos
 u Pa = ll = wie andern auch! ~~Land~~
 viele g. 20, 8. 5. 15. 2. 1. 12. 14. ~~Land~~
 immer
 13. 5. 20. 1.

Entre a coleta das cartas em formato digital (fotografia ou arquivo de *scanner*) e a sua transliteração, houve o trabalho de catalogação e etiquetagem. Tal tarefa foi imprescindível para organizar os manuscritos e, desse modo, facilitar sua localização e uso na pesquisa. No ALMA-Histórico, a catalogação das cartas digitalizadas segue normas específicas para garantir a acessibilidade e a organização eficiente dos dados, a saber:

- 1) A etiquetagem inicia com a identificação da língua da carta, usando abreviações como Dt (Alemão), Pt (Português) ou Dt-Pt (alternância entre as línguas);
- 2) A data é registrada no formato AAAA-MM-DD, ajudando a ordenar as cartas cronologicamente;
- 3) Inclui-se o local de onde a carta foi escrita, acompanhado do código do ponto de pesquisa do ALMA-H, de onde se escreve (essa vinculação tem por objetivo propiciar futuros cruzamentos de dados da oralidade e escrituralidade, para a interpretação das marcas linguísticas que apresenta);
- 4) O nome do escrevente é incluído para preservar a historicidade do(s) sujeito(s) no tempo e no espaço;
- 5) Se possível, é indicado o nome e a localidade do destinatário (caso a localidade do destinatário seja na Europa, é usada a sigla do país);
- 6) Como as cartas foram fotografadas em vários arquivos, cada página é identificada numericamente.⁶⁷

Após a etiquetagem, inicia-se o processo de transliteração das cartas, que segue diretrizes rigorosas, com as quais se busca transpor o texto da forma manuscrita para a grafia digitada, respeitando de maneira fiel o registro original – isto é, sem correção de desvios ortográficos ou gramaticais –, porém buscando identificar ao máximo o que é possível abstrair do texto. No fundo, a própria transliteração configura um trabalho de interpretação do dado escrito como “pista de algo” que o escrevente intencionou comunicar.

Somando-se à atenção para a *Kurrentschrift* e as rasuras e rasgos causados pelos anos de manuseio (v. 3.3.2 b), têm-se como regras para a transliteração dos dados: manter a numeração de linhas e páginas conforme o original; preservar a separação silábica e a pontuação, reproduzir palavras riscadas como aparecem no original; adicionar letras ou palavras

⁶⁷ A fórmula final de etiquetagem é a seguinte: Abrev. da Língua_AAAA-MM-DD_Microregião/País ou Cód. Rede de pontos do ALMA-H-Localidade_Nome do Escrevente_an Destinatário/Receptor_Microregião/País/Ponto ALMA-H-Localidade_p.1. Por exemplo, uma carta escrita em 13 de janeiro de 1866, em Sta Maria da Boca do Monte, por Carlos Schnell, para seu irmão Friedrich, no Rio Grande do Sul, seria etiquetada como: Dt_1866-01-13_RS15p-Sta Maria da Boca do Monte_Carlos Schnell_an BruderFriedrich_RS_p.2.

faltantes entre colchetes e usar “[...]” para palavras ilegíveis; indicar trechos ocultos e alterações feitas pelo escrevente; ainda, incluir comentários em notas de rodapé quando cabível. Somente depois da etiquetagem e da transliteração (devidamente revisada), as cartas ficam disponíveis para a análise linguística e histórica propriamente dita. Possíveis problemas e inconsistências podem ser resolvidos pelo pesquisador no próprio processo de análise.

Em 2018, Cléo V. Altenhofen, Joachim Steffen e Harald Thun publicaram, no âmbito do Inventário do Hunsrückisch e com o apoio do IPHAN, um primeiro volume de 82 cartas, intitulado *Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil*. As cartas aparecem ordenadas cronologicamente e são agrupadas conforme os períodos em que se dividiu o contato linguístico do alemão-português no contexto da imigração, descrito no capítulo 2, sendo cada carta acompanhada de sua respectiva descrição (chamada de *Regest*) e explicações em nota de rodapé, para auxiliar o leitor e pesquisador. Além do livro, transliterações e estudos seguem sendo feitos para futuras publicações de cartas inéditas sob o escopo do projeto ALMA, o que inclui também a presente dissertação.

3.4.2 O *corpus* e os tópicos de análise selecionados

Do acervo de quase 1.000 cartas que compõem a base de dados do ALMA-Histórico, 139 foram consideradas nesta dissertação.⁶⁸ O *corpus* assim constituído engloba, além de 71 das 82 cartas⁶⁹ presentes na publicação de Altenhofen, Steffen e Thun (2018), mais 68 cartas previamente transliteradas e revisadas, com versão final aprovada para publicação em volume dois, previsto para 2025. Quanto à distribuição do total de cartas do *corpus* em cada período histórico, têm-se 34 cartas do período de 1824 a 1889, 87 do período entre 1890 e 1940 e 18 do período pós-1940.

Visando à detecção da presença e influência do português no alemão ao longo dos três períodos da história da imigração alemã no Brasil, procedeu-se a uma análise quali- e quantitativa do *corpus*, enfocando um conjunto de variáveis pré-definidas. Contudo, levando em conta as limitações de tempo e espaço que acompanham a elaboração de uma dissertação

⁶⁸ O número limitado de 139 cartas do *corpus* da presente dissertação se justifica por essas equivalerem ao total de cartas transliteradas e revisadas do acervo do ALMA-Histórico – ou seja, apenas 139 cartas do acervo estão próprias para análise até o momento da publicação desta pesquisa. Devido ao trabalho rigoroso exigido para catalogar, transliterar e revisar as cartas, como será descrito em seguida, apenas pouco mais de 10% do acervo de quase 1.000 cartas já passou por todo esse processo.

⁶⁹ Não foram consideradas as cartas do período anterior a 1824 por não se originarem no contexto de contato com o português.

de mestrado, assim como as exigências impostas pelo amplo número de cartas, foram selecionados tópicos de análise de observação mais objetiva quanto aos resultados, sem portanto nenhuma intenção de esgotar o tema, e sim impulsionar primeiras incursões e análises para alavancar esse campo de pesquisa. Além disso, os tópicos selecionados deviam contemplar os estágios do contato linguístico alemão-português delimitados por Altenhofen e Mello (2024) (v. 3.2.2), com o intuito também de possibilitar a relação com elementos históricos e contextuais de cada período da imigração alemã no Brasil.

A seguir, são apresentadas as variáveis selecionadas para análise, tendo em vista os objetivos da pesquisa:

- 1) **Alternância de código e substituição da língua-teto:** A alternância de código (AC), ao nível da frase, foi considerada em termos da sua ocorrência ou não, isto é, sua ocorrência foi vista como indício ou índice de forte presença/influência do português. A substituição da língua-teto (SLT), por sua vez, foi correlacionada com a língua em que as cartas foram escritas, como marcador de escolha linguística, com o qual se poderia sinalizar o avanço do português para a função de língua escrita. Tal pode ser medido pelo número de cartas escritas totalmente em língua portuguesa em cada período.⁷⁰ O crescimento desse número marca o estágio em que o português passa a se consolidar como língua de referência formal em detrimento do alemão, evidenciando, assim, um avanço significativo no processo de substituição linguística, característico do último estágio do contato.
 - 1a) Outros elementos contemplados de forma qualitativa neste primeiro momento da análise são aqueles relacionados à grafemática, isto é, fenômenos como a troca de <v> por <f> ou de <ei> por <ai> em determinadas palavras. Questões de grafemática, tal como a AC e a SLT, sinalizam um déficit no domínio da norma escrita do alemão, ou seja, um maior número de trocas grafemáticas pode significar menor domínio da norma escrita e conseqüentemente abrir caminho para a substituição gradativa do português.
- 2) **Toponímia:** os nomes próprios de lugares, isto é, os topônimos permitem identificar tendências sobre a apropriação do português no conjunto dos dados de diferentes períodos. Além disso, os topônimos permitem avaliar o avanço da apropriação do

⁷⁰ As cartas escritas em português, assim, ainda que não analisadas qualitativamente no presente trabalho, são úteis de forma quantitativa para o tópico em questão.

português na ocupação geográfica e, conseqüentemente, também em questões históricas da imigração. A partir da mudança dos tipos e das grafias dos topônimos ficam evidentes tanto a apropriação de elementos grafemáticos, semânticos e lexicais do português, como a topodinâmica dos fluxos migratórios envolvidos no processo de imigração alemã no Brasil ao longo das décadas. São investigadas neste tópico, qualitativamente, as localidades de maior ocorrência nas cartas de cada período e, quantitativamente, o que se chamou aqui de “diacronia da romanização” dos topônimos encontrados.⁷¹

- 3) **Antroponímia:** uma amplitude de uso semelhante pode ser observada em relação aos nomes próprios de pessoas, isto é, os antropônimos – aqui, focando especificamente nos prenomes, já que toda carta faz referência a pessoas da rede de comunicação mais íntima do escrevente. Os prenomes presentes nas cartas foram selecionados para análise buscando pistas da relação entre a apropriação do português e questões sociais vinculadas à autoria e, em tese, à crescente autoidentificação dos alemães e seus descendentes como (teuto-)brasileiros. Um nome carrega um sentido simbólico (por exemplo, se é *Heinrich* ou *Henrique*), uma intenção concedida pelos pais ao nomearam os filhos, e, conseqüentemente, atribui uma identidade étnica própria. A passagem de uma predominância de nomes “típicos” alemães para uma proeminência de nomes “típicos” brasileiros pode querer dizer mais do que parece. Além disso, também o gênero dos autores das cartas de cada período entra neste tópico de análise. Isso vale para a ocorrência de nomes masculinos e femininos mais frequentes nas cartas de cada período, assim como também para a tendência de romanização dos prenomes encontrados no eixo da diacronia.⁷²
- 4) **Romanismos:** por fim, a análise do que se optou chamar aqui de “romanismo” engloba toda e qualquer palavra que contenha marca/influência (semântica e lexical) de uma língua românica em contato no trajeto histórico (português, francês, espanhol etc.).⁷³

⁷¹ A metodologia para análise da diacronia da romanização dos tópicos selecionados é detalhada na subseção seguinte (v. 3.4.3).

⁷² Para um estudo mais aprofundado e extremamente enriquecedor a respeito das mudanças dos nomes próprios no contexto dos contatos alemão-português no Brasil, cf. a tese de Cristiane Horst (2011), intitulada “*Quando o Heinrich casa com Iracema, a Urmutter vira Bisa*”: a dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil.

⁷³ Busca-se considerar aqui a teoria da predisposição à romanização de Thun e Wilkin (2018), pensando que a apropriação do português foi de certa forma facilitada por parte do repertório dos imigrantes proveniente de demais línguas românicas.

Incluem-se neste tópico de análise formas de arcaísmos,⁷⁴ neologismos, empréstimos e apropriações semânticas. Com este tópico, busca-se ter uma visão mais holística do processo de apropriação linguística, considerando para tanto também indícios, na língua escrita e em sua mudança, da integração cultural do imigrante e seus descendentes à realidade brasileira. São analisados, qualitativamente, os campos semânticos e as classes gramaticais dos romanismos encontrados, frases com marcas de romanização, elementos referentes às questões culturais brasileiras e à influência de demais línguas românicas no léxico; quantitativamente, é analisada a diacronia da romanização de variáveis específicas, como a <grafia do vocábulo *milho*> e a <grafia do ditongo nasal [ẽw̃]>. Foram testadas diversas variáveis, contudo, a escolha por essas duas resultou de sua maior produtividade e pertinência para os objetivos da pesquisa, além de ocorrerem com maior frequência ao longo dos três períodos analisados e indicarem de forma mais evidente uma mudança quando é feita a comparação entre suas variantes no eixo do tempo.

Finalmente, antes de avançar para as questões de método, cabem alguns esclarecimentos relevantes. Em primeiro lugar, a escolha por uma análise diacrônica dos processos de apropriação linguística deve-se ao entendimento de que eles se manifestam de maneira contínua e simultânea, embora de formas distintas em cada período. Como se mencionou em 3.2.2, não se trata de estágios isolados e cronológicos. Ainda que os fenômenos do primeiro estágio, dos empréstimos, por exemplo, apontem uma forte ocorrência no primeiro período, eles ocorrem de maneira peculiar e contextualizada, tal qual todos os outros, ao longo de todos os momentos históricos observados.

Em segundo lugar, vem ao caso ressaltar que o último estágio do contato alemão-português, referente à substituição linguística propriamente dita, não foi considerado aqui, uma vez que ele não pode ser aferido apenas com base na escrita, envolve também a fala. Em terceiro e último lugar, busca-se, com os tópicos propostos, correlações entre a história externa e interna (Faraco, 2016), entre a vitalidade interna e externa (Altenhofen; Mello, 2024). Tal correlação vai de acordo com a afirmação de Altenhofen, Steffen e Thun (2018), que alegam ser possível explicar diversos comportamentos linguísticos considerando não apenas as escolhas efetivamente registradas na escrita, mas também as razões para determinadas escolhas ou

⁷⁴ Arcaísmos do próprio alemão, em geral com origem românica, que teriam se estabelecido como variantes predominantes no novo meio, devido a sua semelhança com a forma do português (p. ex.: *Doktor* ao invés de *Artz*, *Hospital* ao invés de *Krankenhaus* etc.).

omissões, seja na forma, seja na opção por determinado tema. Assim, pode-se dizer que a análise proposta busca compreender não apenas a apropriação do português, mas também a integração gradual dos imigrantes alemães e seus descendentes em um novo meio linguístico e social.

3.4.3 Métodos para a análise das cartas⁷⁵

A análise das cartas selecionadas da base de dados do ALMA-Histórico (v. 3.4.1) beneficia-se, obviamente, das informações que organizam e explicitam esse *corpus* (etiquetagem e transliteração minuciosa). A definição dos tópicos e variáveis de análise, resultante ainda de um processo bastante manual, deu-se a partir da elaboração de duas tabelas: uma geral, com todos os tópicos de análise que poderiam ser considerados, incluindo também uma coluna para comentários (Figura 9); e outra destinada ao registro dos romanismos (v. Anexo C). Cada linha das tabelas correspondeu aos dados de uma carta específica, identificada com número e data. À medida que se fazia a leitura das cartas em língua alemã, os dados eram inseridos nas tabelas – sempre respeitando a grafia original dos termos.

Figura 9 – Recorte da tabela geral para coleta de dados do *corpus*

Data da carta	Gênero do escrevente	Toponímia	Nome dos meses	Termos de parentesco	Antroponímia	Verbos	Gratemática	Hunsrückisch + questões culturais e do gênero carta	AC	Temática	Comentários
1. 1800-1850	H	---	---	Liebste Mutter / Vetter Klein / Eltern & Geschwister	Karl Rech / Jakob Rech / Christoph Kremer	---	---	--	Não	Anim_Pferd Viaj_Besuch Econ_Geld	• Destaque para um cavalo que o escrev. adquiriu
2. 01.01.1832	H (há 6 anos no Brasil)	Colônia Sanct Leopoldo / Stadt Porto Alegre / Província Rio Grande do Sul / Kaiserthum Brasilien / Hamburg / Stadt Nordkautsch / Rio de Janeiro / Sanct Katharinen / Stiphshausen / Koblenz / Laibach / Mulfingen	Januar / Dez. / Jan. / 23ste März / April / Mai, Juni, Juli und August	Bruder / Frau und Kinder / Capitän Knock / Sohn / [Nachbar] / Geschwister und Schwäger / Gevatterleute / den Vater meiner Frau und ihre Base / [Freunde und Bekannte]	Claudius / Andreas und Anton / Johann / Johann F. Friedrich / Valentin Dewald / Katharina Knüppel / Magdalena	---	Armaßon	Arcaísmo: Profesionisten / 400 Morgen [medida] / Hrs.: Plantage / Welschkorn / bainahe / daheim	Não	Família Memo_Imigr Descr.colônia Clima Agricultura Animais Alimentação Econ_Geld Doença Clima	• Ótimo domínio do alemão standard • Relato da viagem até o Brasil • Descrição da colônia
3. 21.04.1833	--	Colônia Sanct Leopoldo/Neuen Stadt Sanct Leopoldo / Stadt Porto Alegre / Província Rio Grande do Sul / Kaiserreich Brasilien / Niederlin[k]aweller / Rio de Janeiro / Prorto Alagro / Wald Laubershein bey Bingen / Pikade Rio de Fiktoria / Brasilien 48 Kolonien oder Picade Rio de Fiktoria Nr. 46 im Urwald auf der Kolonien Sanct Leopoldo bey der Stadt Porto Alegre in der Província Rio Grande de Sul im Kaiserreich Brasilien	21 sten April / 10ten März / August / Oktober / September / Dezember / Juni/Juny / July / May	Schwiegersonn/Schwieger Söhne / Tochter/Töchter / Kinder / Geschwister / Freunde / Anverwanten / Bekannten / Mutter / Bruder / Schwester / Vater	Jakob Lind / Louise / Johann Friedrich Lobian / Henriette Katharina / Maria Katharina / Friedrich Werkle / Michaelis / Jakob Jadamy / Georg Schirmer / Georg Bauermann / Philipp Schirmer / Heinrich / Peter / Nicolaus / Wilhelm / Thomehs / Johannes	--	Armaßon	Dativo possessivo	Não	Fam Memo_Imigr Descr.colônia Doença Agricultura Alimentação Animais Clima Econ_Geld	• „diese unsere Kolonie oder Landes Egenthum ist belegen im Urwalde in den 48 Kolonien hat sie die Nr. 46 und liegt in der Pikade Rio de Fiktoria.“ • „Kamo oder freiem Lande“ • „Rio oder Fluß“ • „Haupt Waldesstraßen oder Pikaden“ • „die Subsidiem oder die Kopfgeider“
4. 01.10.1841	H	Deutsche Collonie, in dem District, Lomba grande / P. Alegre / Porto	1sten Oct.	Tochter / tochter / Vatter / Vater / Schwager	Johann Carl Hermann Schnell / Frit / Carl Huber	---	---	Hrs.: Profession [?] Tusch	Não	Viaj_Besuch Família	
5. 25.01.1842	H	---	janwar	tochter / vater / vatter (2x) / klider / kinder / kolli /	margrat / schneider karel /	--	--	--	Não	Doença Família	

Fonte: Elaborada pela autora.

⁷⁵ A análise mais detalhada proposta nesta dissertação, como já apresentado, porém reforçando, envolve uma investigação quali- e quantitativa abrangendo as cartas do *corpus* escritas somente em língua alemã – uma vez que a investigação envolve a influência do português no alemão. As 33 cartas escritas totalmente em português presentes no *corpus* deste trabalho também foram consideradas, contudo apenas a título de quantificação, referente ao tópico da SLT (v. 3.4.2 a).

A partir dessas tabelas gerais, foram criados arquivos para organização dos dados conforme cada período histórico. Foi nesse ponto que os tópicos de análise mais produtivos foram identificados, fundamentando a escolha das variáveis apresentadas na seção anterior. Com os dados organizados, foi necessário então definir como eles seriam analisados. Não foi difícil identificar elementos para análise qualitativa, como se verá nos exemplos apresentados em tabelas e figuras. O maior dilema foram as análises quantitativas, entendidas como essenciais para identificar uma mudança, em tempo real, no uso de determinada variante associada às variáveis selecionadas. Após dias de discussão, elaboração de listas, contabilizações de ocorrências, prototipação de gráficos, chegou-se, enfim, a uma solução aprazível.

Todos os dados identificados como passíveis de análise quantitativa foram adaptados a um sistema baseado no modelo utilizado na cartografia do ALMA-H,⁷⁶ passível de interpretação a partir do Quadro 1, a seguir.

⁷⁶ A presente dissertação, como já foi mencionado, está vinculada mais diretamente ao subprojeto ALMA-Histórico, do macroprojeto ALMA. O ALMA, contudo, ocupa-se atual e primordialmente também com o ALMA-H, que tem como foco a documentação e a cartografia linguística da variedade Hunsrückisch na Bacia do Prata. Para saber mais sobre a rede pontos e o processo de cartografia do ALMA-H, acesse: <https://www.ufrgs.br/projalma/rede-de-pontos/>.

Quadro 1 – Guia de interpretação das análises quantitativas conforme classificação, símbolo e apropriação do português

1. Tipo de variante	[+Dt]	[Dt > Pt]	[Dt/Pt]	[Dt < Pt]	[+Pt]
2. Critérios de classificação dos topônimos	Dt. (poucos desvios do Hdt.) Tradução plena de topônimos brasileiros para o alemão Bom domínio da grafia do Hdt.	Dt. (maior desvio do Hdt.) Pouco domínio da grafia <i>standard</i> do alemão Marcas dialetais Empréstimos do Pt. por integração incompleta (germanização de lusismos) Tradução com desvio de topônimos brasileiros para o alemão	Hibridismos (Pt.+ Dt.) Topônimos brasileiros não traduzidos, mas com marcas grafemáticas do alemão (k / th / ch /ph / w / -ie)	Pt. (maior desvio do <i>standard</i>) Empréstimos por integração incompleta (lusitanização de germanismos) Domínio ainda não pleno da grafia do português	Pt. (poucos desvios do <i>standard</i>) Bom domínio da grafia do português
3. Critérios de classificação dos prenomes	Marcas grafemáticas do Hdt. (k / th / ch /ph / w / -ie) nomes "típicos" ou próprios de fala alemã (ex.: Johann, Heinrich)	—	Marcas grafemáticas híbridas / pouco domínio da grafia do Hdt. (ex.: Fiderich / margratt / Rralff) nomes de fácil pronúncia em ambas as línguas (ex.: Lina, Ida).	—	Marcas grafemáticas do português (c / t / lh / gui / -ão) nomes "típicos" ou próprios do português, brasileiros. (ex.: João, Elvira)
4. Critérios de classificação dos romanismos (ALMA-H)	Variante de contraponto	Variante em predominância tende ao contraponto	Variante intermediária ou coocorrência	Variante em predominância, tende ao foco	Variante em foco (Pt. <i>standard</i>)
5. Símbolos da legenda (ALMA-H)	○	◐	◑	◒	●
6. Representações do contínuo de romanização – v. anexos A e B)					

Fonte: Elaborado pela autora. Dt = Deutsch/alemão; Pt = português; Hdt. = Hochdeutsch/alemão *standard*.

O projeto ALMA-H adota, na cartografia dos dados, uma escala de 5 símbolos que reproduzem um *gradatum*, por exemplo, entre uma ocorrência mais frequente e outra de uso mais isolado (Quadro 1, linhas dos itens 4 e 5). Para a presente pesquisa, cada símbolo foi relacionado a variantes que vão de um extremo [+alemão] ([+Dt]) a outro extremo [+português] ([+Pt]) (Quadro 1, item 1). Como o grau de presença do português constitui o foco de análise em questão, recebeu o símbolo mais escuro. A partir desses símbolos, foram também construídos dois tipos de contínuos, um com graus de 1 a 5 e outro com graus de 1 a 3 – sendo 1 equivalente ao extremo [+Dt] e 5 e 3, ao extremo [+Pt] (Quadro 1, item 6).

Os contínuos foram utilizados para organizar as ocorrências referentes à **toponímia** e à **antroponímia** (Quadro 1, itens 2 e 3). Estes são tópicos de classificação mais dúbia, de forma que sua distribuição na gradação dos contínuos, a partir de critérios pré-determinados, foi a forma encontrada para poder quantificá-los, já que cada grau desse contínuo, como já explicado, é representado por um símbolo. Nesse sentido, foi gerado um contínuo de ocorrências para cada um dos três períodos da imigração.⁷⁷

Para a análise quantitativa dos **romanismos** não foi necessário elaborar contínuos desse tipo, uma vez que havia a possibilidade de relacionar cada variante das variáveis em análise (<grafia de *milho*> e <grafia do ditongo nasal [ẽw̃]>) diretamente a um símbolo, seguindo as normas gerais de classificação do ALMA-H (Quadro 1, itens 4 e 5). Cabe mencionar ainda que, ao número de cartas em português ou alemão, com ou sem ocorrência de AC e escritas por homens, mulheres ou ambos, também se recorreu à atribuição de símbolos – no caso, apenas ○, ● e ●, para devida transposição na tabela de geração de gráficos (apresentada logo a seguir).

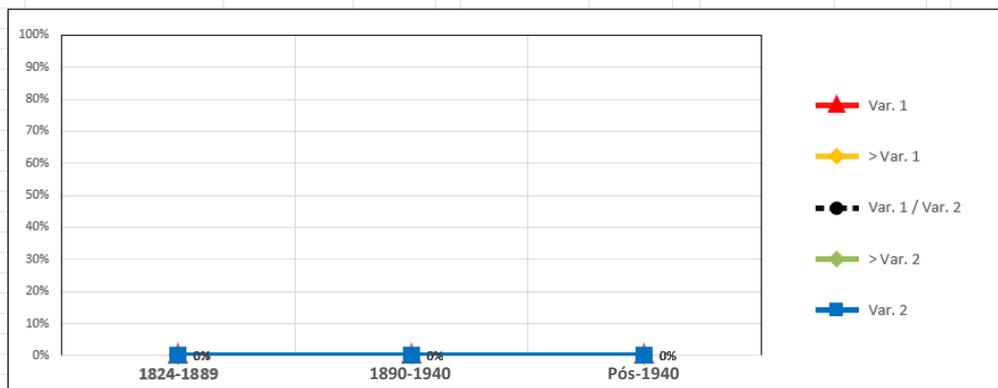
Com base na distribuição dos dados de cada período em contínuos de ocorrência [+Dt] a [+Pt], representados por meio do uso de símbolos, foram elaborados gráficos de visualização da mudança diacrônica, gerados automaticamente com auxílio da *matrix* do ALMA-H – arquivo Excel “Cling_MATRIX_versão dt_2024”, utilizada igualmente para a geração de mapas linguísticos (ALMA-H, 2024). Em aba específica com o nome de “+Graphik-Diachronie”, dispõe-se de tabelas pré-formatadas que, conforme preenchidas com o número de ocorrências de cada variante ou elemento em análise, completam automaticamente, na forma de percentuais, os dois tipos de gráfico aos quais estão lincadas, a saber, um gráfico em linhas – utilizado para

⁷⁷ A distribuição dos topônimos e prenomes nos contínuos de cada período pode ser visualizada nos Anexos A e B, ao final do trabalho.

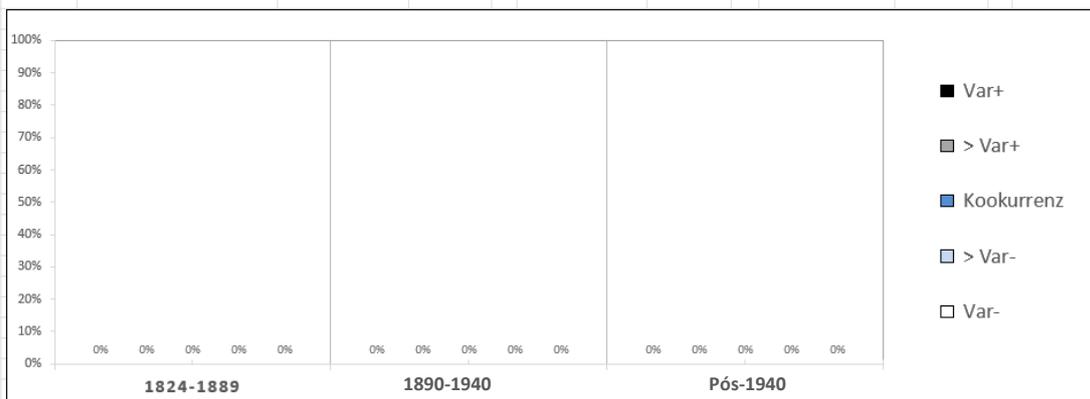
os topônimos, prenomes e romanismos – e outro em colunas – utilizado para os números de cartas em Pt e Dt, para a ocorrência ou não de AC e para o gênero dos escreventes (Figura 10).⁷⁸

Figura 10 – Recorte da planilha de gráficos do mapa *matrix* para análise diacrônica

DIACHRONE ANALYSE (Zeitachse): Daten aus Privatbriefen								
		Zahl der Belege	100% =		Zahl der Belege	100% =		Total
	Variante	1824-1889	%		1890-1940	%		Pós-1940
●	Fokus-Variante	0	0%		0	0%		0
◐	überwiegend	0	0%		0	0%		0
◑	Kookurrenz	0	0%		0	0%		0
◒	überwiegend	0	0%		0	0%		0
○	Gegenpunkt-Variante	0	0%		0	0%		0
Total		0	0%		0	0%		0



DIACHRONE ANALYSE (innerhalb der Perioden): Daten aus Privatbriefen								
		Zahl der Belege	100% =		Zahl der Belege	100% =		Total
	Variante	1824-1889	%		1890-1940	%		Pós-1940
●	Fokus-Variante	0	0%		0	0%		0
◐	überwiegend	0	0%		0	0%		0
◑	Kookurrenz	0	0%		0	0%		0
◒	überwiegend	0	0%		0	0%		0
○	Gegenpunkt-Variante	0	0%		0	0%		0
Total		0	0%		0	0%		0



eligiös | Topo... Fenotypisch | Synthese | **Tabelle der Daten** | +Graphik-Diachronie | Ortsnetz (topotypisch)

Fonte: Mapa [ALMA-H] Cling_MATRIX (2024).

⁷⁸ O único gráfico que não foi gerado a partir da *matrix* é o referente aos campos semânticos dos romanismos (v. Gráfico 5).

Os gráficos gerados a partir dos contínuos de topônimos e prenomes e das variantes das grafias de *milho* e do ditongo nasal [ẽw̃] deram origem a representações da “diacronia da romanização” desses tópicos de análise (v. Gráficos 8 e 9). Foi atribuído esse nome aos gráficos devido ao que eles procuram demonstrar, isto é, a possibilidade de uma crescente apropriação do português (língua românica), ou seja, de um aumento no uso de variantes com mais marcas do português [+Pt] pelos membros da comunidade linguística do alemão como língua de imigração, a partir do que apontam dados de cartas manuscritas de 1824 a 1991.

Uma vez estruturado o *corpus* da pesquisa e definida a metodologia de análise, apresentam-se, no próximo capítulo, os resultados obtidos através da análise tanto qualitativa como quantitativa. Busca-se, com isso, chegar a uma síntese da mudança diacrônica na apropriação do português, bem como dos fatores que influenciaram e propulsionaram essa apropriação a partir do que mostram os dados de cartas privadas dos três períodos.

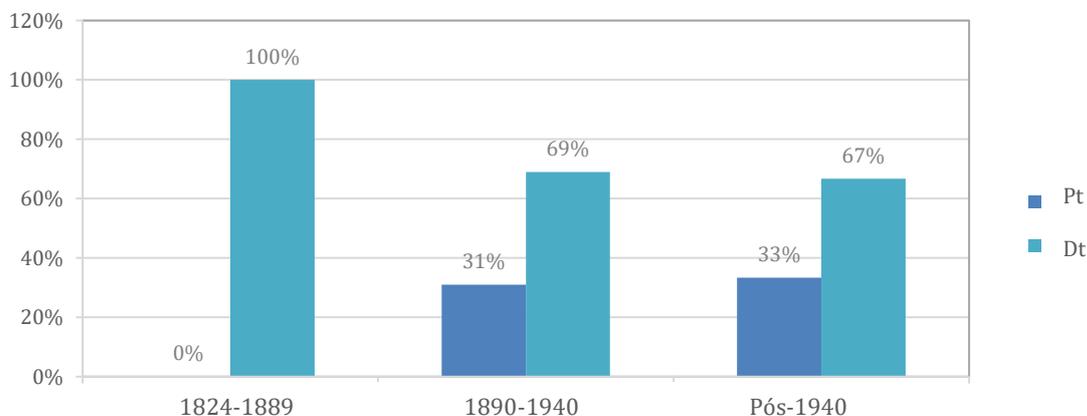
4. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, são expostos e analisados os dados coletados a partir do *corpus* desta pesquisa, estando eles dispostos conforme os tópicos de análise já apresentados no capítulo anterior, a saber, alternância de código e substituição da língua-teto, toponímia, antroponímia e romanismos. São utilizados gráficos, tabelas e imagens para a melhor visualização dos dados e de seu desenvolvimento no eixo da diacronia. A análise visa à retomada também de elementos abordados nas seções de contextualização histórica e fundamentação teórica, de forma a embasar a interpretação dos resultados. Ao final, é feita uma síntese do que foi apreendido ao longo do capítulo, com o propósito de entender a mudança do grau de apropriação do português ao longo dos três períodos da história da imigração alemã no Brasil.

4.1 ALTERNÂNCIA E SUBSTITUIÇÃO

Primeiramente, é proveitoso refletir sobre o que se poderia chamar de uma visão geral do *corpus*, isto é, o que se pode inferir a partir da distribuição das cartas conforme língua da escrita – relacionada aqui ao avanço da substituição da língua-teto – e ocorrência de alternância de código (AC) entre o alemão e o português ao nível da frase. Quanto ao primeiro fator mencionado, do total de cartas no primeiro período (37), não foi registrada nenhuma escrita em língua portuguesa; no segundo período (87 cartas), foram contabilizadas 27 cartas escritas em português; no terceiro período (18 cartas), 6 cartas escritas em português. Essa distribuição está representada no Gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 – Porcentagem de cartas em cada período conforme língua de escrita



Fonte: Mapa [ALMA-H] Cling_MATRIX (2024). Pt = cartas escritas em língua portuguesa; Dt = cartas escritas em língua alemã.

No primeiro período (1824-1889), que engloba o período do Império e da delimitação das áreas de imigração ainda à área das colônias velhas originais entre os vales do Sinos, Caí, Taquari e Rio Pardo, até o alto do Rio Jacuí, é sintomático que 100% das cartas (pelo menos do acervo que restou) foram escritas em alemão. O que se quer dizer com isso é que o aumento ou mesmo surgimento apenas posterior de cartas em português é condizente com as condições históricas que vão se delineando: os imigrantes alemães no Brasil, nos primeiros anos após sua chegada, construíram e mantiveram suas próprias igrejas, escolas, cemitérios e centros comerciais, formando comunidades autossuficientes e relativamente isoladas que preservaram sua cultura e língua por mais tempo.

Ainda que a interação com indígenas e gaúchos tenha levado à adoção de termos e práticas culturais locais e as muitas novidades e necessidades de rápida adaptação tenham facilitado a entrada mais maciça de empréstimos, fatores como o início da imprensa teuto-brasileira a partir de 1850 fortaleceram ainda mais o uso do alemão, enquanto o novo cenário político a partir de 1889 e os acontecimentos que propulsionaram a ocupação de novas terras colocaram o português e a identidade brasileira mais em evidência. Cabe observar ainda que muitos colonos, nos primeiros anos, por conta das dificuldades para garantir a própria subsistência, certamente careciam de tempo e recursos para a escrita e envio de cartas, que, em sua maioria, ainda eram enviadas para familiares na Alemanha. Esse contexto fez com que as cartas fossem mais longas e detalhadas, abordando anos de eventos e experiências vividos no Brasil, de forma a dar aos destinatários uma visão abrangente da nova realidade no continente americano.

Em contrapartida, no segundo período (1890-1940), que coincide com o início da República, observa-se um significativo aumento de cartas escritas em português, que correspondem a 31% do *corpus*. Esse crescimento pode ser atribuído a fatores como o fortalecimento das políticas de nacionalização, o aumento da escolarização formal em português nas comunidades de imigrantes e a disseminação da leitura e escrita também em língua portuguesa. Essas mudanças não apenas facilitaram o acesso dos imigrantes e seus descendentes à língua portuguesa, mas também refletiram de certo modo uma adaptação gradual ao contexto brasileiro.

No período pós-1940, a porcentagem de cartas em português aumenta, mas não significativamente, alcançando 33%. Embora o incremento de 2% em relação ao período anterior seja pequeno, ele ganha relevância ao se considerar que a amostra total de cartas do último período é bem reduzida, em comparação com a do segundo. Esse aumento percentual pode sugerir que, em caso de um *corpus* mais amplo, essa proporção de cartas em português

poderia ser consideravelmente mais expressiva. A amostra, contudo, já assegura que a não-ocorrência de cartas em português, no período inicial de 1824 a 1889, não se dá por acaso. Tem a ver com a ausência de escola e imprensa em português, que somente com a mudança do cenário político e social, a partir da República, ganhou novos contornos.

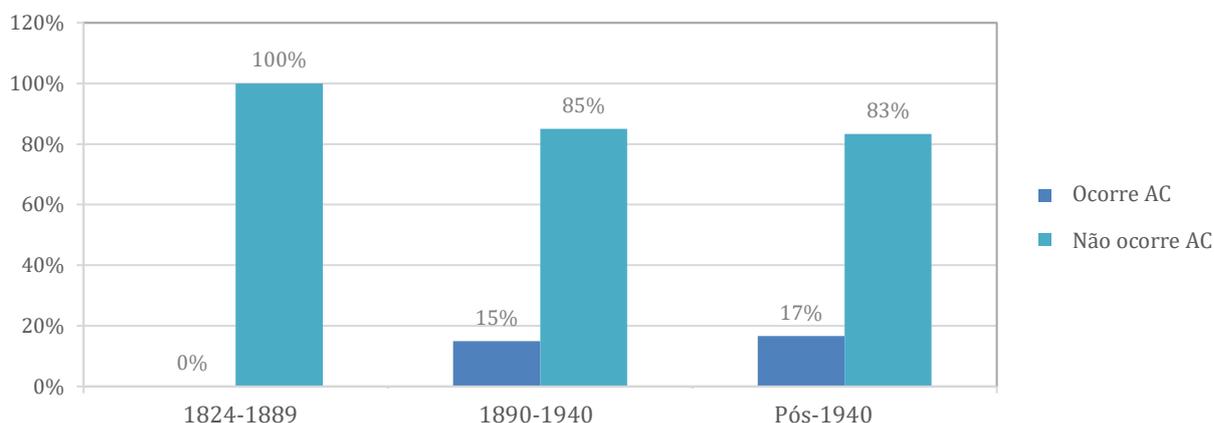
Contudo, a diminuição no número total de cartas no último período supostamente se manteria mesmo com a ampliação do acervo de cartas transliteradas para análise, considerando a proibição do uso da língua alemã a partir de 1942 – que certamente restringiu a comunicação em língua alemã, tanto em termos interpessoais quanto em relação ao ensino e à circulação de textos impressos. Além disso, com a popularização do telefone fixo, por exemplo, a frequência do uso da comunicação escrita provavelmente entrou em queda. A substituição gradual da comunicação através de cartas por novas tecnologias indicaria um deslocamento na forma de interação entre os descendentes de imigrantes e seus familiares, tanto no Brasil quanto no exterior.

De maneira geral, o Gráfico 1 aponta uma transição linguística marcada do primeiro ao segundo período: de uma predominância absoluta do alemão para um aumento gradual do português, destacando uma adaptação sociocultural de certa significância da comunidade imigrante ao longo das décadas. Vale dizer que a primeira carta escrita em língua portuguesa presente no *corpus* data de abril de 1892, três anos após a instauração da República no país, e as maiores concentrações de cartas em português no segundo período estão justamente entre os anos de 1890-1900 – período de investida no sistema de colônias mistas e início do maior envolvimento do Estado nas colônias – e 1930-1940 – período de início da implementação mais ativa das medidas de nacionalização da Era Vargas. Esses dados parecem corroborar a identificação do momento histórico como marco para a substituição do alemão pelo português como língua-teto. Ainda assim, o número de cartas em português não alcança o de cartas em alemão em nenhum período, possivelmente, pelo caráter privado desses documentos, de comunicação majoritariamente entre familiares e amigos, todos falantes do alemão local, sobretudo Hunsrückisch, e que cultivam a língua como ponto de refúgio em períodos de maiores esforços externos visando à assimilação da língua de dominância no meio (Altenhofen, 1996).

Direcionando o foco, agora, somente para as cartas escritas em língua alemã, traz-se a questão da alternância de código (AC) para o português ao nível da frase. Contrário às expectativas, registraram-se poucas ocorrências de AC, em especial nos últimos dois períodos; ainda assim, é possível perceber um aumento digno de consideração. No primeiro período, como previsto, não houve registros de AC, o que de certo modo é coerente com a própria ausência de cartas em português. No segundo período, ao contrário, foram contabilizadas

ocorrências de AC em 9 das 60 cartas escritas em alemão. Por fim, no terceiro período (pós-1940), somente 2 das 12 cartas escritas em alemão registram a ocorrência de AC. Essa distribuição está representada no Gráfico 2, a seguir.

Gráfico 2 – Porcentagem de cartas em cada período conforme ocorrência de alternância de código (AC)



Fonte: Mapa [ALMA-H] Cling_MATRIX (2024).

O fato de não haver ocorrências de AC no primeiro período vai de acordo com o que se sabe desse momento inicial, em especial quanto à presença do português no dia a dia dos imigrantes, já discutida na análise do Gráfico 1. Sobre as ocorrências a partir de 1890, há um aumento de 15% para o segundo período e de mais 2% para o terceiro – números que, mesmo pequenos, parecem acompanhar o ritmo de crescimento das cartas escritas em português do gráfico anterior. A seguir, alguns exemplos de AC ao nível da frase (em itálico) identificadas nas cartas em alemão do *corpus*:

Venn du kommst so schreibe mir so ford aber nicht vergessen denn die Olga H. oder E. läst bitten ob du so gut wollst sein u sie 1 oder ½ m Grüner Sedim mit bringen volltest *É um vavor* • [Se vierem, escrevam-me assim que possível, mas não se esqueçam de pedir a Olga H. ou a E. que tenham a bondade de lhe trazer um metro e meio de cetim verde, é um favor] (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 202).⁷⁹

Gestern abend war hier chá dansante ich hatte auch einen Tisch zum Thee servieren die Ilza die Elly und ich, *Du nem sabe quem estava aqui no baile – O Dahmer mas elle não danzou nem uma marga comigo eu não sei porque* • [Ontem à noite teve um chá dansante aqui, eu também preparei uma mesa para servir chá a Ilza a Elly e eu. Tu nem sabes quem estava aqui no baile – o Dahmer, mas ele não dançou nem uma marcha comigo, eu não sei por quê] (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 249).⁸⁰

Auf eine Kerosen late Waser 2 kilo *Açucar, † 1 copo de Serveja de Luplo ferve bem tudo, Açucar rösten, das er ben Marão fica, e agosto fêrben* [dt. *färben* 'tingir'],

⁷⁹ Carta escrita em 8 de agosto de 1919, em Estrela (RS).

⁸⁰ Carta escrita em 28 de dezembro de 1925, em Estrela (RS).

descha resfria pasa pelo un pano, e bota un tanto, ~~da~~ da Açucar, pra tinji, e meisomenos un meio colher de chá Fermento Fleisch [marca do fermento] • [Em uma lata de querosene, água, 2 quilos de açúcar, 1 copo de cerveja de lúpulo, ferva bem tudo, toste o açúcar, que ele fica bem marrom, e tinja a gosto, deixe esfriar, passe por um pano e bote um tanto de açúcar, para tinjir, e mais ou menos meia colher de chá de fermento Fleisch] (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 318).⁸¹

Ainda que se esperasse encontrar um número maior de ocorrências de AC a partir do início do século XX, esses resultados não são de todo surpreendentes. A alternância de código, como foi visto em 3.2.2, é um fenômeno em geral espontâneo, abaixo do nível da consciência e, portanto, mais próprio da fala. Sua ocorrência na escrita já é naturalmente mais rara, uma vez que ela representa uma forma de comunicação bastante planejada. Dessa maneira, mesmo as cartas privadas funcionando como um documento escrito com propriedades mais próximas da oralidade (v. 3.3.1), a AC ao nível da frase ainda é difícil, já que a espontaneidade que haveria em uma frase em português em meio a uma *fala* em alemão, passa por mais filtros até chegar no papel – sua ocorrência na escrita reflete, assim, uma escolha acima do nível da consciência, portanto intencional.

Concluindo este primeiro tópico de análise, é preciso ainda destacar as **questões grafemáticas** observadas nas cartas de cada período e que têm relevância para a mudança referente à apropriação do português ao longo do tempo. Entre 1824 e 1889, as principais ocorrências de desvio da grafia pode-se dizer que foram as seguintes: 1) as diferentes grafias de “-ão” (como em *Armasson, Rienkon* e *Saô Liopoldo*); 2) a substituição de <k> por <c> e de <v> por <f> em início de palavra (como em *Capidom, Consul* e *file* [dt. *viele*]); 3) a substituição de <ü> e <ie> por <i> e de <ei> por <ai> (como em *Winsche, Brife* e *klaine*).

Entre 1890 e 1940, ganha destaque, na escrita do alemão, uma ordem sintática um tanto mais livre das frases. O mesmo vale para as ocorrências de complemento preposicional posposto ao verbo (como em *deine liebschaft wär aus*⁸² *mit dem Arlindo*). Além disso, mostram grande relevância, nesse período: 1) a substituição de <ei> por <ai> e de <k> por <c>, como no período anterior, somadas à substituição de <w> por <v> (como em *varte, vissen* e *vie schon*); 2) o uso de acento para marcar a abertura de vogais (como em *hétte, bin ich sicher dá* e *verspéttet*) aponta sem dúvida para uma influência crescente do português, haja vista que o acento não ocorre no alemão com essa mesma função. Essa mesma interpretação pode-se

⁸¹ Carta escrita em 1985, em Capanema (PR). Trata-se de um receita de cerveja.

⁸² Marca do hunsriqueano; influência da oralidade-dialetalidade: o *liebschaft* (pt. “caso de namoro”) estar *aus*, no Hrs., quer dizer que ele está terminado (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 197, nota 97).

aplicar às demais trocas grafemáticas, embora não de forma categórica, pois podem ser registradas também no alemão.

Por fim, o período após 1940 parece seguir as tendências já observadas no período anterior, a saber, a substituição de “w” → “v” e o uso de acento para marcar a abertura de vogais.

Do uso de grafias alternativas à maior flexibilização sintática, esses fenômenos demonstram a influência linguística mútua entre o alemão e o português no sul do Brasil. O segundo período parece refletir um ápice na interinfluência grafemática, com uma variedade maior de formas, quase como um período transitório de fato. Após 1940, contudo, a escrita dos descendentes de imigrantes alemães revela uma distinção mais definida entre o português e o alemão, com cada língua sendo representada de maneira mais fiel e consistente às suas normas – fala-se aqui especificamente da escrita, na fala, o que parece prevalecer é o dialeto. Esse fenômeno marca uma estabilização linguística na comunidade, em que o alemão passa a ser preservado na sua forma escrita com maior fidelidade ao *standard*, enquanto o português se consolida de forma independente, sem interferências estruturais tão significativas – parece então que a diglossia na escrita é bastante forte, a “mistura” ficaria mais evidente na fala.

4.2 TOPONÍMIA

4.2.1 De onde e para onde se escreve: localidades em destaque ao longo do tempo

Como próximo passo, propõe-se analisar o que revelam os topônimos mencionados nas cartas escritas em língua alemã e de que maneira são registrados. Primeiramente, apresentar-se-á um levantamento das localidades mencionadas com maior frequência, em cada período, a fim de poder vislumbrar a topodinâmica das cartas ao longo das décadas, isto é, do ponto onde se situam e vivem os escreventes e seus destinatários. No Quadro 2, são listados os tipos de topônimos encontrados em cada período, juntamente com suas frequências de aparição.

Quadro 2 – Frequência dos tipos de topônimos mencionados em cada período

Períodos	Localidades	Frequência
1824-1889	Denominações para “Alemanha”	25
	Denominações para “Brasil”	21
	Porto Alegre	18
	São Leopoldo	19
	Localidades na Alemanha	17
	Outras localidade na área <i>Deitsch</i>	15
	Paraguai (localidades no país e nas fronteiras com ele)	11
	Outras localidades no Rio Grande do Sul	8
	Outros países da Europa	6
	Localidades na área <i>Deutsch</i>	4
	Localidades no restante do Brasil	3
1890-1940	Localidades na área <i>Deitsch</i>	37
	Porto Alegre	20
	Localidades na área <i>Deutsch</i>	20
	Outras localidades no Rio Grande do Sul em geral	17
	Localidades em Santa Catarina	9
	Localidades fora do Brasil	3
	Nome “Brasil”	2
Pós-1940	Localidades na área <i>Deitsch</i>	9
	Outras localidades no Rio Grande do Sul em geral	6
	Localidades em Santa Catarina	8
	Outras localidades no restante do Brasil	5
	Nome “Brasil”	2
	Localidade fora do Brasil	1

Fonte: Elaborada pela autora.

Como já mencionado na seção anterior, as cartas do primeiro período são de modo geral mais longas e têm como destino principal a Alemanha, o que, naturalmente, explica o grande número de referências a topônimos de lá. A comunicação com familiares que permaneceram no antigo continente ainda era muito frequente; solicitações de notícias sobre a terra natal e menções a ela em passagens saudosas, expressando a *Heimweh* (referente a uma melancolia por estar longe de casa e da família), predominam, ao menos na primeira metade do primeiro período, de 1824 a 1850, principalmente. Cabe ainda, quanto ao destaque de topônimos germânicos nesse período, uma reflexão sobre a prevalência de referências à Alemanha pelo uso do nome *Deutschland* e suas variantes ainda na primeira metade do século dezenove. É curioso o uso tão frequente dessa nomenclatura mesmo em um momento em que a Alemanha, como Estado unificado, ainda não existia – lembrando que a unificação ocorreu apenas em 1871. O uso de variantes para *Deutschland* pelos escreventes reflete menos uma realidade política consolidada e mais um senso de pertencimento cultural e linguístico a um território unido por laços de língua, cultura e história – ideal já encabeçado com o empenho do

Romantismo, de seus pensadores, literatos e filólogos. *Deutschland*, assim, pode ser interpretado como uma expressão da identidade coletiva dos imigrantes em torno da língua alemã comum, que transcendia as divisões políticas da época e que está na origem do conceito de *Kulturnation*, explicando a existência de uma nação unificada linguística e culturalmente, embora ainda não politicamente.

Voltando a atenção aos topônimos brasileiros, no primeiro período ganham destaque as localidades de Porto Alegre e São Leopoldo, respectivamente capital e berço das colônias velhas no RS. Igualmente representativos são os topônimos surgidos na área das colônias velhas dos vales dos Sinos e Caí até o Taquari, portanto situadas na área de ocupação inicial linguisticamente de tipo *Deitsch* (v. Figura 4). Ainda, o Paraguai e localidades na fronteira com o país são bastante mencionados como pontos de origem das cartas direcionadas às primeiras colônias, justamente pela significativa participação de teuto-brasileiros na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Vale mencionar, além disso, que as localidades no restante do Brasil fazem referência bastante ao Rio de Janeiro, justamente por ter sido o lugar de primeiro desembarque da maioria dos imigrantes antes de seguirem viagem ao Rio Grande do Sul.

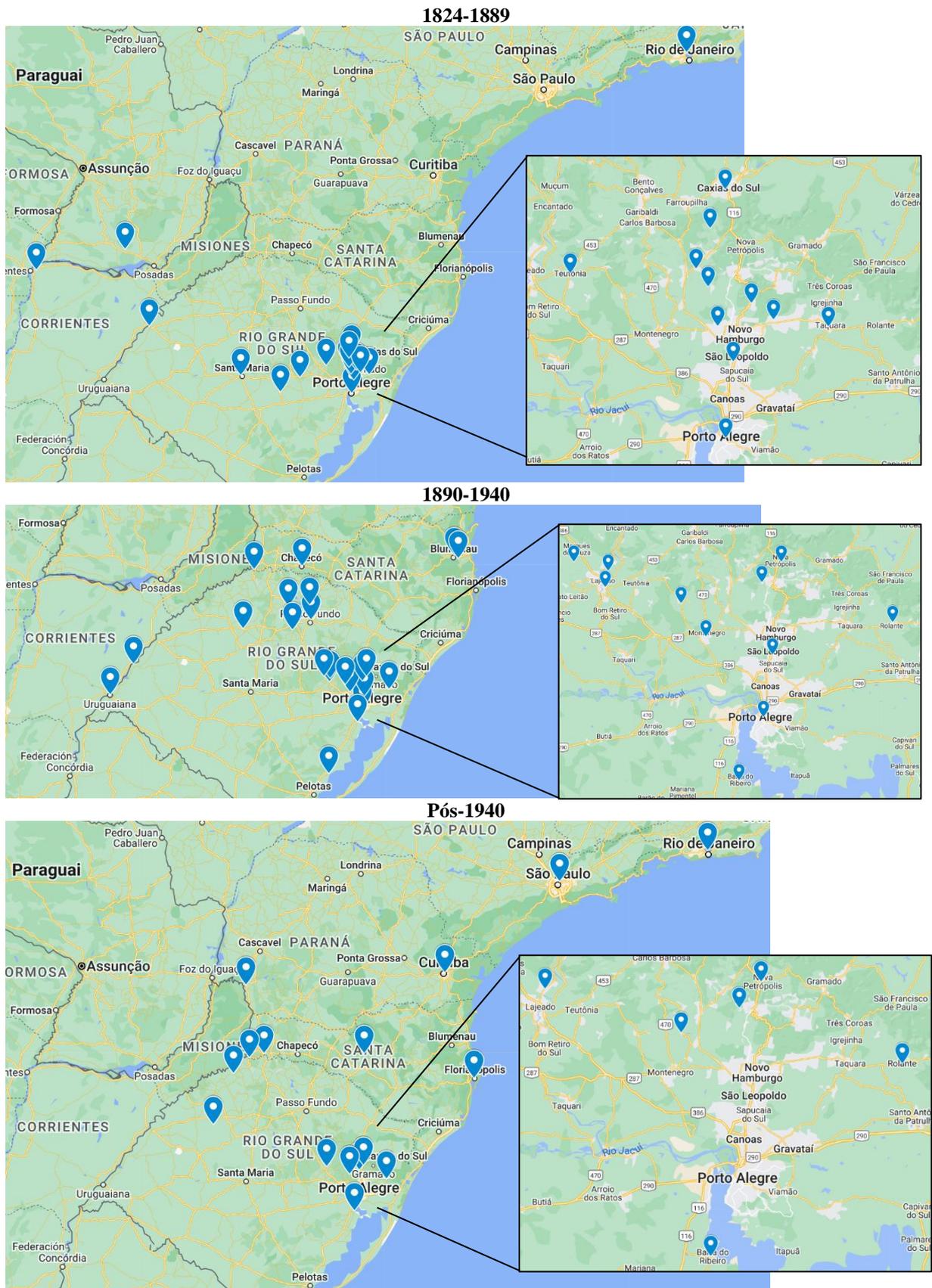
No segundo período da história da imigração no Brasil, predominam menções a localidades na área *Deitsch*, o que é compreensível, visto que são as colônias já melhor estabelecidas. O mesmo vale para as localidades na área *Deutsch*, com seus assentamentos, iniciados em 1850, também já finalizados. O fluxo da comunicação sofre então uma mudança: as cartas não partem majoritariamente de São Leopoldo e Porto Alegre para a Alemanha, como no período inicial, mas sim de diversas localidades nas colônias velhas para São Leopoldo e capital, bem como para pontos nas colônias novas que se formaram a partir do início da República. São as “pontes de papel” em terras brasileiras que passam a dominar. Vale destacar que localidades sobretudo do oeste de Santa Catarina passam a ser citadas, o que destaca o início dos fluxos migratórios do RS para essa região, a partir dos anos 1920. Além disso, localidades na fronteira próxima a Uruguaiana e no sul do RS também são mencionadas.

Por fim, o período pós-1940 é marcado ainda pela predominância da área *Deitsch*, em grande parte como fonte receptora de cartas da comunicação entre os imigrantes e seus descendentes migrados para outras regiões – o que pode indicar a relevância contínua da região como o marco do início da imigração e ponto de referência, contribuindo para a manutenção do contato entre diferentes gerações de teuto-brasileiros. Em certo sentido, reproduz-se, na relação entre colônias velhas e novas, o mesmo que ocorreu entre colônias do novo meio Brasil e a matriz de origem, na Europa, com a diferença que estes tinham por *Heimat* sua região no que chamavam de Alemanha; e para aqueles a *Heimat* eram as colônias velhas do Rio Grande do

Sul, principalmente nos vales do Sinos e Caí. No que se refere à toponímia, ainda, chama a atenção como se distribuem de forma mais uniforme as frequências das localidades mencionadas nesse período, marcadas também pelo aumento de referências a pontos fora do RS e que se estendem para além de Santa Catarina, incluindo também cidades no Paraná, Rio de Janeiro e São Paulo. Enfim, tem-se as migrações internas alcançando novas fronteiras, a partir dos anos 1970.

A Figura 11, a seguir, permite visualizar, através de mapas, a topodinâmica das migrações entre os topônimos mencionados.

Figura 11 – Localização geográfica dos topônimos mencionados em cada período histórico



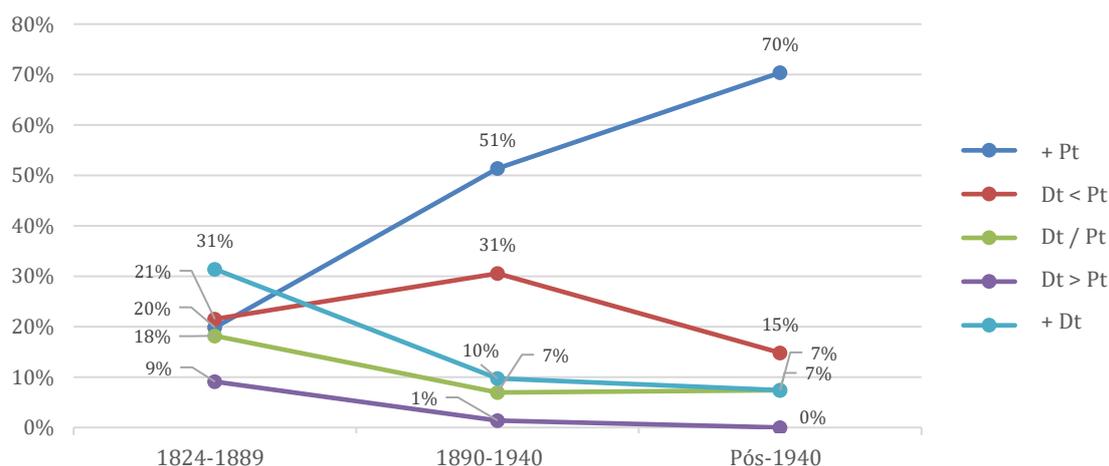
Fonte: Elaboradas pela autora através do My Maps (Google LLC).

Após analisar os tipos de topônimos presentes nas cartas de cada período e sua dinâmica referente ao espaço, o próximo passo consiste em depreender, a partir da forma e língua em que são registrados, o que revelam sobre a apropriação do português ao longo do tempo, isto é, no eixo da diacronia – que se optou chamar aqui de “romanização” dos nomes de lugares. Vejamos.

4.2.2 Romanização dos nomes de lugares ao longo do tempo

Para entender o grau de apropriação do português a partir dos topônimos encontrados, elaborou-se um gráfico da diacronia da romanização dessas nomenclaturas. O Gráfico 3, a seguir, foi gerado conforme método detalhado em 3.4.3 (v. Quadro 1, item 2), a partir dos dados distribuídos nos contínuos do Anexo A.⁸³

Gráfico 3 – Diacronia da romanização dos topônimos



Fonte: Mapa [ALMA-H] Cling_MATRIX (2024).

O decréscimo dos extremos com maiores marcas do alemão é maior do primeiro para o segundo período, havendo uma quase estabilização na passagem seguinte: vê-se que a linha azul claro, correspondente aos topônimos [+Dt], chega a diminuir inicialmente de 31% para 10%, alcançando apenas 7% no período pós-1940; a linha roxa, correspondente aos topônimos [Dt > Pt], já inicia sem muita evidência (9%) e finaliza a diacronia com 0%. Em contrapartida, os topônimos do extremo com maiores marcas do português, referentes às linhas vermelha [Dt < Pt] e azul escuro [+Pt], seguem em crescimento ao longo da diacronia, sendo que aquela

⁸³ Para a distribuição no respectivo contínuo, foram levados em conta apenas os tipos de ocorrências de topônimos, isto é, suas diferentes formas de grafia, sem contabilizar a frequência com que cada tipo aparece.

diminui do segundo para o terceiro período em detrimento desta. Os topônimos “mistos” representados pela linha verde, isto é, [Dt/Pt], apresentam certo decréscimo entre os dois primeiros períodos e se estabilizam na passagem para o último, mantendo-se em 7%.

Tem-se, com o gráfico, uma visualização bastante característica da gradual “tomada de espaço” do português no âmbito da toponímia. Ainda que haja maior distribuição de marcas do alemão e do português entre as variantes no primeiro período (1824-1889), o extremo [+Dt] mostra prevalência. Isso é reflexo, evidentemente, da forte presença de nomes de localidades da Alemanha nas cartas do período, mas também da prática comum de utilização de topônimos no alemão para localidades brasileiras, como ocorre com *Badensertal*⁸⁴ (que se tornaria a Linha Julho de Castilhos, Tupandi – RS), *Hamburger Berg* (referente a Hamburgo Velho) e *Leoner Hof*⁸⁵ (referente a Sapiranga).

No segundo período (1890-1940), percebe-se o avanço de variantes com mais marcas do português, como indicado pelos topônimos nas categorias [Dt < Pt] e [+Pt], que passam a representar 31% e 51%, respectivamente, enquanto os topônimos com maior presença de marcas do alemão diminuem. Esse aumento pode ser explicado por uma intensificação da integração cultural e linguística com o ambiente brasileiro, influenciada talvez pelo aumento nos fluxos migratórios internos para regiões mais distantes do RS e demais regiões do Brasil. Isso instiga a escolha de grafias que se aproximam da ortografia do português, mesmo pela necessidade de localização em novos meios em que, de certa forma, a toponímia aparece como ligação direta com a língua, através de mapas com nomes de cidades, placas de identificação de ruas, estradas e praças. Isso é indicado pela ocorrência de topônimos mais específicos em cartas desse período, como *Rua da Praia* e *Rua dos Andradas* (em Porto Alegre) e *Mascarate* (referente a Mascarada, uma localidade dentro do município de Rolante – RS). Topônimos que indicam uma transição, mas já com marcas que tendem ao português, mostram uma crescente no período, com ocorrências como *Gachorinha* (referente a Cachoeirinha – RS), *Posegrande* (Pouso Grande – SC), Hamburgo Welho (note-se que no período anterior ainda constava *Hamburger Berg*).

Quanto ao último período (pós-1940), o extremo [+Pt] alcança 70%, enquanto todos os demais tipos de variantes diminuem (inclusive [Dt < Pt]) ou se estabilizam nos índices mais baixos (como [Dt/Pt]). Essas constatações sugerem um estágio avançado de integração com o

⁸⁴ Conforme Tavares de Barros (2023): *Badensertal* [*Baden* ‘badênios’ + *Tal* ‘vale’ {vale dos badênios}].

⁸⁵ Conforme Tavares de Barros e Machado (2022): *Leoner Hof* [*Leoner* ‘antropônimo’ “Leão” + *Hof* ‘acidente’ “pátio, fazenda” {fazenda do leão}]. “*Leoner* ‘Leão’ parece ser um caso de tradução do nome de família do sesmeiro Manoel José Leão, dono original da fazenda na qual os imigrantes se assentaram” (Tavares de Barros; Machado, 2022, p. 150 *apud* Barsewisch, 1905).

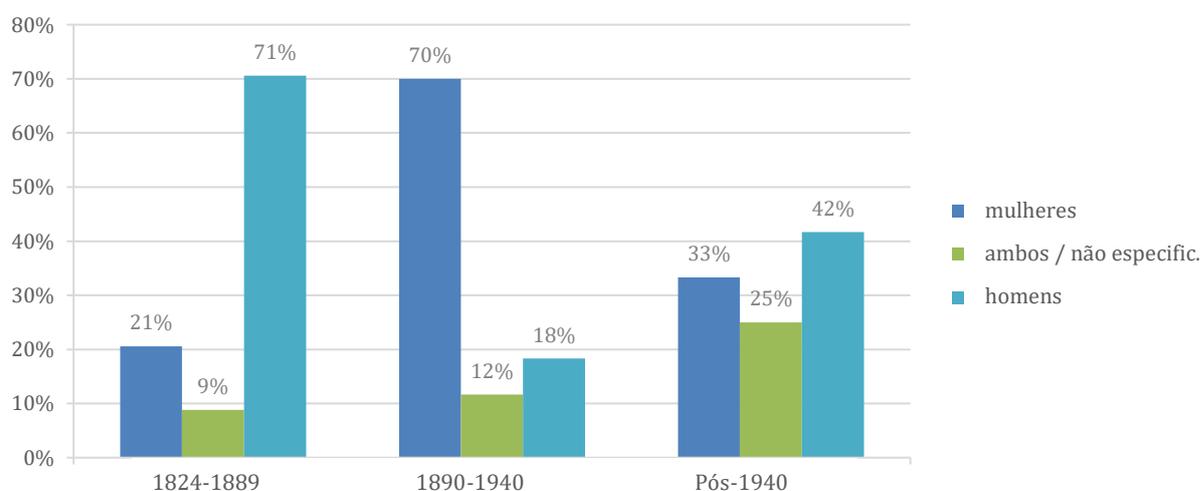
novo meio, de forma inclusive bastante material-espacial, em que os topônimos se alinham quase exclusivamente com as normas ortográficas e fonéticas do português, consolidando uma identidade linguística majoritariamente brasileira na toponímia regional. Tem-se então o português já bastante estabelecido no âmbito da toponímia, com grafias mais complexas contudo padronizadas de topônimos como *Crissiumal* (RS) ou *Florianópolis* e *Itapiranga* (SC). Os desvios, quando ocorrem, são mais leves e envolvendo no geral elementos fonéticos vinculados à distinção de oclusivas e nasais ou ditongos, como é o caso em *Betropolis*, *Arroio do Meo* e *Parra do Ribeiro* (RS).

4.3 ANTROPONÍMIA (PRENOMES)

4.3.1 Quem escreve: escreventes e seus interlocutores ao longo do tempo

Passa-se agora para a análise dos dados referentes aos antropônimos, mais especificamente aos prenomes encontrados nas cartas escritas em língua alemã. De início, é preciso considerar a perspectiva de quem é responsável pela escrita das cartas, bem como do gênero e, com isso, do papel social dos envolvidos aos quais se faz referência, pois essas informações podem jogar luz sobre possíveis tendências relacionadas às práticas de leitura e escrita dos escreventes e seus interlocutores. No Gráfico 4, a seguir, é possível visualizar os principais autores das cartas de cada período conforme o gênero.

Gráfico 4 – Porcentagem de cartas em cada período conforme o gênero dos escreventes



Fonte: Mapa [ALMA-H] Cling_MATRIX (2024).

Evidencia-se um grande contraste em relação à quantidade de cartas escritas por homens e mulheres nos dois primeiros períodos considerados, diferente do que se observa no período final, pós-1940, em que se estabelece um equilíbrio quanto ao gênero dos escreventes. Entre 1824 e 1889, registra-se um predomínio de 71% de homens como autores das cartas, enquanto o percentual de mulheres é apenas de 21%. A explicação pode estar relacionada à composição demográfica dos imigrantes alemães nesse período, em que os homens eram a maioria e frequentemente chegavam já como chefes de família ou como jovens solteiros com a responsabilidade de estabelecer famílias no Brasil. Essa condição os colocava em posição de maior protagonismo nas colônias, onde assumiam a liderança tanto na sua instalação e organização como em atividades cotidianas, sendo também os responsáveis pela manutenção do contato com familiares e amigos na Europa. Além disso, o contexto da época direcionava as mulheres principalmente para o cuidado dos filhos e dos afazeres domésticos. Entende-se também que os homens apresentavam então um maior nível de letramento, muitas vezes reforçado pelo conhecimento de textos religiosos. A leitura da Bíblia em alemão, que era uma prática comum entre os imigrantes católicos e protestantes, influenciava suas habilidades na escrita, perceptível nas cartas, uma vez que o conteúdo religioso frequentemente se refletia no vocabulário e nas referências usadas.

Entre 1890 e 1940, o cenário se inverte, e o número de autoras mulheres torna-se 52% maior que o de homens. Esse aumento pode ser explicado por diversos fatores, incluindo transformações nas estruturas familiares e no papel social das mulheres. As figuras femininas assumem uma voz mais ativa tanto na comunicação com parentes e amigos quanto na manutenção das relações sociais e comerciais. Isso se deve, em parte, à ausência de homens, ocupados com atividades de trabalho fora das colônias ou envolvidos em conflitos externos, mas também ao crescente acesso das mulheres à educação formal e à maior liberdade de circulação, permitindo-lhes visitar, receber parentes e amigos, e se tornar as principais transmissoras das novidades em seu meio social. Essas mudanças deram destaque ao papel feminino, especialmente em espaços privados. É importante considerar que certas informações nas cartas, como referências a viagens, participação em eventos como “chás dançantes” e o uso de inovações tecnológicas da época, indicam que essas autoras pertenciam a uma classe social mais favorecida. Esse contexto privilegiado certamente facilitou tanto seu acesso à educação e ao letramento quanto a disponibilidade de tempo para se dedicarem à escrita.

No último período (pós-1940), a porcentagem de homens e mulheres assinando as cartas se aproxima bastante, ficando com apenas 11% de diferença, indicando em parte a percepção da comunicação como uma prática mais acessível e valorizada para homens e para mulheres,

mas também uma maior colaboração na composição das cartas ou, ainda, um modo de representação e relato coletivo. As cartas são menos numerosas, mais espaçadas temporalmente e contêm relatos mais metódicos, envolvendo negócios, notícias de viagens e mudanças, além de questões de saúde, funcionando quase como um *check-up* necessário porém objetivo, reflexo de tempos modernos, corridos, marcados pela necessidade crescente do manejo de informações e meios de comunicação. O aumento gradual e contínuo da autoria não especificada ou conjunta ao longo dos três períodos, assim, reforça tanto uma mudança na relação do papel de homens e mulheres com a prática da escrita, como uma adaptação a uma realidade social em contínua transformação, na qual a escrita de cartas perde sua urgência e frequência, tornando-se uma prática menos individual e mais colaborativa, além de algo cada vez mais artesanal, conforme se avança modernidade adentro.

Essa mudança quanto à porcentagem de autoria feminina e masculina das cartas parece se refletir, de modo semelhante, na frequência das variantes de nomes mais comuns de cada época, como é visível no Quadro 3, a seguir. No primeiro período, foram identificados 60 nomes masculinos em evidência e apenas 16 nomes femininos; no segundo período, os nomes masculinos se reduzem à metade (30), enquanto os nomes femininos sobem para 44; já no último período, se equilibram respectivamente para 19 masculinos e 18 femininos.

Quadro 3 – Nomes masculinos e femininos com maior frequência em cada período

Período	Prenomes masculinos	Freq.	Prenomes femininos	Freq.
1824-1889	Jakob / Jakob / Jacob	18	Elisabeth / Elisabetha / Liesabtha	4
	Johannes / Johann	13	Luise / Luisa / loisa	4
	Philipp / Philipp	9	Karoline / Carolina	2
	Karl / Karel / Carlos	8	Sophie / Sophia	2
	Nikolaus / Nicolaus / Nicolas	7	Christiane	2
	Wilhelm	5	Margaride	2
	1890-1940	Adam	6	Elvira
Rein / Reinhold / Rinaldo		6	Ida / Idalina	10
Peter / Pedro		5	Meda / Meta	7
Theobald		5	Alma	7
Jacob / Jakob		4	Olga / Olg	6
Carlos		4	Elsabäta/Elisabetha/Elisabethe	4
Pós-1940		Fridolin	5	Hedi / Hedý
	Henrique	4	Loni	3
	Werner	4	Lusinda	3
	Adão Reinaldo/Reinaldo	2	Alvine/Alwine	3
	Aloysio	2	Anna/Anna Margarethe	3
	Herbert	2	Marta	2

Fonte: Elaborado pela autora.

Tomando algumas linhas para analisar os dados acima, vê-se que, no primeiro período, os prenomes masculinos e femininos refletem uma forte predominância de grafias tradicionais alemãs, como *Jakob*, *Johannes* e *Philipp* para os homens, e *Elisabeth* e *Karoline* para as mulheres – todos apresentando escassas variações com tendência à grafia do português. Deve-se considerar que muitos desses prenomes são de pessoas que nasceram na Alemanha, mas ainda assim havia a opção de serem adaptados ao português, o que efetivamente não foi feito. Essas escolhas evidenciam o esforço das comunidades de imigrantes em preservar sua identidade cultural e linguística, em um momento em que os laços com a Alemanha permaneciam ainda vivos e bastante sólidos – como um desejo de preservar valores, tradições e vínculos com a cultura de origem, mesmo em território estrangeiro. No caso dos nomes femininos, há curiosamente uma forte presença de nomes que remetem à aristocracia europeia, evocando a imagem pomposa de princesas e rainhas, como Elisabeth von Österreich, a famosa Sissi, imperatriz austríaca; a princesa Sophie von Bayern, posteriormente arquiduquesa da Áustria; ou Luise zu Mecklenburg-Strelitz, rainha consorte da Prússia. Essa associação pode refletir não apenas a preservação de uma herança cultural, mas também uma idealização, uma representação da esperança de grandiosidade no novo meio – ou, talvez, um desejo de expressar certa superioridade. Do ponto de vista fonético, observa-se uma clara preferência por sons próprios da língua alemã, como o /j/ e a presença marcante do grafema <k> em lugar do <c>, embora muitas vezes coexistentes (como em *Jakob* e *Jacob*), reforçando a importância da língua para a afirmação identitária em um período de organização comunitária nas colônias.

No segundo período (1890-1940), a seleção de prenomes começa a apresentar maior variação gráfica e adaptações ao contexto brasileiro. Entre os prenomes masculinos, coocorrem variantes alemãs e portuguesas, como *Reinhold/Rinaldo* e *Peter/Pedro*, enquanto entre os femininos surgem nomes como *Ida* e *Alma*, que transitam facilmente entre as duas línguas. Essa transição linguística pode ser compreendida como um reflexo do contato e necessidade mais frequente de adaptação à sociedade brasileira, assim como também do avanço da escolarização em português, em especial a partir das medidas de nacionalização da Era Vargas. Apesar disso, nomes como *Theobald* e *Jacob* para os homens, e *Olga* e *Elisabeth* para as mulheres, continuam a evidenciar traços culturais alemães, sinalizando a importância de preservar elementos identitários em um ambiente de transformação. Do ponto de vista fonético, percebe-se uma inclinação por nomes que facilitam a pronúncia em português, quase como uma tentativa de “negociação” cultural e linguística.

Já no período pós-1940, torna-se notória uma assimilação mais marcante à cultura brasileira. Prenomes masculinos como *Henrique*, *Adão Reinaldo* e *Aloysio* predominam,

enquanto os femininos, como *Hedi* e *Marta*, refletem uma maior aproximação às formas em português, embora não se exclua completamente a presença de prenomes tradicionalmente alemães, como *Fridolin* e *Werner*. A escolha de nomes mais adaptados ao português reflete uma pressão social por maior integração, sem, contudo, abandonar completamente as raízes. Foneticamente, tanto para homens quanto para mulheres, as escolhas mostram uma preferência, mesmo em nomes típicos alemães, como *Werner*, por sons familiares ao português, consolidando o processo de apropriação linguística e cultural nessas comunidades de imigrantes e descendentes.

De modo geral, vale ressaltar ainda que, nas cartas analisadas – e por isso o recorte aqui desse tipo de antropônimo –, o tratamento é quase sempre feito pelo uso do primeiro nome, indicando uma preferência por uma abordagem mais pessoal e familiar. Ou seja, tratamentos formais com *Frau* e *Herr* seguidos pelo sobrenome não são de uso frequente; na verdade, chegam a ser bastante raros, mesmo em cartas que abordam negócios ou temas mais formais, o que pode ser interpretado, talvez, como uma influência da cultura brasileira, caracterizada por maior intimidade nos contatos interpessoais.⁸⁶

Em termos identitários, os dados parecem revelar uma narrativa de busca por equilíbrio na balança da transformação/manutenção identitária. Os antropônimos, enquanto marcadores culturais e sociais, refletem não apenas a história das comunidades de imigrantes, mas também seu processo de integração e resignificação identitária no Brasil. No primeiro período, a manutenção de grafias e da fonética alemãs reforça uma identidade coletiva que busca preservar suas tradições em um ambiente distante da terra natal. Já nos períodos posteriores, especialmente após 1940, a adoção de variantes que tendem ao português sugere uma redefinição dessa identidade, agora marcada pela dualidade entre preservar raízes e abraçar a cultura local. Ainda assim, como será evidenciado na representação quantitativa a seguir, variantes com mais marcas do alemão acabam prevalecendo em todos os períodos.

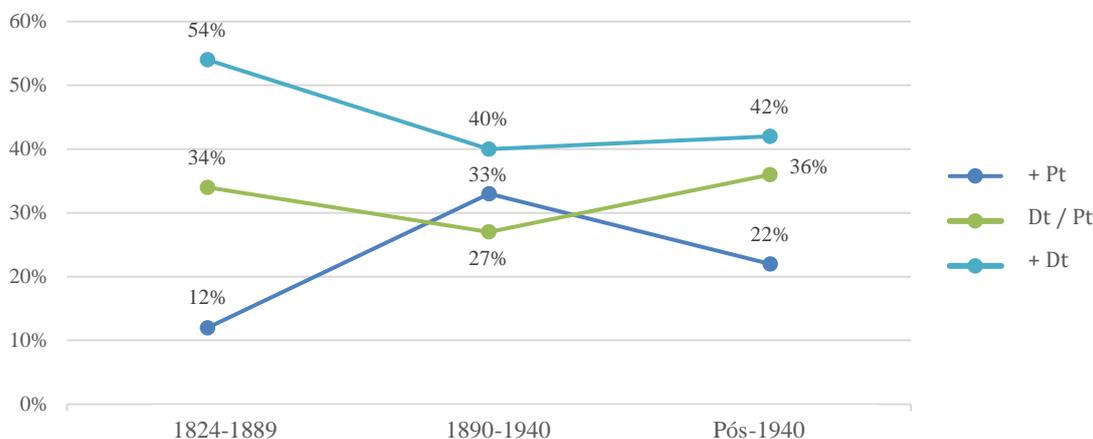
4.3.2 Romanização dos prenomes ao longo do tempo

Para entender a apropriação do português a partir dos prenomes encontrados nas cartas escritas em alemão, elaborou-se um gráfico da diacronia da romanização dessas nomenclaturas.

⁸⁶ O mesmo pode ser observado com a prevalência do tratamento na 2ª pessoa do singular e do plural.

O Gráfico 5, a seguir, foi gerado conforme método detalhado em 3.4.3 (v. Quadro 1, item 3), a partir dos dados distribuídos nos contínuos do Anexo B.⁸⁷

Gráfico 5 – Diacronia da romanização dos prenomes



Fonte: Mapa [ALMA-H] Cling_MATRIX (2024). Pt = português; Dt = Deutsch/alemão.

A partir do gráfico cabe destacar, de forma geral, que, ainda que ocorra uma alternância interessante entre o conjunto de variantes [Dt/Pt] e [+Pt] no eixo da diacronia, os prenomes com marcas associadas ao alemão prevalecem ao longo dos três períodos. Essa predominância reflete, em parte, a natureza das cartas analisadas, que se inserem no campo de domínio da língua alemã e, por extensão, da comunidade de falantes dessa língua, que a tem como condição de pertencimento. Nesse contexto, é coerente que os prenomes com maior influência alemã permaneçam no topo, denotando uma forte identidade cultural associada à preservação das tradições e da língua de origem, mesmo em período mais recente, como se observa em dados levantados pelo ALMA-H, no plano da oralidade.⁸⁸

Paralelamente a essas tendências do interior das comunidades, é significativo observar o aumento expressivo, de cerca de 20%, dos prenomes com marcas predominantemente do português, entre o primeiro e o segundo período do contato alemão-português.⁸⁹ Esse crescimento, que posiciona os nomes [+Pt] acima das variantes “mistas” [Dt/Pt], pode indicar um movimento de aproximação ou abertura para elementos da língua e cultura brasileiras.

⁸⁷ Para a distribuição no respectivo contínuo, foram levados em conta apenas os tipos de ocorrências de prenomes, isto é, suas diferentes formas de grafia, sem contabilizar a frequência com que cada tipo aparece.

⁸⁸ Uma comparação da antroponímia, na oralidade, poderia ser feita com as gravações de identificação dos informantes do ALMA-H, partes AI e AII do questionário.

⁸⁹ Na hipótese de considerar as cartas em português da base de dados do ALMA-Histórico, é possível que essa tendência se acentuasse ainda mais.

Questões identitárias, assim, parecem mais oscilantes no segundo período (1890-1940), o que pode ser atribuído à forte onda nacionalista que passa a tomar conta do país, somada à crescente circulação de teuto-brasileiros em áreas urbanas, fora da colônia, fazendo mais parte também de âmbitos como a política e a imprensa nacional. Soma-se a isso um possível aumento no número de casamentos mistos nesse período.

No último período, a posição de maioria entre as variantes com marcas do português volta a ser ocupada pelos prenomes [Dt/Pt], cujos percentuais se aproximam daqueles com marcas exclusivamente alemãs [+Dt]. Esse retorno sugere uma busca por mediação entre as duas línguas, por um equilíbrio que concilia marcas culturais de ambas as identidades – brasileira e alemã. Ou seja, esse movimento evidencia talvez o que poderia ser chamado de tentativa de harmonização, em que os nomes híbridos ou comuns a ambas as línguas funcionam como um ponto de convergência entre as heranças linguísticas e culturais em questão. Assim, os dados do gráfico, apesar das limitações do *corpus*, revelam não apenas uma trajetória de contato linguístico, mas também as nuances das negociações identitárias dentro da comunidade de falantes de língua alemã no Brasil – fazendo sentido também à luz dos dados e observações apresentados na seção anterior.

4.4 ROMANISMOS

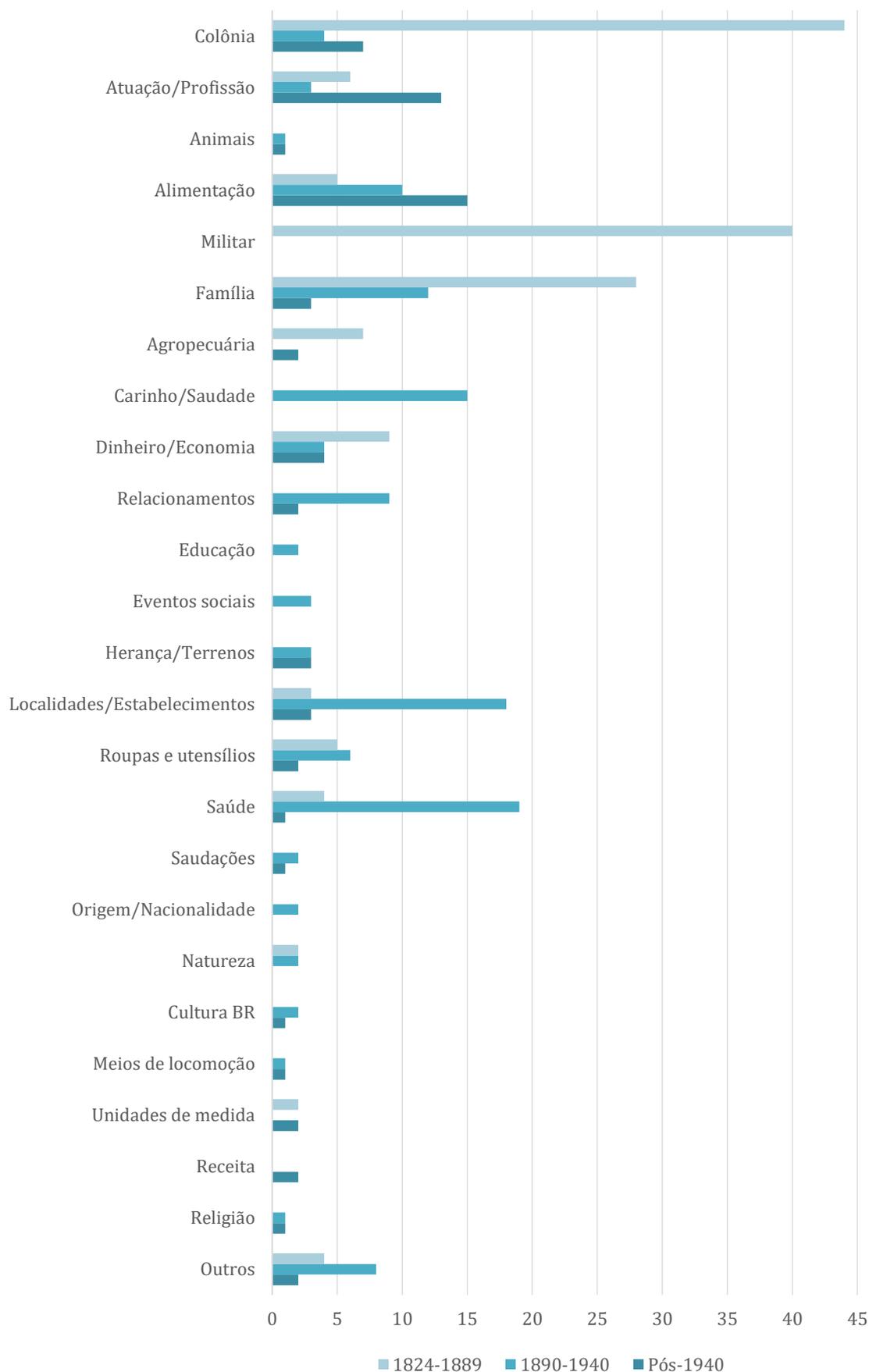
4.4.1 Sobre o que se escreve: temáticas e repertório ao longo do tempo

Nesta seção, são analisados os romanismos em sentido amplo, encontrados nas cartas escritas em língua alemã, e que incluem elementos do léxico que contenham marcas/influência de línguas românicas (português, francês, espanhol etc.) que apontem para arcaísmos, neologismos e empréstimos, além de apropriações sintáticas ou semânticas. A lista completa de romanismos encontrados no referido recorte do *corpus* foi organizada levando em conta a data de escrita das cartas e pode ser consultada no Anexo C.⁹⁰

Em primeiro lugar, é produtivo entender sobre o que se escreve, isto é, quais são as temáticas de maior relevância em cada período e o que se pode inferir disso. O Gráfico 6, a seguir, indica a frequência de temas por período histórico da imigração.

⁹⁰ Para a elaboração dos gráficos 6 e 7 presentes neste trabalho, não foram consideradas abreviações (como N.B. [*nota bene*] etc.) nem sinais monetários.

Gráfico 6 – Frequência dos temas tratados nas cartas por período histórico da imigração



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir do gráfico, é possível identificar as temáticas que mais aparecem em cada período. Os temas “colônia”, “militar”, “família e “dinheiro/economia” parecem se destacar como mais recorrentes no primeiro período, de 1824 a 1889. No segundo período, a relevância do tema “família” se mantém e é inclusive reforçada por temas próximos e complementares, como a “saúde”, “localidades/estabelecimentos” e de afetividade, como é a manifestação de “carinho/saudade”. É curioso, então, que, no último período, se volte a atenção a temas de ordem mais da subsistência, como “alimentação”, “atuação/profissão” e, novamente, “colônia”, como no período inicial da imigração. Uma explicação plausível é de que ambos os períodos envolvem migrações com certo grau de desagregação, uma unidade que se desfaz por meio dessa mesma migração. Seria necessário uma base de dados mais ampla, para mergulhar com mais clareza no que cada uma dessas temáticas pode tornar evidente sobre cada um dos três períodos.

Interpretando, contudo, de outra maneira essa distribuição dos temas em cada período, poderíamos dizer que o período de 1824 a 1889 se caracteriza como período de *instalação*, o que explicaria a forte incidência do tema da “colônia”. Descrever a organização das novas colônias, destacando a importância da plantação e colheita no sustento econômico, mencionando fortemente terminologia monetária, apresentando as novidades aos parentes na Europa era o principal objetivo das cartas de então. Faz-se menção, por isso, à “picada” (presente também na forma das variantes *Pikade* e *Pricada*), à feitoria (na forma de *Feitorin*), à “venda” (ponto de trocas comerciais das colônias), ao curral (como *Korahl*) e ao potreiro (também presente como *Patrer*, *Patreer* e *Patre*) – todas formas adaptadas do português, transferidas à grafia alemã na proporção do que os escreventes compreendiam ao nível da oralidade. Quanto às atividades agrícolas, de plantio e produção de meios de consumo em geral, observa-se um enriquecimento do vocabulário com a apropriação de léxico novo, envolvendo novas culturas, como *Batatten/Bataten*, *bohber/Poben* (“abóbora”), *xarque* (claramente, “charque”), *Maniok/Mandiok/Mandiokawurzel* (este último, “raiz de mandioca”) e *Pergamots*. É interessante a profusão com que relatam esses “conhecimentos” que, para esse período, eram ainda desconhecidos na matriz de origem.

A par dessas questões, a palavra que, contudo, ocorre com maior frequência nas cartas do período entre 1824 e 1889 é, sem dúvida, a designação para “colônia” – para a qual se registra uma série de variantes, como *Colonie*, *Golloni*, *Kohlonie*, *Kolone*, *Kolonie*, entre outras. Identificou-se esse termo como um romanismo, pois, apesar de sua forma possivelmente ingressar por outra via, sua similaridade com o pt. “colônia” é reforçada pelos significados que

carrega e que sugerem uma apropriação semântica à realidade dos colonos no contexto da imigração.

No ideário europeu, o termo alemão *Kolonie* está originalmente vinculado à colonização imperialista, com viés econômico e de dominação, das invasões e dominações de países da Europa sobre outros povos do mundo, no além-mar. Essa motivação não pode ser ignorada, mesmo no contexto da imigração, uma vez que o incentivo de Dom Pedro e do que hoje é a Alemanha à imigração no início do século XIX teve suas razões políticas e econômicas. Contudo, fica evidente que o sentido de “colônia” em “colônias alemãs no Brasil” e “colônias portuguesas em Africa”, por exemplo, é bastante diferente. Assim, a “colônia”, para os imigrantes, quando se estabeleciam em solo brasileiro, afigura ter passado por um tipo de ressignificação, de forma a ter um vínculo maior com questões de identidade, comunidade e com um novo modelo de subsistência. A mesma lógica pode ser aplicada a termos como *Kolonist* (“colono, agricultor”) e mesmo ao adjetivo “colonial”, que em português aparece como atributo de uma série de produtos “coloniais”, como *queijo colonial, estilo colonial, café colonial* e assim por diante (Altenhofen; Morello, 2018).

É interessante observar, ainda como termo vinculado à temática da “colônia”, o uso da palavra *Plantage* nas cartas, para significar a lavoura.⁹¹ A partir dela, pode-se aferir alguma relação com forma equivalente do francês, e utilizada ainda hoje também no inglês, que faz referência ao “ato de plantar, cultivar plantas” (CNRTL, 2012). Trata-se da primeira evidência que cabe destacar de influência românica outra que não do português, e que compõe o repertório plurilíngue dos escreventes das cartas em questão. Quanto a esse repertório, fortemente influenciado pelos contatos ainda na matriz de origem, uma vertente lexical ganha maior destaque. A Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) foi pretexto para a entrada de um vocabulário militar considerável; o jargão militar, por sua vez, é majoritariamente francês: *Bangenet* (pt. “baioneta”), *Batagohns/Batalijon* (pt. “batalhão”) e *desendir/desendird* (pt. “desertor”) e *Furiel* (pt. “furriel” – fr. *fourrier*) são alguns dos termos encontrados. Porém, também do português provém uma série de empréstimos desse campo semântico: “corpo”, “brigada”, “tenente”, “companhia” e outras variantes, como *Kompanhia, Kompania*.

Sobre o primeiro período da imigração considerado na análise, resta ainda comentar duas temáticas relativamente recorrentes. “Dinheiro/economia” aparece com certa frequência,

⁹¹ Este termo se tornou inclusive a variante mais frequente no Hunsrückisch destas primeiras colônias do tipo *Deitsch*, no Rio Grande do Sul (cf. Altenhofen, 1996, mapa 69), ocorrendo até mesmo em palavras compostas, como *Waldplantoosh* (“lavoura nova, localizada nos fundos da colônia, onde ainda havia mata original” – Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 167, nota 19).

reiterando seu papel na adaptação e sobrevivência no novo meio. Entre os empréstimos registrados estão *Wemtin/Wendin/wendien* (pt. “vintém”), *Robe* (pt. “arroba”) e *Subsidien* (pt. “subsídios”). Uma apropriação recorrente que chama atenção é a ocorrência de variantes para “mil réis”. Ao todo, podem-se identificar 12 variantes nas 139 cartas analisadas, inclusive em forma de etimologia popular, no caso, *Mühlreh*.⁹²

A outra temática a que resta dar destaque, nesse primeiro período, é “família”. Além da ocorrência frequente de variantes para “primo” e “sobrinho”, chama a atenção a relevância que “compadre” e “comadre” assumem nas relações familiares. Embora a apropriação do sentido dessa relação de parentesco provenha da cultura rio-grandense e se integre fortemente na cultura imigrante, não implica em uma aproximação exclusiva ao português. Pelo contrário, o *Kompater* se integra no alemão como se houvesse uma lacuna já aguardando para o termo ocupar. Segundo Altenhofen, Steffen e Thun (2018, p. 136), essas são palavras comuns

[...] do pt. (RS) para designar ‘o padrinho de uma pessoa, em relação aos pais desta’. Nos dados do ALMA-H, ocorre frequentemente a forma integrada ao Hrs., *Kompater*. [...] Trata-se de um empréstimo, para designar algo, para o qual o alemão aparentemente não possui uma palavra específica, no léxico do parentesco.

Seguindo adiante, 1890 a 1940 pode ser caracterizado como período de *socialização*. A maior mobilidade entre as colônias e entre colônias e capital, impulsionada principalmente pelas escreventes mulheres, leva à necessidade de descrever novos hábitos sociais e faz da escrita de língua alemã um meio mais receptivo também à cultura brasileira. Há muitas menções a “chás *danzante(s)*”, ao “baile”, ao “carnaval” e mesmo à *Exposição* Farroupilha. Novidades culturais também entram em pauta, como o “cinema” (também *Sinema*) e os *Clubi(s)* – marcando o início das menções a estabelecimentos como o Clube Leopoldina Juvenil e a Sogipa (então sede da *Turnerbund*), em Porto Alegre.⁹³ No campo semântico “localidades/estabelecimentos”, tem-se em destaque nesse período a *farmácia*.

As temáticas “família” e “carinho/saudade” passam a se vincular de forma mais estreita; aparentemente, começa-se a dar mais vazão aos sentimentos. A saudade que antes era da terra natal, na forma do *Heimweh*, redireciona-se agora ao sentimento dos escreventes das colônias novas em relação aos seus parentes deixados para trás nas colônias velhas do RS, dando lugar à “saudade” das pessoas (em português). “Primos”, “Sobrinhas”, “Tia” e o *Nene/Nené* passam a receber *abrasos* e “parabéns” por meio de correspondências; comenta-se sobre a *guerida*

⁹² Algo como *Mühl* (“moinho”) + *reh* (“veado”) = veado do moinho.

⁹³ Há referência também a *Deutsches Krankenhaus* (atual Hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre – RS).

“bebezinha” (então, *Bebechen*); faz-se alusão à “mamadeira” e à *Schubeta* (pt. “chupeta”). Em suma, a família constitui-se, desde o início da imigração, como principal motivação para a escrita de cartas e é sempre um núcleo bastante forte e de destaque cultural – é natural que o português, nem que seja aos poucos, alcance também esse domínio.

Sobre o tema “saúde”, tem-se muitas menções a idas ao *Hospital* e encontros com o *Doktor*, arcaísmos do alemão que parecem ter sido favorecidos, em detrimento de *Artz* e *Krankenhaus*, por exemplo, provavelmente pelo contato com o português. Historicamente, é interessante identificar relatos sobre um surto de gripe espanhola (como *Espanjolha*) e, para além disso (mas aproveitando o “gancho”), observa-se curiosamente também a entrada do espanhol no repertório de alguns escreventes, possivelmente pelos contatos na fronteira ou com falantes de espanhol. Saudações como *Holla Holla* e termos como *Intendencia* indicam um relativo contato, ilustrado também no excerto a seguir:

Heute kamen die Argentinios hier her football spielen.[...] der bischof aus Uruguay^ana ist auch da gevesen • [Hoje os argentinos vieram jogar futebol aqui (...) o bispo de Uruguaiana também esteve lá] (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 264).

Ganham destaque, ainda, nesse período, expressões híbridas, como *borta-bücher* (pt. “porta-livros”), *Charutenfabrick* (pt. “fábrica de charutos”) e *praça fest* (pt. “festa da praça”), além de apropriações por tradução, como *Sterncachtus* (pt. “cacto-estrela”) e *Musikbande* (pt. “banda de música” para se referir ao Hdt. *Musikkapelle*).⁹⁴ Por fim, soma-se a esse leque de influências, não apenas orais mas também escritas, o contato com o português escrito da época, como revela a grafia de algumas palavras, exemplo: *viaducto*, *victrolas*, *elle*.

Chegando enfim ao período pós-1940, é possível entendê-lo como estágio de *dispersão*. As migrações internas (v. 2.1.3) levam à formação de novas colônias pelas diversas regiões do Brasil, a partir do centro e oeste de Santa Catarina. Parece haver algumas semelhanças com a situação e comportamento dos primeiros imigrantes alemães, quando se instalaram nas antigas colônias próximas a São Leopoldo. Pode-se citar, por exemplo, a chegada na mata virgem; o estabelecimento em novas terras ainda bastante despovoadas; a preocupação com as colheitas iniciais e os deslocamentos internos (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018). Contudo, o fato de esses migrantes já estarem familiarizados com a natureza local e possuírem, em maior ou menor medida, um domínio da língua portuguesa se mostra uma diferença bastante relevante.

⁹⁴ Merece destaque também a ocorrência de *Scharobich*, relativo à noção de “enfadonho, chato” própria da expressão em português “xarope”.

Ainda assim, o que se vê nas cartas do último período é a volta de termos como *Kolonie* e *Kolonist*, novas menções a *Wende* (pt. “venda”), mas também termos inéditos, como *roça* (presente também na forma *ros*). Na temática “alimentação”, tem-se, como no primeiro período, grande referência ao plantio, cultivo e colheita, com palavras como *Açucar*, *Kacke* (pt. “caqui”), *Kojalen* (pt. “goiaba”), *Maniok* (pt. “mandioca”) e *Bergamotten* (pt. “bergamota”). Arcaísmos do alemão, ao mesmo tempo reforçados por correlatos do português, seguem aparecendo, como *Hospital* – nesse ponto, contudo, talvez já mais como forma do português de fato incorporada à oralidade do alemão local – e *Advogaten*⁹⁵ (pt. “advogado”). Este último chama a atenção, uma vez que está fortemente relacionado à temática crescente da “atuação/profissão” e da “herança/terreno”. Nesse período, com o aumento das mortes entre as gerações mais velhas, as novas gerações de descendentes passaram a se preocupar cada vez mais com questões de herança, regularização de escrituras e divisão de terrenos, o que tornou indispensável a atuação de advogados.

É relevante destacar, por fim, o surgimento também de cartas de cunho político no contexto brasileiro, datilografadas já com máquina de escrever e marcadas pela influência do português oral. Partidos são mencionados por siglas como PSD, UND e PTB. Além disso, é curioso notar que, mesmo com a proibição do alemão em meio à Campanha de Nacionalização do Governo do Estado Novo, de Vargas, se encontre troca de cartas em alemão, como mostra o seguinte excerto de uma carta escrita em 1943:

man darf von hier aus keine Deutschen Briefe mehr schreiben und weil ich nicht weis ob Ihr Brasilianische Briefe lesen könnt deswegen habe ich nicht geschrieben. • [Já não é permitido escrever cartas alemãs a partir daqui, e como não sei se conseguem ler cartas brasileiras, não escrevi] (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018, p. 290).

4.4.1.1 Frases e expressões

Ainda dentro das questões semânticas, o Quadro 4, a seguir, apresenta exemplos de romanismos encontrados em frases e expressões ao longo dos períodos analisados, revelando traços do contato linguístico entre o alemão e o português nas cartas que fazem parte do *corpus*. Esses dados destacam não apenas a presença de elementos com sentidos apropriados do português brasileiro, mas também sua integração em construções discursivas mais amplas.

⁹⁵ Cabe aqui destacar que, ainda que o termo tenha provavelmente sido apropriado do francês antigo *advocat*, ele parte antes de tudo do latim – *advocō* > *advocāre* > *advocātu-*. Cf. Lewis e Short, *A Latin Dictionary*. Disponível em: <https://abrir.link/gIJnj>. Acesso em: 19 nov. 2024.

Quadro 4 – Marcas de romanização encontradas em frases e expressões de cada período

Período	Frases e expressões
1824-1889	0. Não houve ocorrências
1890-1940	<ol style="list-style-type: none"> 1. „[...] hat der Edgar zimlich <u>Moscas müssen essen</u>”⁹⁶ (09.03.1926, Carazinho – RS,) 2. „Hast du dich da oben schon <u>einen angeschafft</u>”⁹⁷ (Porto Alegre, 29.03.1920) 3. „<u>Nägstens</u> werde ich mehr schreiben”⁹⁸ 4. „Du fragst nach unserem <u>namoren</u>, ja das ist alles kalt eis kalt, aus, ich <u>bin despaschirt fon ihm</u>”⁹⁹ 5. „Hast Du noch nicht auf Deine <u>Bluse</u> gewartet? Bisjetzt konnte ich sie noch nicht <u>stricken</u> habe immer sehr viel zu nähen”¹⁰⁰ 6. „[...] sonst noch?”¹⁰¹
Pós-1940	7. „Dieses gute Volk ist doch <u>die ewig Melkkuh der Regierung</u> ” ¹⁰²

Fonte: Exemplos retirados do acervo de cartas do ALMA-Histórico.

No primeiro período, não se registrou nenhum exemplo de romanização que afetasse frases e expressões inteiras, fator que contrasta com a quantidade de romanismos na forma de palavras isoladas encontradas nas cartas desse mesmo período. Esse predomínio de palavras isoladas em detrimento de construções mais complexas pode sugerir que o contato linguístico foi mais instrumental no período inicial da imigração, com ênfase na nomeação de aspectos centrais do novo meio que tinham como necessidade primordial preencher lacunas específicas de comunicação centradas no alemão.

O segundo período, ao contrário, mostra uma profusão de exemplos ao nível da frase e de expressões. A frase 1, por exemplo, ilustra uma ocorrência notável de influência idiomática. A expressão *comer mosca*, bastante comum em português, traz o sentido figurado de “ficar para trás” ou “deixar algo passar despercebido”. Aqui, percebe-se uma adaptação quase literal ao alemão, que não possui equivalente direto para esse tipo de construção metafórica. Esse exemplo demonstra como uma expressão profundamente enraizada na cultura brasileira foi traduzida e inserida em um novo contexto linguístico, mantendo seu significado original. (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018).

Já a frase 2 apresenta uma possível influência do português no uso do termo *angeschafft* dentro desse contexto informal. A estrutura pode ser interpretada como “já arranhou um por

⁹⁶ Carta escrita em 9 de março de 1926, em Carazinho (RS).

⁹⁷ Carta escrita em 23 de março de 1920, em Porto Alegre (RS).

⁹⁸ Carta escrita em 14 abril de 1922, em Passo Fundo (RS).

⁹⁹ Carta escrita em 30 de maio de 1922, em Passo Fundo (RS).

¹⁰⁰ Carta escrita em 6 de setembro de 1936, em Canoas (RS).

¹⁰¹ *Ibidem*.

¹⁰² Carta escrita em 20 de agosto de 1948, em Harmonia (RS).

lá?”, remetendo à ideia de encontrar ou “arrumar” um namorado. O tema do namoro é inclusive retomado na frase 4, em que se observa o uso do substantivo *namoren* (pt. “namoro(s)”). Esse caso sugere uma influência direta do português no alemão, especialmente considerando a frequência e a relevância cultural da prática de “namorar” no Brasil. A forma plural *namoren* reflete uma tentativa de ajustá-lo à morfologia alemã, evidenciando uma fusão linguística e cultural em que o termo é apropriado para denotar relações afetivas em um contexto local. Ainda nessa mesma frase, a influência do português fica evidente também na apropriação do termo “despachado”. Em alemão, fez-se uma adaptação acrescentando o sufixo *-ieren*, que resultou na forma *despachirt*, com o sentido de *verabschiedet von ihm* (pt. literalmente “despediu-se/despedido dele”, no sentido de “mandar embora”). Esse exemplo ilustra um empréstimo lexical em que o vocábulo do português é integrado ao alemão de forma híbrida, mantendo a grafia aproximada (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018).

Voltando à frase 3, tem-se um elemento que pode ser comparado à expressão adverbial “na próxima”. A utilização de *nächstens* carrega a ideia de algo que ocorrerá em um futuro imediato, o que dialoga com construções temporais comuns no português brasileiro. Essa semelhança sugere que os falantes bi/plurilíngues podem ter transferido hábitos discursivos de uma língua para outra, gerando paralelos que enriquecem ambas as tradições linguísticas.

Na frase 5, tem-se um possível caso de influência semântica do português. A conexão entre *Bluse* (pt. “blusa”) e *stricken* (pt. “tricotar”) aponta para uma ressignificação, em que *Bluse*, empregado no masculino, pode ter sido influenciado pelo termo do português “blusão”, utilizado para peças de vestuário de lã ou tricô, como pulôveres. Essa associação revela como itens culturais e materiais podem atuar na redefinição do vocabulário em comunidades multilíngues (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018). Como último exemplo do segundo período, a frase 6, referente ao trecho [...] *sonst noch?*, remete ao português *de resto* ou *no mais*. Aqui, é possível questionar se a construção advém de um traço do português ou de alguma variedade dialetal do alemão. Em ambos os casos, a frase revela um intercâmbio sutil, porém significativo, na forma de organizar informações discursivas.

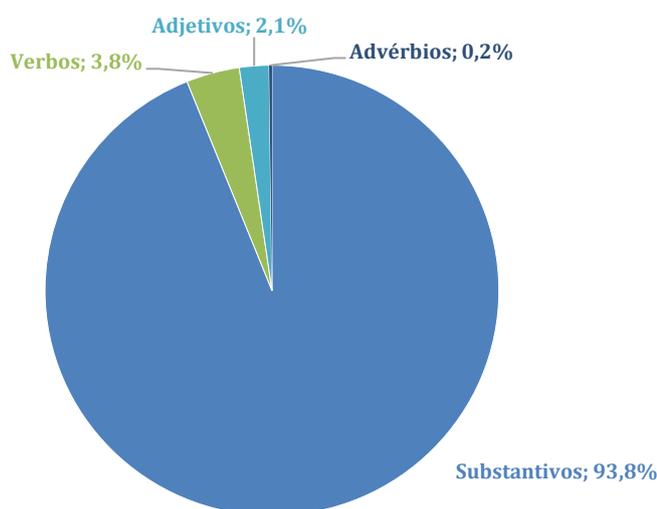
Por fim, a frase 7, única ocorrência recolhida dos dados do terceiro período, pode ser comparada à expressão do português brasileiro “mamar nas tetas do governo”. Essa construção reflete uma crítica socioeconômica, na qual a metáfora da vaca leiteira evidencia uma percepção negativa de dependência ou exploração por parte do governo. A adaptação dessa metáfora ao alemão sugere não apenas uma influência linguística, mas também uma convergência de valores e apropriação do discurso político (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018).

Apresentados esses exemplos para ilustrar a apropriação do português para além da palavra isolada, como campo de influência que – pode-se dizer – beira a alternância de código, é sintomático que as ocorrências mais numerosas provenham do segundo período considerado para análise do contato alemão-português, justamente o período que se rotulou acima como período da *socialização*, em contraposição ao período anterior de *instalação* e posterior de *dispersão*. Seria necessária uma base de dados mais ampla, inclusive para equilibrar o número de cartas de cada período, se quiséssemos aprofundar essa questão. Por ora, é preciso se contentar com o que a distribuição desses elementos nas cartas em alemão do *corpus* revela, considerando a apropriação do português.

4.4.2 Classes de palavras encontradas

A partir das cartas em língua alemã constituintes do *corpus* deste estudo, foram contabilizados 421 romanismos (v. Anexo C). Todos os romanismos encontrados são referentes a elementos lexicais, sendo 396 substantivos, 13 verbos, 9 adjetivos e 1 advérbio. Essa distribuição está representada no Gráfico 7.

Gráfico 7 – Porcentagem de romanismos presentes nas cartas, conforme a classe gramatical



Fonte: Elaborado pela autora.

A análise da distribuição desses romanismos nas cartas em alemão do *corpus* pode ser interpretada à luz da distinção de Coseriu (1978) entre inventários abertos e fechados. O inventário aberto inclui categorias lexicais, como substantivos, verbos e adjetivos, que estão em

constante expansão e adaptação, especialmente em contextos de contato linguístico. A predominância de substantivos (93,8%) reflete essa flexibilidade, já que esses elementos são mais facilmente incorporados à língua alemã para preencher lacunas lexicais relacionadas a objetos e práticas culturais do português. Em contraste, verbos (3,8%) e adjetivos (2,1%), que exigem uma maior adaptação morfossintática, aparecem em menor quantidade, o que serve para confirmar a maior dificuldade para incorporar essas categorias sem alterar a estrutura sintática. A ausência de elementos pertencentes ao inventário fechado, que desempenham funções fundamentais na organização sintática da língua, como por exemplo preposições, chama a atenção e reforça a impressão de que o alemão desses imigrantes e descendentes não sofreu, ao menos no meio escrito, mudanças significativas em sua estrutura básica, apesar do contato com o português.

A hierarquia de empréstimos proposta por Thomason (2001) também corrobora esse padrão, sugerindo que, em situações de contato linguístico, os empréstimos mais comuns são os substantivos, seguidos pelos verbos, adjetivos e advérbios – demais categorias estão propensas à apropriação apenas em estágios de contato mais intenso e avançado. No caso do *corpus* analisado, a predominância de substantivos é notória e está em acordo com as visões de Thomason e Coseriu, contudo reflete, somada à inexistência de elementos do inventário fechado entre os romanismos encontrados, uma alta proficiência geral na língua alemã no meio escrito ao longo dos três períodos analisados, de forma que os empréstimos presentes nas cartas privadas em alemão, portanto ao nível da língua escrita, aparentam ser utilizados de maneira funcional e muitas vezes consciente, sem comprometer a gramática subjacente. Mesmo a classe de verbos – que, na oralidade, como sabemos, é alimentada por uma série de ocorrências com uso do sufixo *-ieren*, apresenta, ao nível da escrita, um índice baixo.

Para analisar os romanismos dessas classes de palavras menos produtivas, veja-se o Quadro 5, com a lista de verbos, adjetivos e advérbios identificados com alguma marca de romanização. Nessa lista, chama atenção a ocorrência já bem cedo dos adjetivos “Preso” e *desSpensüird* (pt. “dispensado”), curiosamente em um campo semântico “militar”, como também ocorre com os verbos, no período de 1824-1889. Contrariamente, no período seguinte, entre 1890 e 1940, predominam verbos do campo das relações sociais, como *bassiere*, *geschickt* (no sentido de “mandar, ordenar”), *Namoriren* e variantes, além de *Guerida*. Por fim, no período pós-1940, são pouquíssimos os exemplos; é necessário ampliar a base de dados.

Quadro 5 – Verbos e adjetivos com marcas de romanização de cada período

Período	Verbos	Adjetivos	Advérbios
1824-1889	Returiren / Bombateren	desendirt/desendird / desSpensürd / Preso	
1890-1940	bassiere / aromieren / arrumieren / fandasiert / Namoriren / schterben schnell / namoriert / namorirt / Atresieren / einen angeschatft (v. Quadro 4)	Liquidirt / Guerida / despaschirt (v. Quadro 4)	Nägstens (v. Quadro 4)
Pós-1940	transferiert	Solteiro / peláto	

Fonte: elaborado pela autora.

O uso do adjetivo “preso” no contexto da frase em questão¹⁰³ reflete uma característica presente também no alemão falado atualmente – especificamente no hunsriqueano, em formas como *Der is preso gang* (Altenhofen; Steffen; Thun, 2018). Esse uso, embora informal, mostra como o empréstimo linguístico pode ser incorporado de forma natural à fala cotidiana. Em relação ao verbo *bassiere*,¹⁰⁴ não obstante a forma do alemão *passieren* (pt. “acontecer”), pode sofrer influência do verbo português *passar*, demonstrando uma característica de alternância fonética típica do contato entre as línguas, em que a pronúncia de /p/ é representada pelo grafema (ou vice-versa), além do acréscimo do sufixo *-ieren*.

Em relação à apropriação do adjetivo *guerida* (pt. “querida”), que substitui *liebe* no adereçamento da carta em questão,¹⁰⁵ na verdade é motivada pela função pragmática que exerce. A presença da expressão no texto contribui para a identidade local e cultural do falante, carregando um valor simbólico que a associa à cultura brasileira, ao mesmo tempo que ressalta o elo emocional com o idioma original.

A seguir, concluindo a apresentação dos dados e buscando entender o grau de apropriação do português a partir dos romanismos encontrados nas cartas, foi feita a análise quantitativa da ocorrência diacrônica de duas variáveis de maior produtividade, considerando a grafia das variantes para *milho* e a grafia do <ditongo nasal [ẽw̃]>. Os gráficos foram gerados conforme método detalhado em 3.4.3 (v. Quadro 1, itens 7 e 8), a partir dos dados distribuídos no quadro do Anexo C.

¹⁰³ “Wilhelm Guldener ist Schon 1 Monad Preso” • [Wilhelm Guldener já está preso há 1 mês] – carta escrita em 9 de março de 1866, em Corrientes, Província da Argentina.

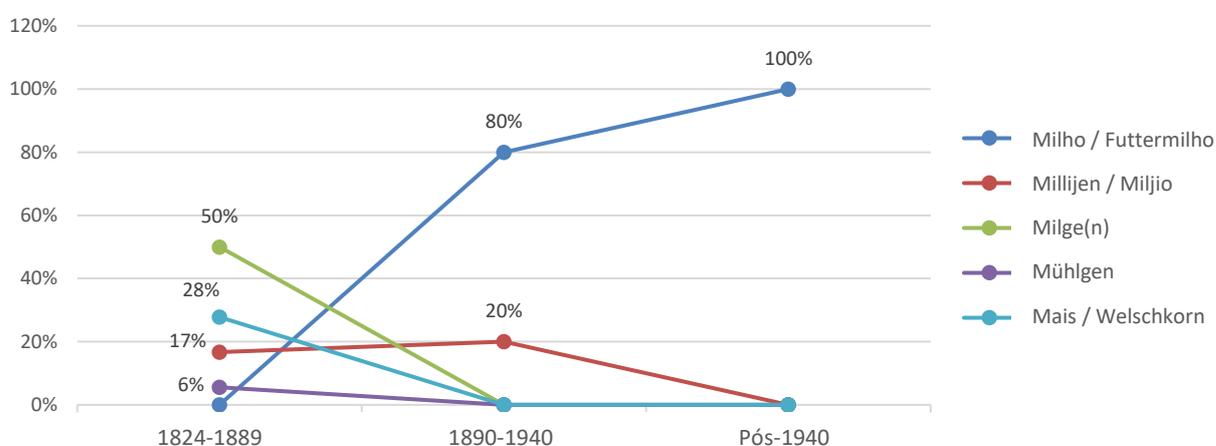
¹⁰⁴ Carta escrita em 1915, em Porto Alegre (RS).

¹⁰⁵ Carta escrita em 12 de agosto de 1936, em Rolante (RS).

4.4.3 Romanização da palavra “milho” e do ditongo nasal [ẽw̃] ao longo do tempo

A partir das ocorrências nas cartas escritas em língua alemã que constituem o *corpus* da pesquisa, foram determinados cinco tipos de variantes para a variável <milho>, a saber: *Mais / Welschkorn* (variantes [+Dt]); *Mühlgen* (variante [Dt > Pt]); *Milge(n)* (variante [Dt/Pt]); *Millijen / Miljio* (variantes [Dt < Pt]); *Milho / Futtermilho* (variantes [+Pt]). A distribuição diacrônica dessas variantes está representada no Gráfico 7, abaixo.

Gráfico 8 – Diacronia da romanização da grafia de “milho”



Fonte: Mapa [ALMA-H] Cling_MATRIX (2024).

Mostra-se bastante evidente, no gráfico, a crescente predominância, partindo da nulidade, da variante *Milho*, que chega a dominar completamente o cenário no período pós-1940. As demais variante predominam apenas no primeiro período, com 50% de ocorrência de *Milge(n)*, seguida de *Mais / Welschkorn* (28%), *Millijen / Miljio* (17%) e *Mühlgen* (6% das ocorrências, no período inicial). Todas essas formas – com exceção de *Millijen / Miljio* – caem em desuso no período seguinte, de 1890-1940. Vale observar que *Millijen/Mijio* chega a registrar um aumento de 3% nesse período; é também a forma mais próxima de *Milho*, e também da variante falada do Hunsrückisch. A mudança para 100% de ocorrências da variante *Milho*, no período pós-1940, sinaliza, desse modo, é também uma mudança na consciência e vitalidade do alemão falado, que se transfere para a escrita, isto é, para uma consciência crescente da prática escrita em português. Esses resultados não são surpreendentes, quando se considera a relevância do cultivo do milho entre os imigrantes, herdada da matriz de origem e reforçada em solo brasileiro, de forma adaptada ao ambiente e à cultura locais.

Conforme Pavan (2023), no século XIX, os imigrantes alemães que chegaram ao Brasil enfrentaram sérios desafios relacionados ao cultivo de certas plantas, como o trigo, que não prosperavam bem devido às oscilações climáticas, pragas e doenças. Em busca de alternativas, recorreram ao uso de farinhas de milho, mandioca e outros cereais como substitutos. O milho, mais resistente e de alto rendimento, foi adotado como cultura consorciada com o feijão e a abóbora, alimentos fundamentais para as colônias. Esse processo de adaptação à agricultura local foi decisivo para a sobrevivência dos imigrantes, que também precisaram ajustar seu vocabulário às novas condições, incorporando termos como *Poben* (abóbora) e *Milge* em suas cartas – este último, ao que tudo indica, pode ter sido, ao menos em parte, trazido já de herança do Antigo Continente.

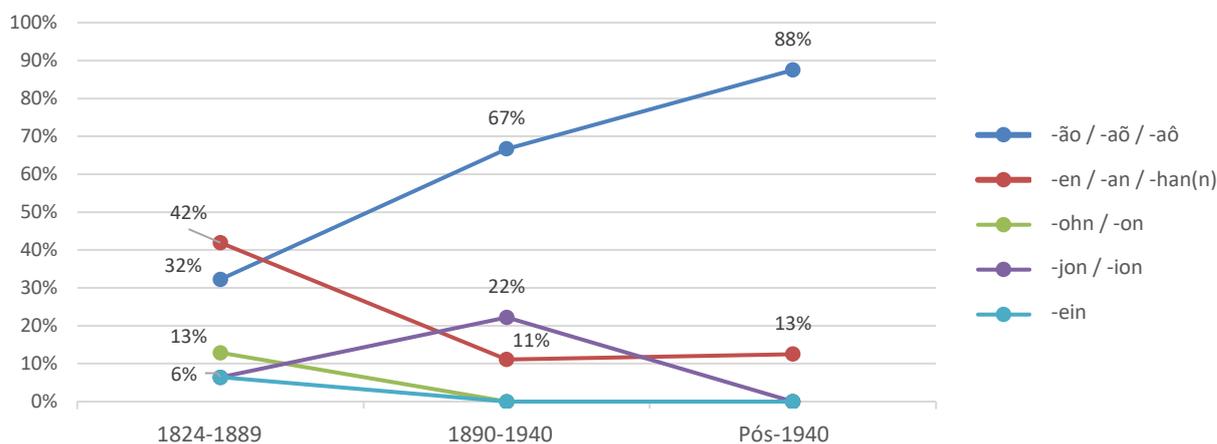
Pavan mostra como o milho se consolidou como uma planta vigorosa e de fácil cultivo, com produção abundante, já na Europa, favorecendo sua expansão desde o século XVI. Tal qual a situação no Brasil do início de 1800, o cultivo desse cereal foi visto então como uma solução eficaz para garantir maior produção de alimentos. No entanto, ao longo do tempo, surgiram variações terminológicas para designá-lo, como *Meliga*, *Melga* e *Milge*, cujas origens podem ser rastreadas em dicionários e textos históricos da Suíça e da Itália, refletindo não apenas mudanças nas práticas agrícolas, mas também nas dinâmicas linguísticas. A diversidade de termos pode ser explicada pela heterogeneidade dos grupos de imigrantes e pela falta de padronização linguística entre eles. As variantes linguísticas associadas ao milho também estão ligadas a aspectos históricos e religiosos, como os conflitos entre grupos anabatistas, cujas migrações influenciaram a disseminação de determinadas palavras e práticas.

A diversidade de origens dos imigrantes alemães e o contexto histórico da migração para o Brasil explicam a multiplicidade de formas encontradas nas cartas, como *Welschkorn* e *Mais*, que parecem ter sido passíveis de compreensão pelos destinatários no início do período de 1824-1889, devido ao conhecimento prévio da variação regional na Alemanha. O uso dessas variantes no Brasil reflete tanto o processo de adaptação linguística quanto as transformações culturais e agrícolas dos imigrantes, a predominância das variantes *Milge(n)* e *Mais/Welschkorn* é lógica quando se tem conhecimento desse repertório, bem como a predominância de *Milho* nos períodos seguintes é natural quando se sabe da relevância do cultivo do alimento também no Brasil, e consequente necessidade de apropriação da variante em português até para facilitar trocas comerciais – ou seja, o milho da plantação falou mais alto e, como a plantação era em terras brasileiras, foi associado ao português, por força da sua função nesse meio.

Quanto à variável grafia do <ditongo nasal [ẽw̃]>, também foram determinadas cinco variantes a partir das cartas em língua alemã presentes no *corpus*, são elas: *-ein* (variantes

[+Dt]); *-jon / -ion* (variantes [Dt > Pt]); *-ohn / -on* (variantes [Dt/Pt]); *-en / -an / -han(n)* (variantes [Dt < Pt]); *-ão / -aõ / -aô* (variantes [+Pt]). A distribuição diacrônica dessas variantes está representada no Gráfico 8, abaixo.

Gráfico 9 – Diacronia da romanização da grafia do ditongo nasal [ẽw̃]



Fonte: Mapa [ALMA-H] Cling_MATRIX (2024).

A dinâmica desse segundo gráfico é bastante parecida com a do primeiro, relativo à variável <milho>. Tem-se a variante em foco, do extremo [+Pt], em uma crescente ao longo dos três períodos, atingindo 88% no período pós-1940. As demais variantes mostram uma predominância no primeiro período e quase todas decaem a partir do segundo, com exceção de *-jon/-ion*. Este tipo de variante apresenta um aumento de 16% do período um ao dois, de forma que sua ocorrência pode ser relacionada à da variante *Milljen/Mijio* do gráfico anterior, sendo mantida por muitos anos a partir do reforço do espanhol, mas alcançando também a nulidade no último período.

A variante referente a *-en/-an/-han(n)* é a única, ao lado da variante em foco, que não desaparece, pelo contrário, chega a ter leve aumento entre os dois últimos períodos. A manutenção das grafias *-en* e *-an* pode ser justificada pela influência das variedades do alemão no Brasil, nas quais a pronúncia [ɐn] ou [an] são características, além de desempenharem papel relevante em contextos morfossintáticos, como por exemplo na terminação de verbos e substantivos no plural. Em comunidades plurilíngues, esses sufixos podem ter sido preservados tanto por questões de fidelidade fonética quanto por um desejo de manter traços da língua de origem.

Por outro lado, o aumento contínuo da grafia <-ão> é marcante justamente pelo fato de a terminação ser extremamente comum na língua portuguesa, especialmente em substantivos e

verbos na primeira pessoa do singular do futuro do presente e do futuro do pretérito. Sua disseminação nos textos de cartas privadas em alemão pode ser vista como um indício de apropriação do português à escrita da comunidade, tendo como fonte principal, supõe-se, a crescente familiaridade dos imigrantes e seus descendentes com textos em língua portuguesa. Antes da Guerra, havia aula em alemão, escrita em alemão; como efeito da proibição do alemão e monopolização das aulas em português tem-se que a consciência e o *habitus* de escrita em português passou a ser dominante – as duas variáveis, tanto a grafia de *-ão* como de *milho*, refletem isso.

4.5 SÍNTESE: DIACRONIA DA APROPRIAÇÃO DO PORTUGUÊS NO ALEMÃO

A análise diacrônica das cartas em alemão revela uma dinâmica marcante de transformação linguística, cultural e identitária, refletindo o processo de apropriação do português pelos imigrantes e seus descendentes ao longo dos três períodos históricos da imigração alemã no Brasil. Nesta seção, busca-se apresentar uma síntese dessa mudança, tendo como base algumas das questões levantadas na Introdução deste estudo, a saber:

Quais são as motivações para a entrada do português no alemão?

Quais marcas do português podem ser encontradas e como se dá sua integração ao alemão?

Como se dá a relação entre oralidade e escrituralidade no eixo do tempo?

Tudo isso apresenta relação com o período histórico?

As motivações para a entrada do português no alemão estão intimamente relacionadas à necessidade de adaptação dos imigrantes ao novo meio e, conseqüentemente, à abertura cada vez maior dos falantes de língua alemã e seus descendentes à cultura e identidade brasileira. Em um primeiro momento, a entrada da língua românica tem sua motivação maior na necessidade prática de nomear e interagir com o novo contexto. O vocabulário relacionado à geografia, fauna e flora – considerando tanto topônimos como elementos voltados a questões agrícolas e de constituição das colônias – e à economia ganha destaque inicialmente, devido justamente ao fato de representar aquilo de mais imediato para garantir a subsistência da comunidade.

Como segundo ponto a destacar, tanto pela maior mobilidade e integração cultural – em grande parte, ao que parece, impulsionada pela crescente presença feminina no meio sociocultural – como pelo resultado de pressões externas – a partir de políticas de assimilação

implementadas em diferentes períodos da história da imigração –, a apropriação do português passa a ser acompanhada por uma maior permissividade em relação à cultura e identidade brasileira. O português se faz presente, então, não apenas no vocabulário, ao qual agora elementos socioafetivos também passam a ser apropriados, e nos topônimos, mas também através do aumento significativo de nomes “abrasileirados”, como *Pedro*, *Elvira* e *Idalina*. No último período considerado, temáticas já presentes no primeiro período parecem se repetir, em grande parte devido à formação de novas colônias a partir de Santa Catarina. Contudo, o vocabulário do português já se encontra mais estabelecido. Elementos culturais brasileiros tornam-se visíveis, inclusive por meio da menção a questões políticas e legais, relacionadas à herança, às gerações mais velhas que passam a falecer e à divisão de bens.

Ao longo de todo o intervalo histórico considerado, foram identificadas variações grafemáticas próprias da influência do português na grafia do alemão, indicando uma crescente familiaridade com a leitura de textos em língua portuguesa. A influência da oralidade, contudo, ganha destaque, estando presente na maior parte das apropriações românicas apresentadas, na ocorrência da elaboração de frases em alemão a partir de expressões idiomáticas brasileiras e nas raras, mas marcantes, situações de alternância de código ao nível da frase.

Por fim, cabe destacar como as mudanças linguísticas e culturais observadas nas cartas estão diretamente relacionadas aos períodos históricos analisados, refletindo as mudanças na dinâmica de interação entre as comunidades teuto-brasileiras e a sociedade brasileira em geral. A partir de meados do século XIX, o suporte institucional oferecido por escolas, igrejas e pela imprensa teuto-brasileira contribuiu para a manutenção do alemão no meio escrito, o que resultou em uma estrutura gramatical aparentemente bem estabelecida e resistente, evidente até mesmo nas classes de romanismos encontradas, além de um estilo mais próximo do padrão. No entanto, observou-se uma tendência crescente à flexibilidade e permissividade, manifesta principalmente pela influência da oralidade. Essa influência não se limitou ao português, como já mencionado, mas também se refletiu em marcas dialetais.

As medidas de assimilação implementadas no início da República marcaram o início de uma maior difusão do português entre as comunidades teuto-brasileiras. No entanto, foi durante o período do Estado Novo, como já esperado e evidenciado aqui, que ocorreu uma ruptura decisiva na escrita em alemão. Essa ruptura se manifestou na rápida substituição da língua-teto (Gráfico 1), um processo que se iniciou na década de 1930, mas que se intensificou na década de 1940. Além disso, a dispersão observada na topodinâmica (Figura 11), refletida nos topônimos, também ilustra as mudanças históricas; de forma análoga, a escolha dos prenomes ao longo dos três períodos revela culturalmente a tentativa das comunidades de encontrar um

equilíbrio identitário, refletindo as complexas interações entre o desejo de preservar a herança cultural e as exigências da adaptação à sociedade maior. O comportamento que as duas variáveis dos gráficos 8 e 9 – <grafia de milho> e <grafia do ditongo nasal [ẽũ]> – apresentam sinaliza também os efeitos da proibição do alemão em meio à política de nacionalização e sua substituição como língua de instrução no meio.

A mudança linguística no meio escrito evidenciada aqui demonstra como as comunidades teuto-brasileiras negociaram sua identidade sociolinguística em um contexto de adaptação ao Brasil, mantendo traços de suas origens germânicas enquanto abraçavam a integração com a nova realidade linguística e social em que se encontravam. Mas, acima de tudo, os dados identificados aqui revelam como a língua se apresenta como um elemento fundamental para a compreensão não apenas das questões linguísticas em si, o que já se pressupõe, mas também das dimensões históricas que as moldam e por ela são moldadas, funcionando como um espelho das transformações culturais, sociais e políticas ao longo do tempo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista todos os aspectos, conceitos e dados analisados ao longo deste estudo, tenciona-se agora uma reflexão final a partir dos objetivos estabelecidos e das hipóteses testadas, articulando com isso as observações e análises feitas ao longo do estudo.

Primeiramente, quanto aos objetivos, entende-se que eles foram amplamente alcançados. Foi analisada de forma consideravelmente abrangente a influência do português na configuração e mudança do alemão no eixo da diacronia (tempo real). Foram também identificadas macrotendências da presença do português na variedade do alemão nas cartas manuscritas dos diferentes períodos, entre elas a incorporação progressiva de vocábulos relacionados ao contexto geográfico, econômico e sociocultural brasileiro; a apropriação de elementos linguísticos socioafetivos e idiomáticos; a influência da oralidade; mudanças grafemáticas, diversos fatores que refletem uma maior familiaridade com a língua portuguesa e com as dinâmicas identitárias das comunidades teuto-brasileiras ao longo dos períodos históricos analisados. Ainda, considera-se que a proposta de uma análise que trate como complementares a história interna e externa da língua foi bem sucedida, oferecendo uma visão abrangente e integrada das dinâmicas linguísticas, permitindo uma compreensão mais profunda das influências sociais, culturais e históricas na formação e evolução da língua. Por fim, as vias de entrada do português na escrituralidade do alemão, em sua relação com a oralidade e o contato alemão-português, foram minuciosamente analisadas, com uma seleção bastante rica de dados e exemplos.

O presente estudo revelou-se altamente produtivo ao viabilizar o uso das cartas privadas não apenas como objeto de estudo histórico, como é o costume, mas também linguístico. Esse enfoque permitiu demonstrar como ambas essas áreas podem atuar de forma complementar, enriquecendo o entendimento da história da imigração e da língua alemã no Brasil. Além disso, a pesquisa contribui significativamente para os avanços em direção a mais uma publicação do valioso acervo do ALMA-Histórico. Contudo, ainda existem lacunas a serem preenchidas, como a necessidade de transliterar mais cartas, especialmente do último período, de forma a garantir que os dados obtidos sejam mais representativos.

Ainda, procurou-se deixar claro que o objetivo aqui foi oferecer, dentro do que é possível para uma dissertação de mestrado de dois anos, uma visão geral, diacrônica e representativa da apropriação do português no alemão escrito, a partir do contato entre o alemão e o português no Brasil. Sabendo disso, cada tópico de análise abordado neste estudo pode e deve ser aprofundado em pesquisas futuras. Um exemplo, ao lado das inúmeras frentes de

pesquisa do ALMA, é o projeto TALERS (Toponímia Alemã no Rio Grande do Sul). Esse projeto mostra grande relevância para o estudo mais aprofundado dos topônimos, assim como teses e dissertações em andamento e por vir. Quanto à questão da romanização, a tese de Almeida (2022), que estudou a hispanização do guarani em manuscritos das reduções jesuíticas, apresenta viés metodológico muito produtivo para aplicações em demais trabalhos semelhantes; e espera-se que os dados disponibilizados nos anexos desta dissertação também possam servir como subsídio para ajudar na busca de excelência para este campo de pesquisa, em uma perspectiva interdisciplinar, tanto na Linguística como na História e em outras disciplinas afins.

Como última consideração, cabe discorrer sobre a importância da presente dissertação para sua autora. Mais do que simplesmente uma exigência formal, este trabalho representa o final de um ciclo de dois anos de dedicação aos Estudos da Linguagem e à Sociolinguística e mais uma etapa no envolvimento da autora com o projeto ALMA-H, do qual ela já é membro há quatro anos. Destaca-se a importância do grupo de pesquisa e da cooperação internacional para a concretização deste estudo, sobretudo em uma área de pesquisa que tem um pé na Germanística e outro na Romanística.

Não menos importante, ressalta-se que esta dissertação é um reflexo de uma caminhada marcada pelo esforço, pela curiosidade intelectual e pelo compromisso em compreender a complexidade da linguagem, dos contatos entre as línguas e da diversidade linguística. Este estudo não apenas sintetiza aprendizados acumulados, mas também lança sementes para sua continuidade e contribuição no campo da Sociolinguística Contatual. Reafirma-se a convicção da autora de que a pesquisa acadêmica, em especial partindo da universidade pública, é uma construção contínua e repleta de desafios, mas sempre guiada pelo desejo de ser acessível, inclusiva e visando garantir o lugar brasileiro de referência em conhecimento e produção científica.

REFERÊNCIAS

- ABTAHIAN, Maya Ravindranath. Language shift. In: DARQUENNES, Jeroen; SALMONS, Joseph C.; VANDENBUSSCHE, Wim (org.). *Language Contact: an international handbook*. Berlin/Boston: de Gruyter, 2019. p. 441-454.
- ALHEIT, Peter. Migration und Biographie: historische Aspekte einer spannungsreichen Beziehung / Migração e biografia: aspectos históricos de um relacionamento emocionante. In: REINHEIMER, Dalva Neraci; RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz; WITT, Marcos Antônio. *Migrações: narrativas autobiográficas, literárias e patrimoniais*. São Leopoldo: Oikos, Ed. Unisinos, 2020. p. 61-98.
- ALMEIDA, Maria Liz Benitez. *A hispanização do guarani em manuscritos das reduções jesuíticas no período entre 1768 e 1831*. 2022. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Porto Alegre, 2022.
- ALTENHOFEN, Cléo V. O conceito de língua materna e suas implicações para o estudo do bilingüismo (alemão-português). *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002.
- ALTENHOFEN, Cléo V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesisch*. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1996.
- ALTENHOFEN, Cléo V. “Ideias para prolongar o uso de uma língua minoritária”: a dimensão educacional e política da manutenção e revitalização linguística. In: LOREGIAN-PENKAL, Loremi; PINEZI, Gabriel (org.). *Línguas minoritárias e literaturas menores*. Campinas: Pontes Editores, 2024. p. 17-47.
- ALTENHOFEN, Cléo V. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. *Revista de Letras Norte@mentos*, Sinop, v. 12, n. 2, p. 19-43, 2013.
- ALTENHOFEN Cléo V. Política lingüística, mitos e concepções lingüísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. *Revista Internacional de Linguística Iberoamericana*, v. 2, n. 1, p. 83-93, 2004.
- ALTENHOFEN, Cléo V. Quantas línguas são faladas hoje no mundo? In: OTHERO, Gabriel de Ávila; FLORES, Valdir do Nascimento (org.). *O que sabemos sobre a linguagem: 51 perguntas e respostas sobre a linguagem humana*. São Paulo: Parábola, 2022. p. 53-58.
- ALTENHOFEN, Cléo V. Standard und substandard bei den hunsrückern in brasilien: variation und dachsprachenwechsel des deutschen im kontakt mit dem portugiesischen. In: LENZ, Alexandra N.; RITT, Nikolaus (org.). *German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung*. Göttingen: V & R-326-unipress; Vienna University Press, 2016. p. 103-129.
- ALTENHOFEN, Cléo V. Stützung des Spracherhalts bei deutschsprachigen Minderheiten: Brasilien. In: AMMON, Ulrich; SCHMIDT, Gabriele (ed.). *Förderung der deutschen Sprache*

weltweit. Vorschläge, Ansätze und Konzepte. Berlin: De Gruyter, 2019. p. 531-552.

ALTENHOFEN, Cléo V.; MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (org.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 289-315.

ALTENHOFEN, Cléo V.; MELLO, Amanda Timmen A vitalidade de marcas linguísticas do alemão (Hunsrückisch) em relação à dominância do português em contato no Brasil e na Bacia do Prata. *Contingentia*, Porto Alegre, v. 12, p. 22-47, jan.-jun. 2024.

ALTENHOFEN, Cléo V.; MORELLO, Rosângela *et al.* *Hunsrückisch*: inventário de uma língua do Brasil. Florianópolis: Garapuvu, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/194384>. Acesso em: 26 jan. 2024.

ALTENHOFEN, Cléo V.; NEUMANN, Gerson. Memórias da Guerra do Paraguai: oralidade, literariedade e escrituralidade no contexto da imigração alemã no Brasil. In: STEFFEN, Joachim; THUN, Harald; ZAISER, Rainer (coord.). *Classes populaires, scripturalité et histoire de la langue. Un bilan interdisciplinaire*. Kiel : Westensee-Verlag, 2018. p. 397-445. (Dialectologia pluridimensionalis Romanica; 17).

ALTENHOFEN, Cléo V.; OLIVEIRA, Gilvan Müller. O in vitro e o in vivo na política da diversidade linguística do Brasil: inserção e exclusão do plurilingüismo na educação e na sociedade. In: Mello, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (org.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 187-216.

ALTENHOFEN, Cléo V.; THUN, Harald. A migração e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil e Bacia do Prata. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira. *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Eduel, 2016. p. 371-392.

ALTENHOFEN, Cléo V.; STEFFEN, Joachim; THUN, Harald. *Cartas de imigrantes de fala alemã*: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil. São Leopoldo: Oikos, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/194388>. Acesso em: 26 abr. 2022.

ALVES, Débora Bendocchi. Cartas de imigrantes como fonte para o historiador: Rio de Janeiro – Turíngia (1852-1853). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 155-184, 2003.

ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; ALMEIDA, Telma Cristina; ABREU, Ricardo Nascimento. Políticas e contatos linguísticos: questões para pesquisas no Brasil. *A Cor das Letras*, Feira de Santana, v. 21, n. 1, p. 9-38, janeiro-abril de 2020.

BACKUS, Ad. A usage-based approach to code-switching: The need for reconciling structure and function. In: STELL, Gerald; YAKPO, Kofi (eds.) *Code-switching between structural and sociolinguistic perspectives*. Berlin/New York: De Gruyter Mouton, v. 43, p. 19-37, 2015.

BAUNE, Wilhelm; REIFFENSTEIN, Ingo. *Althochdeutsche Grammatik*. Tübingen: Niemeyer, 2004.

BECKER, Klaus. *Alemães e descendentes do Rio Grande do Sul na Guerra do Paraguai*. Canoas: Editora Hilgert, 1968.

BELLMANN, Günter. *Slavoteutonica. Lexikalische Untersuchungen zum slawisch-deutschen Sprachkontakt im Ostmitteleutschen*. Berlin: de Gruyter, 1971.

BESCH, Werner; WOLF, Norbert Richard. *Geschichte der deutschen Sprache: Längsschnitte – Zeitstufen – Linguistische Studien*. Berlin: Erich Schmidt, 2009. (Grundlagen der Germanistik, v. 47).

BETZ, Werner. *Deutsch und Lateinisch: die Lehnbildungen der althochdeutschen Benediktinerregel*. 2. ed. Bonn: H. Bouvier U. Co. Verlag, 1965.

BIEHL, João; MÜGGE, Miquéias. *Verlorene Schriften: Leben und Werk eines rebellischen Einwanderers – Johann Georg Klein (1822-1915)*. São Leopoldo: Oikos, 2022.

BILINGUISMO no Rio Grande do Sul (BIRS). *ALMA-H*, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/projalma/birs-bilinguismo-no-rs/>. Acesso em: 8 abr. 2024.

BISOL, Leda; MENOR, Odete Pereira da Silva; TASCA, Maria. VARSUL, um banco de dados. *Projeto VARSUL*, Porto Alegre, 2008. Disponível em: https://www.varsul.org.br/historico.php?_lng=br. Acesso em: 8 abr. 2024.

BOSSMANN, Reinhold. Zur deutsch-brasilianischen Mischsprache. *Revista Letras*, Curitiba, v. 1, 1953. p. 96-115.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. *Diário Oficial da União*: Brasília, DF, p. 1, 5 out. 1988. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 8 abr. 2024.

BRENZINGER, Matthias. Language Maintenance. In: DARQUENNES, J.; SALMONS, J.; VANDENBUSSCHE, W. *Language Contact: an international handbook*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2019. (Handbook of Linguistics and Communication Science, 45.1 v.).

BRUNN, Gerhard. *Deutschland und Brasilien (1889-1914)*. Köln: Böhlau Verlag, 1971.

BUNSE, Heinrich A. V. Colonização e Língua. In: SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 4., Porto Alegre, 1967. *Anais [...]*. São Paulo: ANPUH, 1969.

CAMARGO, Maria Rosa R. Martins de. *Cartas e escrita: práticas culturais, linguagem e tessitura da amizade*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CENTRE NATIONAL DE RESSOURCES TEXTUELLES ET LEXICALES (CNRTL). Plantage, subst. masc. *Ortolang*, Nancy, 2012. Disponível em: <https://www.cnrtl.fr/definition/plantage/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

COMMISSION OF THE EUROPEAN COMMUNITIES. *Final Report: high level group on multilingualism*. Luxemburgo: EU, 2007.

- COSERIU, Eugenio. *Gramática, semántica y universales*. Madrid: Gredos, 1978.
- COSERIU, Eugenio. “Língua Histórica” e “Dialeto”. Trad. Carolina Grimm. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 40, p. 9-27, jan./jun. 2017.
- COULMAS, Florian. *Sociolinguistics: the study of speakers’ choices*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- COUTO, Hildo Honório. *Linguística, ecologia e ecolinguística*. São Paulo: Contexto, 2009.
- DEUTSCHLAND FORSCHUNGSGEMEINSCHAFT (DFG) (1763). Universitäts- und Landesbibliothek Sachsen-Anhalt. *Königlich-Preußisches General-Land-Schul-Reglement, wie solches in allen Landen Seiner Königlichen Majestät von Preussen durchgehends zu beobachten*. Magdeburg: Hechtel, 1763. Disponível em: <https://digitale.bibliothek.uni-halle.de/vd18/content/titleinfo/5437782>. Acesso em: 2 fev. 2024.
- DORION, Henri; POIRIER, Jean. *Lexique des Termes Utiles à L’Étude des Noms de Lieux*. Québec: Les Presses de L’Université Laval, 1975.
- DREHER, Martin N. *190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul: esquecimentos e lembranças*. 2.ed. São Leopoldo: Oikos, 2014. 248 p.
- DREHER, Martin N. *Breve história do ensino privado gaúcho*. São Leopoldo: Oikos, 2008.
- Dreher, Martin N. *Degredados de Mecklenburg-Schwerin e os primórdios da imigração alemã no Brasil = Sträflinge aus Mecklenburg-Schwerin und die Anfänge deutscher Einwanderung in Brasilien*. Edição bilíngue português/alemão. São Leopoldo: Oikos, 2010.
- DÜCK, Elvine Siemens. *Vitalidade linguística do Plautdietsch em contato com variedades standard faladas em comunidades menonitas no Brasil*. 2011. 335 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2011.
- ELSPASS, Stephan. *Sprachgeschichte von unten. Untersuchungen zum geschriebenen Alltagsdeutsch im 19. Jahrhundert*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2005. (Germanistische Linguistik).
- FARACO, Carlos Alberto. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005.
- FAUSEL, Erich. *Die deutschbrasilianische Sprachmischung. Probleme, Vorgang und Wortbestand*. Berlin: Schmidt, 1959.
- FERGUSON, Charles. Diglossia. *Word*, [s. l.], v. 15, p. 325-340, 1959.

FISHMAN, Joshua. Language maintenance and language shift as a field of inquiry: a definition of the field and suggestions for its further development. *Linguistics*, n. 2, v. 9, p. 32-70, 1964.

FISHMAN, Joshua. *Reversing Language Shift: theoretical and empirical foundations of assistance to threatened languages*. Clevedon: Multilingual Matters, 1991.

FISHMAN, Joshua. Language maintenance, language shift, and reversing language shift. In: BHATIA, Tej K.; RITCHIE, William C. (org.). *The handbook of bilingualism*. Malden; Oxford: Blackwell, 2006. p. 406-436.

FREITAG, Raquel; SAVEDRA, Mônica. Contatos, Mobilidades e Línguas no Brasil. In: FREITAG, Raquel; SAVEDRA, Mônica (org.). *Mobilidades e Contatos Linguísticos no Brasil*. São Paulo: Blucher, 2023. p. 13-26.

FRINGS, Theodor. *Sprache und Geschichte: Teil 1-3*. Halle (Saale): Niemeyer, 1956.

GARCÍA, Ofelia. *Bilingual education in the 21st century: a global perspective*. Malden: Wiley-Blackwell, 2009.

GÄRTNER, Kurt. Lehnübersetzung und Lehnbedeutung vs. Lehnwort: Zu den Entlehnungen aus dem Lateinischen und Französischen in das mittelalterliche Deutsch. In: BRAAVIG, Jens; GELLER, Markham J. (ed.). *Studies in Multilingualism, Lingua Franca and Lingua Sacra*. Berlin: Pro Business, 2018. p. 93-114. (Max Planck Research Library for the History and Development of Knowledge, v. 10).

GERTZ, René E. Verdades e dúvidas em relação a nazismo e neonazismo no Brasil. In: MONSMA, Karl (org.). *Passado e presente de imigrantes alemães e descendentes no Brasil: historiografia, representações, atividades econômicas, participação política, religião e identidades*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2022. p. 255-288.

GERTZ, René E. Imprensa e Imigração Alemã. In: DREHER, Martin N.; RAMBO, Arthur Blásio; TRAMONTINI, Marcos Justo. *Imigração & Imprensa*. Porto Alegre: EST; São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004. p. 100-122.

GERTZ, René E. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1991. (Síntese rio-grandense; v. 5).

GEWEHR-BORELLA, Sabrina. *A influência da fala bilíngue hunsrückisch-português brasileiro na escrita de crianças brasileiras em séries iniciais*. 2010. 205 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2010.

GROSJEAN, François. Neurolinguists, Beware! The Bilingual is not two monolinguals in one person. *Brain and Language*, [s. l.], v. 36, n. 1, p. 3-15, 1989.

HABEL, Jussara Maria. *“Das böhmische deutsch”*: perda e coineização de variantes do alemão de imigrantes boêmios no Rio Grande do Sul. 2017. 156 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017a.

HABEL, Jussara Maria. *O contínuo standard-substandard no contato entre hunsriqueanos, pomeranos e boêmios em Nova Petrópolis no sul do Brasil*. 2022. Tese (Doutorado) em andamento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/238251>. Acesso em: 21 maio 2024.

HABEL, Jussara. Os nomes do Hunsrückisch: aspectos linguísticos e extralinguísticos da denominação de línguas de imigração. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 314-330, ago./dez. 2017b.

HAUGEN, Einar. The Analysis of Linguistic Borrowing. *Language*, Washington, DC, v. 26, n. 2, p. 210-231, abr.-jun. 1950.

HEYE, Jürgen. Brasildeutsch, or Diglossia Revisited. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF APPLIED LINGUISTICS, 6., Lund, 1981. *Anais [...]*. Zurique: AILA, 1981. p. 497-498.

HORST, Aline. *Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari*. 2014. 231 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2014.

HORST, Cristiane. “Quando o Heinrich casa com Iracema, a Urmutter vira Bisa”: a dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil. Kiel: Westensee Verlag, 2011.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL: Inventário Nacional da Diversidade Linguística – vol. 1, patrimônio cultural e diversidade linguística*. Brasília: IPHAN, 2014a.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL: Inventário Nacional da Diversidade Linguística – vol. 2, formulário e roteiro de pesquisa*. Brasília: IPHAN, 2014b.

INVENTÁRIO Nacional da Diversidade Linguística (INDL). IPHAN, Brasília, DF, 2014. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/140#:~:text=O%20Invent%C3%A1rio%20Nacional%20da%20Diversidade,a%C3%A7%C3%B5es%20de%20apoio%20e%20fomento>. Acesso em: 8 abr. 2024.

KLOSS, Heinz. Abstandsprachen und Ausbausprachen. In: GÖSCHEL, Joachim; NAIL, Norbert; VAN DER ELST, Gaston (org.). *Zur Theorie des Dialekts. Aufsätze aus 100 Jahren Forschung mit biographischen Anmerkungen zu den Autoren*. Wiesbaden: Steiner, 1976. p. 301-322. (*Zeitschrift für Dialektologie und Linguistik*, v. 16).

KLOSS, Heinz. Spracherhaltung. *Archiv für Politik und Geschichte*, n. 8, p. 456-462, 1927.

KOCH, Walter. O Brasil, sua terra e sua gente, nos contos do Koseritz' deutscher Volkskalender für die Provinz Rio Grande do Sul (1874-1890). In: I COLÓQUIO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS, 1., 1964, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: UFRGS, 1964a. p. 203-216.

- KOCH, Walter. *Falares alemães no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1974a.
- KOCH, Walter. Gegenwärtiger Stand der deutschen Sprache im brasilianischen Gliedstaat Rio Grande do Sul. In: ENGEL, Ulrich; VOGEL, Irmgard (ed.). *Deutsch in der Begegnung mit anderen Sprachen. Beiträge zur Soziologie der Sprachen*. Mannheim: Institut für deutsche Sprache; Tübingen: Narr, 1974b. p. 79-117. (Forschungsberichte; v. 20).
- KOCH, Walter. *Der Kolonist im Spiegel der Erzählungen des Koseritz-Kalenders (Versuch einer Deutung)*. Porto Alegre: Meridional „EMMA“, 1964b.
- KOCH, Walter. Neuere Untersuchungen über die deutsche Sprache in Rio Grande do Sul. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE ESTUDOS GERMANÍSTICOS, 4., São Paulo, 1973. *Anais* [...]. São Paulo: ALEG, 1974c. p. 143-161.
- KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo. Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas fonéticas e morfossintática. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011a.
- KOCH, Walter; ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo. Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS: cartas semântico-lexicais. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, 2011b.
- KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. Linguagem da imediatez—linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua. *Linha d'Água*, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 153-174, 2013.
- KOCKA, Jürgen. *Das lange 19. Jahrhundert: Arbeit, Nation und bürgerliche Gesellschaft*. 10. ed. Stuttgart: Klett-Cotta, 2001. (Handbuch der deutschen Geschichte, v. 13).
- KUDER, Manfred. Die deutschbrasilianische Literatur und das Bodenständigkeitsgefühl der deutschen Volksgruppe in Brasilien: eine literaturgeschichtliche und volkstumkundliche Untersuchung. *Ibero-amerikanisches Archiv*, v. 10, n. 4, p. 394-494, 1936/37.
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Cambridge: Blackwall Publishers, 1994.
- LANSCHAFTSVERBAND RHEINLAND (LVR). Institut für Landeskunde und Regionalgeschichte. Rheinischer Fächer | Sprache im Rheinland. *Dat Portal*, Bonn, [2024]. Disponível em: <https://dat-portal.lvr.de/orte/dialektkarten/einteilungskarten/rheinischer-faecher>. Acesso em: 6 fev. 2024.
- LEE, Everett S. A Theory of Migration. *Demography*, Durham, v. 3, n. 1, p. 47-57, 1 mar. 1966.
- LUCCHESI, Dante. A Teoria da Variação Linguística: um balanço crítico. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 793-805, maio-ago. 2012.
- MACHADO, Lucas Löff. *Standard e substandard do alemão em contato com o português: variação na competência de fala em hochdeutsch de falantes de hunsrückisch*. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do

- Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/139447>. Acesso em: 29 out. 2024.
- MAPA [ALMA-H] Cling_Matrix. *Atlas Linguístico Etnográfico das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA-H)*, Porto Alegre, 2024. 1 arquivo Excel.
- MATRAS, Yaron. Borrowing. In: DARQUENNES, J.; SALMONS, J.; VANDENBUSSCHE, W. *Language Contact: an international handbook*. Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2019. (Handbook of Linguistics and Communication Science, 45.1 v.).
- MATRAS, Yaron. *Language contact*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.
- MELLO, Amanda Timmen. *A língua de imigração à sombra da língua oficial: entre a dominância do português e a vitalidade do Hunsrückisch*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/241863>. Acesso em: 25 maio 2024.
- MEURER, Marcia. *O português de migrantes sulistas no nordeste do Brasil: variação e mudança de marcas regionais no contato intervareietal*. 2022. 344 f. Tese (Doutorado) em andamento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2022.
- MUNSKE, Horst Haider. Fremdwörter in deutscher Sprachgeschichte: Integration oder Stigmatisierung? In: STICKEL, Gerhard (ed.). *Neues und Fremdes im deutschen Wortschatz: aktueller lexikalischer Wandel*. Berlin: De Gruyter, 2001. p. 7-29.
- MUYSKEN, Pieter. *Bilingual Speech: a typology of code-mixing*. Cambridge: CUP, 2000.
- NÜBLING, Damaris et al. *Historische Sprachwissenschaft des Deutschen. Eine Einführung in die Prinzipien des Sprachwandels*. Tübingen: Narr Francke, 2013.
- OBERACKER JR., Carlos H. Transformações da língua alemã no Brasil. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 1-36, jun. 1957.
- ODLIN, Terence. *Language Transfer*. New York: Cambridge University Press, 1989.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (UNESCO). *Vitalité et disparition des langues: groupe d'experts spécial de l'UNESCO sur les langues en danger*. Paris : UNESCO, 2003. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000183699_fre. Acesso em: 28 ago. 2023.
- PAVAN, Claudia Fernanda Wolff. *Processos tradutórios na variação e mudança do Hunsrückisch em contato com o português brasileiro*. 2023. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2023.
- PEITZ, Christiane. „Die andere Heimat“ Regisseur Edgar Reitz: „Wer lesen konnte, wollte weg“. *Tagesspiegel*, Berlim, 30 set. 2013. Disponível em: <https://www.tagesspiegel.de/kultur/die-andere-heimat-regisseur-edgar-reitz-wer-lesen-konnte-wollte-weg/8868846.html>. Acesso em: 13 jan. 2024.

- POPLACK, Shana; SANKOFF, David; MILLER, Christopher. The social correlates and linguistics processes of lexical borrowing and assimilation. *Linguistics*, n. 26, p. 47-106, 1988.
- POST, Rudolf. *Romanische Entlehnungen in den westmitteldeutschen Mundarten: diatopische, diachrone und diastratische Untersuchungen zur sprachlichen Interferenz am Beispiel des landwirtschaftlichen Sachwortschatzes*. Wiesbaden: Steiner, 1982. (Mainzer Studien zur Sprach- und Volksforschung; v. 6).
- PREDIGER, Angélica. *Topodinâmica do alemão falado em comunidades de imigração do norte da Boêmia no Brasil*. 2019. 221 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2019.
- PÜTZ, Martin. Sprachrepertoire. In: AMMON, Ulrich et al. (ed.). *Sociolinguistics/Soziolinguistik: an international handbook of the science of language and society/ein internationales Handbuch zur Wissenschaft von Sprache und Gesellschaft*. Berlin: de Gruyter, 2004. (Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science [HSK], v. 1).
- RADKTE, Edgar; THUN, Harald. Novos caminhos na geolingüística românica: um balanço. Traduzido por Minka B. Pickbrenner e Rita Dolores Wolf. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 5, p. 31-51, 1999.
- RIEHL, Claudia Maria. Besondere Wörter I: Lehnwörter, Neu-Wörter. In: Haß, Ulrike; STORJOHANN, Petra (org.). *Handbuch Wort und Wortschatz*. Berlin: de Gruyter, 2015. p. 344-345. (Handbücher Sprachwissen, v. 3).
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969.
- ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995.
- ROMAINE, Suzanne. The Bilingual and Multilingual Community. In: BHATIA, Tej J.; RITCHIE, William C. (ed.). *The Handbook of Bilingualism and Multilingualism*. 2. ed. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2013.
- ROSENBERG, Peter. Lateinamerika. In: PLEWINA, Albrecht; RIEHL, Claudia Maria (ed.). *Handbuch der deutschen Sprachminderheiten in Übersee*. Tübingen: Narr Francke Attempto, 2018. p. 195-244.
- SANT'ANA, Elma. *Minha amada Maria: cartas dos mucker*. Canoas: ULBRA, 2004.
- SAVEDRA, Mônica et al. Estudos em Sociolinguística de Contato no Brasil: a diversidade etnolinguística em debate. *Cadernos de Linguística*, São Paulo, v. 2, n. 1, e315, 2021.
- SCHAPELLE, Benjamin Franklin. *The German element in Brazil: colonies and dialect*. Filadélfia: Americana Germanica Press, 1917.
- SCHMIDT, Jürgen Erich. Deutsch – Huhdoitsch – Hochdeutsch: uma tentativa de resgate do Hochdeutsch brasileiro. Trad. Cléo V. Altenhofen, Júlia Regina Köcherst Fussieger e Willian

Radnüz. In: ALTENHOFEN, Cléo V. et al. (org.). *Die „Mottersproch“ in der Vielfalt des Deutschen / A língua materna na diversidade do alemão*. Porto Alegre: Fundação Fênix, 2024. p. 77-82. (Série Humanidades e Interdisciplinaridade, v. 1).

SCHMIDT, Jürgen Erich. A língua alemã standard: uma variedade – três normas de oralização. Tradução de Lucas Löff Machado. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 40, jan./jun. 2017.

SCHMIDT, Jürgen Erich; HERRGEN, Joachim. *Sprachdynamik: Eine Einführung in die moderne Regionalsprachenforschung*. Berlin: Erich Schmidt Verlag, 2011.

SCHNEIDER, Edgar. Investigating Historical Variation and Change in Written Documents. In: Chambers, Jack; SCHILLING, Natalie (org.). *The Handbook of Language Variation and Change*. 2. ed. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 57-81.

SCHREINER, Mônica. *Cartas privadas como fonte de dados para a análise diacrônica do alemão em contato com o português*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

SCHULZE, Frederik. *Auswanderung als nationalistisches Projekt: ‚Deutschtum‘ und Kolonialdiskurse im südlichen Brasilien (1824–1941)*. Köln: Böhlau Verlag, 2016.

SCHUMANN, Roland. Loanwords in Old High German. In: HASPELMATH, Martin; TADMOR, Uri (ed.). *Loanwords in the World's Languages: A Comparative Handbook*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2009. p. 330-337.

SEYFERTH, Giralda. A assimilação dos imigrantes como questão nacional. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 95-131, 1997.

STEFFEN, Joachim. Aspectos históricos do contato lingüístico entre o alemão e o português no Sul do Brasil através de cartas antigas: interferências fonéticas no português dos imigrantes. *Revista de Letras Norte@mentos*, Cáceres, v. 12, n. 6, p. 66-86, 2013.

STEFFEN, Joachim. Einblicke in einen Sprachwechsel in Zeitlupe: Phasen des deutsch-portugiesischen Sprachkontakts in Südbrasilien in Briefen aus zwei Jahrhunderten. In: LENZ, Alexandra N.; RITT, Nikolaus (org.). *German Abroad: Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung*. Göttingen: V & R-326-unipress; Vienna University Press, 2016. p. 131-158.

STEFFEN, Joachim; ALTENHOFEN, Cléo V. Spracharchipele des Deutschen in Lateinamerika: Dynamik der Sprachnetzungen im mehrsprachigen Raum. In: ZEITSCHRIFT FÜR DIALEKTOLOGIE UND LINGUISTIK. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2014. p. 34-60.

STOLZ, Roger. *Cartas de Imigrantes*. Porto Alegre: Edições EST, 1997.

TAVARES DE BARROS, Fernando Hélio. De Frankenthal ao Badensertol: uma viagem pelos nomes alemães dos vales do Caí e seus afluentes, Rio Grande do Sul. *Onomástica desde América Latina*, Cascavel, v. 4, p. 1-31, jan./dez. 2023.

TAVARES DE BARROS, Fernando Hélio; MACHADO, Lucas Löff. O léxico toponímico da região de imigração alemã do Rio Grande do Sul: notas sobre a sua toponímia paralela. In: DORES, Marcus; CORDEIRO, Maryelle (org.). *Estudos do léxico: diferentes olhares e perspectivas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.

THOMASON, Sarah Grey. *Language Contact: an introduction*. Edinburgo: Edinburgh University Press, 2001.

THOMASON, Sarah Grey; KAUFMAN, Terrence. *Language Contact, Creolization and Genetic Linguistics*. Berkeley: University of California Press, 1988.

THUN, Harald. La geolinguística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMAN LINGUISTICS AND PHILOSOPHY, 21., Palermo, 1995. *Anais [...]*. Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729, 787-789.

THUN, Harald. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: Auer, Peter; Schmidt, Erich (ed.). *Language and space: an international handbook of linguistic variation*. Berlin: Walter de Gruyter, p. 706-723, 2010. p. 706-723. (Theories and Methods, v. 1).

THUN, Harald; WILKIN, René. A história que antecede a escrituralidade dos hunsriqueanos brasileiros: cartas do período napoleônico. In: ALTENHOFEN, Cléo V.; STEFFEN, Joachim; THUN, Harald. *Cartas de imigrantes de fala alemã: pontes de papel dos hunsriqueanos no Brasil*. São Leopoldo: Oikos, 2018. p. 31-46.

VAN COETSEM, Frans. *Loan Phonology and the Two Transfer Types in Language Contact*. Dordrecht: Foris, 1988.

VANDRESEN, Paulino. Contati linguistici in Brasile: tedesco, italiano e portoghese. In: INCONTRO ITALO-AUSTRIACO DEI LINGUISTI, 4., Vienna, 15-18 set. 1986. *Anais [...]*. Tübingen: Narr, 1987. p. 94-102.

VANDRESEN, Paulino. *Fonologia do Westfaliano de Rio Fortuna*. 1971. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1971.

VOGEL, Sara; GARCÍA, Ofélia. Translanguaging. In: NOBLIT, G. (ed.). *Oxford Research Encyclopedia of Education*. Oxford: Oxford University Press, 2017. Disponível em: <https://ofeliagarciadotorg.files.wordpress.com/2018/01/vogelgarciatrlng.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2024.

VON MÜHLEN, Fernanda. *Standard e Substandard na Variação do Vestfaliano e do Hunsriqueano em Contato no Vale do Taquari/RS*. Trabalho apresentado no VI Congresso Internaiconal de Dialectologia e Sociolinguística (CIDS), Campo Grande, 7 nov. 2022.

VON POLENZ, Peter. *Deutsche Sprachgeschichte vom Spätmittelalter bis zur Gegenwart. Band III: 19. und 20. Jahrhundert*. Berlin: de Gruyter, 1999.

WEINREICH, Uriel. *Languages in Contact: findings and problems*. 6. ed. New York: Mouton, 1968.

WEINREICH Uriel; LABOV William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para um teoria da mudança linguística*. Traduzido por Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

WENKER, Georg. *Das rheinische Platt. Den Lehrern des Rheinlandes gewidmet von Dr. G. Wenker*. Düsseldorf: edição de autor, 1877.

WERKHAUSEN, Rosane. O vestfaliano em contato com o português no sul do Brasil. In: FÓRUM INTERNACIONAL DA DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA, 1., 2008, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: Evangraf/Instituto de Letras (UFRGS), 2007. p. 496-505.

WIESINGER, Peter. Deutsche Dialektgebiete außerhalb des deutschen Sprachgebiets: Mittel-, Südost- und Osteuropa. In: BESCH, Werner; KNOOP, Ulrich; PUTSCHKE, Wolfgang; WIEGAND, Herbert E. (ed.). *Dialektologie. Ein Handbuch zur deutschen und allgemeinen Dialektforschung*. Berlin: de Gruyter, 1983. p. 900-929.

WILLEMS, Emílio. Acculturation and the horse complex among german-brazilians. *American Anthropologist*, Pasadena, v. 46, n. 2, p. 153-161, abr.-jun. 1944.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1946.

WINFORD, Donald. Contact and Borrowing. In: HICKEY, Raymond (ed.). *The handbook of language contact*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 170-187.

WINFORD, Donald. *An Introduction to Contact Linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing, 2003.

WOYCOWICZ, Lisa. Der Zerfall des Schriftdeutschen im Estado Novo? *Pandaemonium*, São Paulo, v. 21, n. 33, jan. abr. 2018, p. 88-112.

ZSCHOCKE, Reinhart. *Die Kulturlandschaft des Hunsrücks und seiner Randland-schaften in der Gegenwart und in ihrer historischen Entwicklung. Mit 34 Karten*. Wiesbaden: Steiner, 1970. (Kölner Geographische Arbeiten; v. 24).

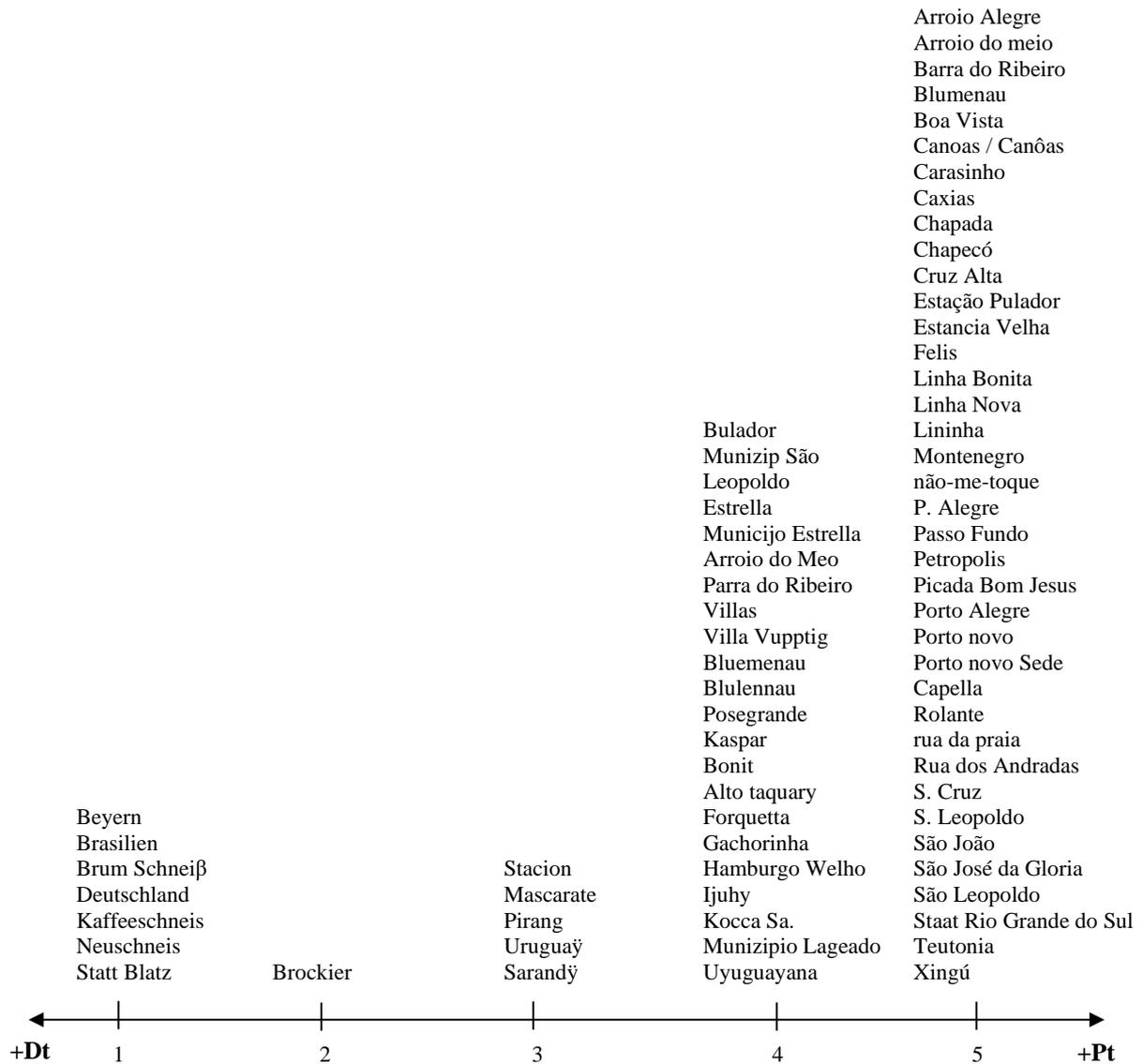
ANEXO A – Contínuos de romanização dos topônimos por período histórico

Primeiro período (1824-1889)

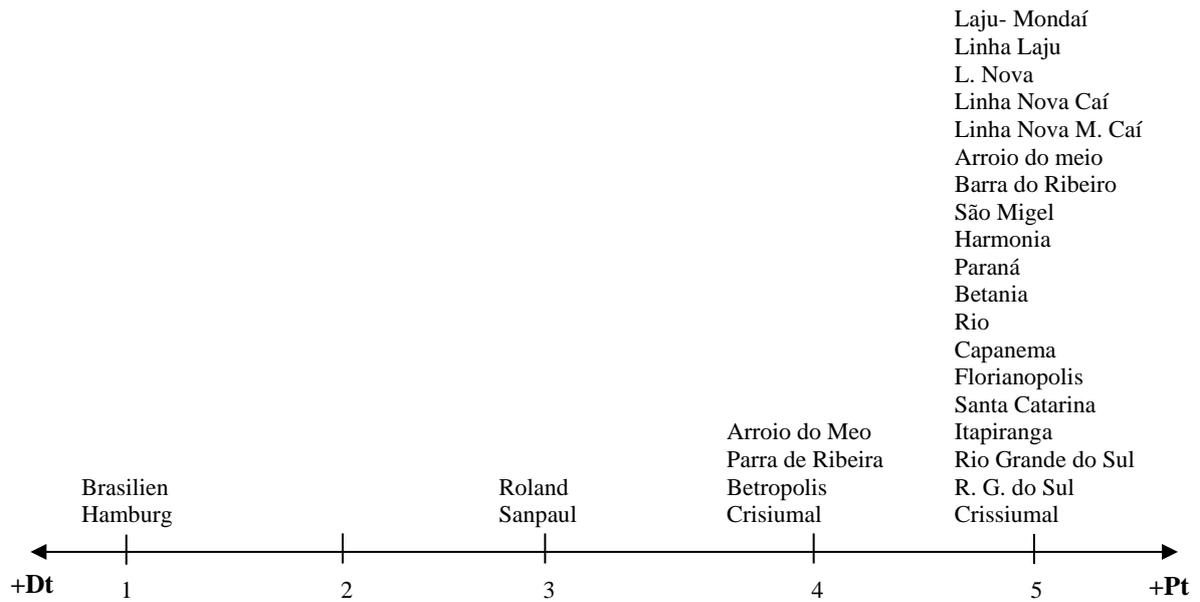
48 Kolonien				
atwe[r]ben				
Badenserthal				
Bingen				
Birkenfeld				
Bölgischen				
Brasilen				
Brasilien				
Deuchlad				
deuchland				
Deuschland				
deutschland				
Deutsche Collonie				
Deutschland			Arroe de Ouro	
Engelland			Bas so de a Rela	Brasil
Frakreich			Brasile	Brazil
Hamburg			Forto Curucu	Cachoeira
Hamburger Berg		Armasson	Leopolto	Caminho Novo
Holland		Armaßon	Mne Sibiu da Ca Joei Ra	Caxias
Kaiserreich		Colonie Sanct	Picade dos Irmãos	Cruz
Brasilien		Leopoldo	Picade Rio de Fiktoria	Lomba grande
Keisertum brasilien		di felise	Picado do Hortenssio	Município de São
Koblenz		Festung Crupatie	Pinial	Leopoldo
Kölln		Festung Curucu	Paragwai	P. Alegre
Köln		Flus Passo da Padria	Paraguwai	Passo da Cruz
Kreutznacht		Flus Urugwai	Porto Allegre	Picada Santa
Laibach		Kolonie Sanct	Portoalegro	Picada Santa Cruz
Lioner Hof		Leopoldo	Prorto Alegro	Porto
Mulfingen		Kolonie St. Leopoldo	Provinco de Rio Grand da	Porto Alegre
Neuen Stadt	Brasilgen	Munde nowo	Sul	Provincia Rio Grande
Niederlin[k]sweiler	Braßilgen	Paraguwaige	Provinzo de Praguey	St. Pedro do Sul
Oberdiebach am	Brassilljen	Paraguwais	S T Mar	Rio de Janeiro
Rhein	Deutscheitlant	Picada der 48ger	San BorJa	Rio Grande
Nordkautsch	Estant	Rienkon	Sanda Maria	Rio Grande do Sul
Stipshausen	in der Vielies	Riogrand	Santa Maria Bocode Monte	São Borchitto junto d
Oberstein	Kaiser thum	Riograte	Sante Maria	Parana
Sanct Katharinen	Brasilgen	Sanct Leopoldo	Saõ Leopoldo	S Leopoldo
Schwörin	Stansi	sant Leopoldo	Sao LeoPordo	S Maria
Wald Laubershein	Teuschland	Sante Krutze	Saõ Liopoldo	São Leopoldo
bey Bingen	Teutdsland	Speranga	St. Leopoldo	Teutonia



Segundo período (1890-1940)



Terceiro período (pós-1940)



ANEXO B – Contínuos de romanização dos prenomes por período histórico

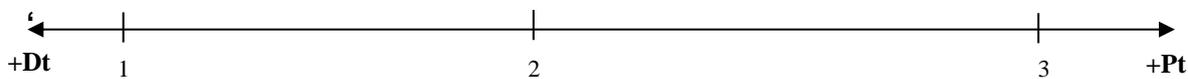
Primeiro período (1824-1889)

Adam		
Adolf		
Albert		
Alden		
Andreas		
Anton		
August		
Auguste		
Barth		
Bernhard		
Binchen		
Christian		
Christoph		
Clementine		
Lisette		
Elisabeth		
Elisabeh		
Erna		
Ernst		
Friderich		
Friedrich		
Philipp	amalie	
Franz	Emielie	
Fritz	Antreas	
Georg	Anna	
Gottfried	Anna Maria	
Grethchen	Carl	
Heinrich	Catharina	
Hans	Christiane	
Henriette	Claudius	
Jacob	Elisa	
Jakob	Lisabetha	
Johann	Fiderich	
Johannes	Filibe	
Karl	Filipp	
karel	Philibina	
Katharina	Gregorius	
Katerrienchen	Heinrich Petro	
Konrad	Jabob	
Louise	Jacobus	
Lotchen	Josepfine	
Maria Katharina	Karoline	
Marie	Lina	
Michael	Luise	
Michaelis	Magdalena	
Miedach	Margaride	Carlos
Minchen	marggrat	Caroline
Nikolaus	Maria	Cristiane
Orner	Martini	Genral Calpeias
Peter	Mathias	Genral Flores
Robert	Michel	Guilherme Jr.
Robinson	Nicolaus	Henrico
Rolf	Rralff	João
Sophie	Ruthtol	Luisa
Thomehs	Rutolf	loisa
Valentin	Sigud	Lucio
Wilchen	Sophia	Luis
Wilhelm	Wilhelmina	Luis Pemento

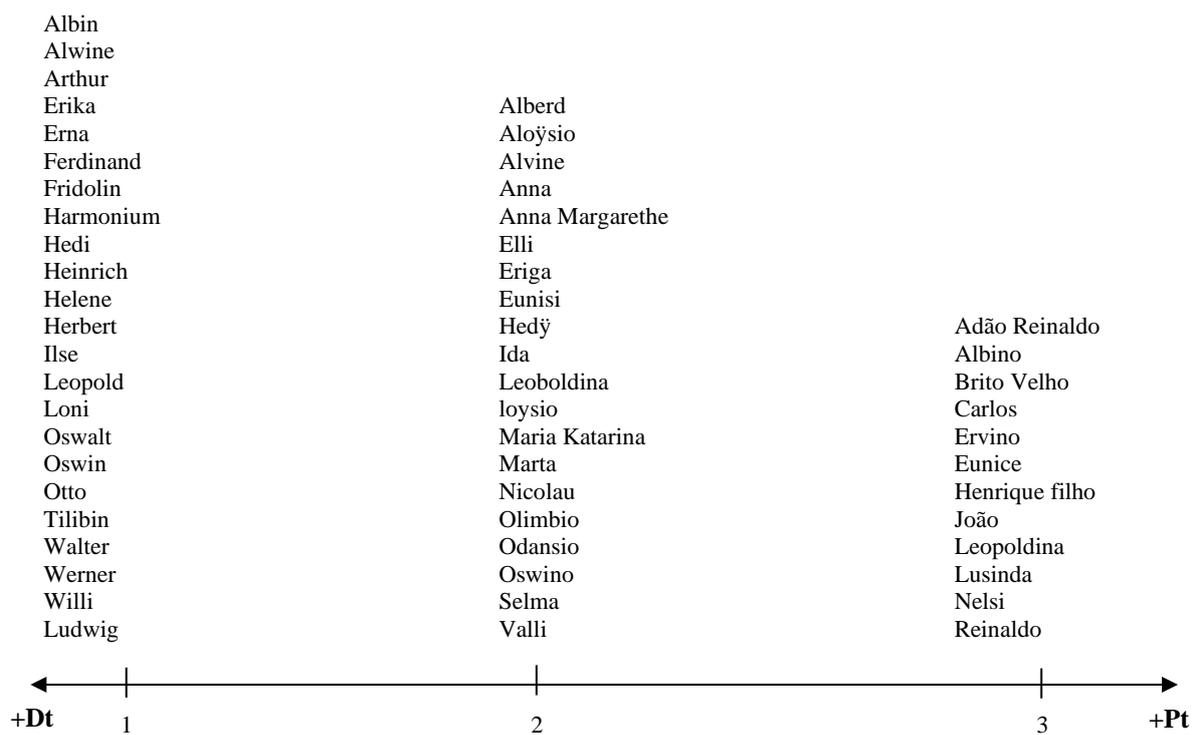
A horizontal timeline diagram with arrows at both ends. The left end is labeled '+Dt' and the right end is labeled '+Pt'. There are three vertical tick marks along the line, labeled '1', '2', and '3' from left to right.

Segundo período (1890-1940)

Adam		
Albin		
Alfons		
Arnhold		
Bärtha		
Clementine		
Christoff		
Dahmer		
Edgar		
Edward		Abramo
Edwin		Adolfo
Elly		Albino
Elisabethe		Ana Maria
Elesabätha		Antonico
Emma		Antonio
Erna		Arlindo
Ferdinand		Armindo
Fridchen	Alda	Avelino
Friedrich	Alfret	Balduino
Gerhart	Allila	Berta
Gustav	Alma	Bertinho
Hanna	Anna	Carlos
Heinrich	Annita	Carolina
Herlga	Bertha	Caspinha
Helma	Benno	Cecilia
Herrmann	Casper	Chinguinha
Hilda	Cristian	Eduardo
Jacob	Etwin	Ela
Johann	Ella	Elvira
Joseph	Elesabeta	Eugenia
Katharina	Elisabetha	Idalina
Kurt	Elsa	Iracema
Lene	Heinrich Filho	Irena
Leopold	Irene	João
Lisette	Irma	Jorge
Marie	Iwo	José
Martin	Jettchen	Leopoldina
Meda	Jullijeta	Lorena
Niels	Kadrin	Lucia
Nkolau	Kurti	Luiz
Oda	Lalisa	Luizinho
Olga	Lydia	Luzia
Otto	Marjen	Lydiane
Paul Albert	Maria	Mar. Florendina
Peter	Marta	Marcirio
Philibine	Meta	Mario Móta
Reinhold	Melitta	Mersedes
Tehobald	Philipina	Minda
Walt	Selma	Olinda
Wilhelmine	Silio	Paulina
Wili	Victor	Reimundo
	Wilma Costa	



Terceiro período (pós-1940)



ANEXO C – Quadro completo de romanismos

Nº	DATA	ROMANISMOS
1.	1800-1850	----
2.	01.01.1832	[Professionisten] / Feitorin [pt. <i>feitoria</i>] / Wemtin (2x) [pt. <i>vintém</i>] / Subsidien [pt. <i>subsídio</i>]
3.	21.04.1833	[Hospital] / Doktoren / [Kolonie] / Pikade(2x)/Pikaden / Kamp / Maniok oder Farinen Wurzeln / Batatten / Kolonist(2x) / Subsidien
4.	01.10.1841	[Profession] / Robe [pt. <i>arroba</i>]
5.	25.01.1842	Koli [= Kolonie]
6.	24.07.1853	[Milgen/Milge] / Milres/Milre (2x) [pt. <i>mil réis</i>] / Wendin [pt. <i>vintém</i>]
7.	1854	Picada
8.	20.03.1854	Picada / Millreis(3x)/Millreis Presiljanner Geld / Kurasch (?) / [Kolonie] / Krumet [Grummet]
9.	22.02.1856	[Kapitan/Kapitein/kapedein] / Milreis / [Milgen(3x)/Mühlgen] / [Kolone/koloni(2x)/kolonie(2x)]/keiserlige Kolenin/Kolnin] / an der Rio(2x) / Kanoen / Mühlreh/Mühl / wendien / Quart [Hrs. <i>Quatt</i> , empréstimo do pt. <i>quarto</i> , isto é, medida de massa equivalente a ¼] / Golloni
10.	29.12.1857	Bataten / bohbera [abóbora] / Mühlreh/Mühlres/Mühlre(8x)/Muhltre / [schmier] / [Kohlonie(6x)/Kolohnie] / [Kaptin] / [poten(2x) – do pt. <i>pote</i> ??]
11.	25.05.1858	Picada / [Kolonie] / Millreis(4x)/M. 000 Reis / [Profession] / Colonist/Colonisten / Colonie / Spesen [pt. <i>Despesa</i>]
12.	10.10.1858	Colonisten / Patrer(2x)/Patreer/Patre [pt. <i>Potreiro</i>] / [Milge(2x)] / <i>Poben</i> [pt. <i>Abóbora</i>] / Korahl(2x) [pt. <i>Curral</i>]
13.	01.08.1860	----
14.	20.08.1860	[Koloni] / Abrill
15.	16.07.1864	Milleres
16.	26.11.1865	Corpo [corpo de soldados, batalhão] / desendir / Furiel [pt. <i>furriel</i> < fr. <i>fourrier</i>] / Compani ^a / 12º Corpo de Cavalaria / Novembro
17.	13.01.1866	Man diok / Korpe / janeiro / Prima
18.	09.03.1866	a Campade [pt. <i>acampado</i>] em Marcha / Preso [existe no Hrs. falado hoje] / Tenente / Companhi ^a / Piket [pt. <i>piquete</i>] / [Kabidon (2x) / desendird / [Kunerd – camarada?] / Marco (2x) / Primo

19.	03.05.1866	3. Companhia de 1. Corpo da 4 Bricade de Casadores Amuntade / Maio / Korpo / Serjenden/Serschenden / Furies/Furiel [pt. <i>furriéis</i>] / Kom panhias/Kompania / Tenente / Alferes / Tumuld [pt. tumulto] / Kantil / [Dokdor] / [Hospital] / Furiel da 3. Companhia do 1. Gorpo da 4 Bricade / [Kunrad – camarada?] / Sobrinho / Primo
20.	14.06.1866	Junhio / 1 Corpo de Casadores de G N ^{os} a muntado / Alferes(2x) / Tenente(2x) / [desSpensürd – pt. dispensado??] / [Barackge – pt. barraca] / Furiel da 3 Companhia ^a de 1 Corpo Provisorio amuntado da 4 Pricada / [Kunrad – camarada?] / Primas u. Primo
21.	26.01.1867	Janerio / Corp ^o de Pontoneries 7 ^a Comp. ^a / verheierathet mit / Bangenet [pt. <i>baioneta</i> < fr. <i>bayonette</i>] / Returiren/Retur (fr.) / Batalijon Infantari / Compater / Millreis/Müll / Wendin
22.	10.02.1870	[Milge] / [Kolonin/Kolonien/Kolonie(2x)] / [Qwart -> pt. <i>quarto</i> , hrs. <i>Quatt</i> ???] / Milreis
23.	XX.10.1872	[Batagohns ?] / Brafesjohnisten
24.	11.03.1873	N.B. [<i>nota bene</i>] / Compadre
25.	19.06.1873	Compadre
26.	12.08.1873	Caixa Sabão / A. [= arroba] / Xarque / Frete do Sanxoão [<i>São João</i>]
27.	1874	----
28.	16.02.1877	Milljen(3x)
29.	1880s	Colonie / Mill(2x)
30.	17.09.1881	----
31.	xx.08.1883	Compader (3x)
32.	13.07.1885	Compader (2x) / Comadre
33.	30.09.1888	Poncho de Balle [eigentlich Pala] / Compader/Com pader / Comadre
34.	03.01.1889	Camp / Colonien/Colonie(2x) / Colonist / Munizipium / Milreis / Venda / Pergamots / Farinha / Mandiokawurzel / Passage [pt. passagem, ticket de viagem] / [Plantage] / Potreiro / Rs [reais] / NB. [Nota Bene] / Sr. [senhor]
35.	09.01.1894	Testamend [pt. testamento]
36.	01.06.1895	Tia
37.	02.11.1896	----
38.	26.11.1896	N B. [<i>nota bene</i>]
39.	08.03.1898	borta-bücher [porta livros]
40.	28.11.1905	----

41.	03.03.1910	----
42.	19.07.1911	[dockter]
43.	10.09.1914	----
44.	1915	bassiere [passiere -> pt. passar] / Praça / nohwennas / fohgos / Sinema
45.	30.06.1919	Nene / apraço
46.	12.07.1919	Cinema / Sharobich [xarope,chato] / Prima / Julho
47.	08.08.1919	Sedim / Agosto / Primos
48.	xx.09.1919	Cinema / Espanjolha/Esp. [gripe espnhola]
49.	02.11.1919	[docktor] / Novembro
50.	28.11.1919	Nené / Rio fluss / Novembro
51.	1920	----
52.	29.03.1920	Hast du dich da oben schon einen angeschaft ? [arrumar um namorado - é possível que o pt. tenha influenciado a expressão] / caschimbo / Bloco [carnavalesco] / Tamborin / Cinema
53.	04.04.1920	---
54.	28.09.1920	So gebe ich parabéns / Povoação
55.	25.11.1920	Kolonist / noticias / Pichão / Musickbande / gebe irh viel abraços
56.	09.04.1921	----
57.	04.05.1921	----
58.	05.04.1922	rs [Reais] / “schreibe Dir auf den Stück papier“ [Chama a atenção o gênero masculino de <i>Stück</i> , como no equivalente do pt. <i>pedaço</i> . Em Hunsrückisch, é usado no gênero neutro – <i>das/dat Stick</i> .] / Carteiro / “mit einen abraço u zwei Küsse”
59.	14.04.1922	Namorados / “ <u>Nägstens</u> werde ich mehr schreiben” / Abril
60.	30.05.1922	Maio / „[...] namoren [substantivo], ja das ist alles kalt eis kalt, aus, ich bin <u>despaschirt</u> fon ihm“ [pt. despachado, em Hdt. algo como <i>verabschiedet von ihm</i>] / namorado / Abraço
61.	28.07.1922	Julho / Namorado / Atresieren [fr.]
62.	25.11.1923	[Post Karte]
63.	24.04.1924	Cinema(2x)/cinema / Comicas [gênero de filme, comédia] / Série / Operation [pt. operação, cirurgia] / primas
64.	14.05.1924	Maio / Primo
65.	24.07.1925	café(4x) / Agosto

66.	28.12.1925	Bebechen(2x) / Schubeta / Mamadeira / chá dansante/chá danzante / chá / namoro / den <u>motivo</u> weiss ich nicht
67.	09.03.1926	[Doctor/Docter] / hat der Edgar zimlich <u>Moscas</u> müssen essen? / Papacaiio / Carnaval / Gury / Primo / Prima
68.	10.03.1926	Nené / Clubi / Rebollo / abrasos / lässt den Abraso erwindern [Compare-se pt. retribuir o abraço]
69.	08.12.1926	Dezembro
70.	24.10.1929	Almofadinha
71.	1930	----
72.	1930	----
73.	28.04.1931	Milho(2x) / [Doktor(2x)] / Abril
74.	30.08.1931	Plantage
75.	21.11.1931	praça fest / banquerot [dt. Bankrott,pt. bancarrota] / galareirismus [pt. cavalheirismo] / Argentinos / Augen <u>Operacion</u>
76.	11.06.1933	Miljo / [Dokdor]
77.	16.10.1933	Reumatismo / Dotor(4x)/D.t°./D°t° / Operazion(2x)/operacion/operação / mil [milréis] / Hospital / farmacia / schterben schnell [Compare-se pt. <i>se eu não morrer logo</i>] / Escrituren / Tereno / Outubro
78.	25.10.1934	Holla Holla / Brimer
79.	31.07.1935	Assistenda [pt. assistente] / Esposição Farroupilha
80.	02.08.1935	Aroba(2x) / Milho / Pikat / rs [Reais]
81.	10.09.1935	Bondes
82.	12.08.1936	Guerida / Caminhão / Diretora / Kurs von Educação Fisica
83.	06.09.1936	Saudades / „Hast Du noch nicht auf Deine Bluse gewartet? Bisjetzt konnte ich sie noch nicht stricken habe immer sehr viel zu nähen“ / „sonst noch?“ [pt. De resto, no mais?]
84.	17.01.1937	carteiro / companheiros [amigos] / Cinema / Namoro / Correspondente / Amostruario / Liquidiert
85.	30.01.1937	cinema / Viaducto / Victrolas
86.	06.03.1937	----
87.	02.05.1937	Kolonien / Kolonie
88.	22.08.1937	Sadades
89.	03.06.1938	Multe [pt. multa] bezahlen / 10 conte / Intendencia

90.	25.12.1938	Saudades
91.	28.05.1939	„macht wieder den nächsten Monat ein <u>curso</u> “
92.	02.09.1939	café / três contes de reis / Charutenfabrick [outro ex. de palavra mista] / [Delefon] / Sternencactus [tradução literal de cacto-estrela]
93.	17.04.1940	----
94.	21.08.1940	----
95.	04.01.1943	----
96.	04.01.1945	ros [pt. roça] / manioka / [qwart(2x)] / Wende [pt. venda] / Milho(2x) / Janeiro
97.	20.08.1948	Advogaten(3x) [Observe-se a grafia recorrente com <g>, como no pt. <i>advogado</i> , com plural do alemão <i>standard (Advokaten)</i>] / Kolonisten(6x) / Tostão(2x) / Terrenos / “Rabo de Tatú” / Kontos / [Kolonien] / “Dieses gute Volk ist doch die ewig Melkkuh der Regierung” [Compare-se a expressão corrente do pt. mamar na teta do governo] / Tubarão
98.	11.02.1949	peláto [no sentido de “sozinho”, sem namorada (?)] / Giria [guria] / Milho / [Hospital] / Compader / Primo
99.	20.03.1851	Feio [pt. frei – religioso]
100.	25.01.1957	Contos
101.	07.05.1963	Milho(2x) / Berkamoten / Maio / Fevereiro / Março
102.	09.05.1963	Abril / Banck Abricola/Banco / Escritura / Lotter [pt. Lote] Posto / Requerimend / Primo
103.	20.09.1963	Remédio / roça
104.	19.11.1963	Unibus / Maniok / Milho(2x) / Futtermilho / Bergamotten / Kojalen [pt. goiaba] / Kacke [pt. caqui] / ros
105.	1985	reseta/Reseta [pt. receita] / late [pt. lata] / Açucar (2x) / tschau
106.	01.04.1991	Solteiro / [Hospital] / prima